



Freitas do Amaral em Conferência de Imprensa:

Só as presidenciais permitirão desbloquear a situação política

Freitas do Amaral considerou ontem para os jornalistas que a sua candidatura presidencial «saiu claramente reforçada» com os resultados eleitorais de 6 de Outubro. Frisando que os mesmos resultados embora denotem «sinais de mudança» estão longe de re-

solver o «problema político português», o ex-presidente do CDS afirmou ainda que só as próximas eleições presidenciais poderão «desbloquear a situação».

Pág. 5



**Morreu
Yul
Brynnner**

Pág. 24

Diário de Lisboa

ANO 65

N.º 21 881

Quinta-feira, 10 de Outubro de 1985

Preço 40\$00

Autárquicas

Coligações PSD/CDS/PPM recusadas por tribunal

O Tribunal Constitucional decidiu ontem não autorizar o registo da coligação PSD, CDS e PPM para concorrer às autarquias de Braga, Cabeceiras de Basto, Coimbra e Rio Maior. De acordo com o edital afixado, o TC sublinha que «não se mostrando que o PSD se encontre regularmente representado nos presentes autos (...) decide-se não autorizar a anotação da coligação

constituída para fins eleitorais pelo PSD, CDS e PPM». Fonte social-democrata adiantou que o partido já recorreu da decisão, e explicitou que o problema reside na apresentação por parte de Dias Loureiro, secretário-geral do PSD, de prova que exerce essas funções.

Pág. 9



**Isabel Barreno
no "Ler
Escrever"**



**Glória Padrão:
na política
por afecto** Pág. 2



Malteses à vista

Veloso conduz a bola, ensaiando um dos ataques que podem bater os malteses no duelo em Estugarda (dia 16, com a RFA).

Pág. 17



Foto feliz de um cruzeiro no navio italiano, e do passageiro americano (Leon Klinshoffer) morto pelos palestinianos

Egípcios deixaram partir o "comando"

São ilegais os tripulantes portugueses do Achille Lauro?

Os quatro palestinianos que desde segunda-feira mantinham o sequestro do navio italiano «Achille Lauro», deixaram o território egípcio, com destino desconhecido. Com a rendição incondicional ontem à tarde, dos guerrilheiros, terminou o drama do «Achille Lauro», protagonizado por cerca de 430 pessoas que se encontravam a bordo. O presidente egípcio, Mubarak disse entretanto que, quando os palestinianos abandonaram o país «não tínhamos conhecimento

de que um refém norte-americano tinha sido morto», porque, caso contrário «teríamos mudado a nossa posição em toda a operação». Ainda em relação ao navio, há notícias de que pelo menos alguns dos 78 tripulantes do «Achille Lauro» conseguiram o seu emprego através de agências de emigração clandestinas. A mulher de um desses tripulantes disse, a este respeito: «Não sabemos se aquilo é legal ou não... mas nós precisamos do dinheiro...»

Na política por afecto

Lurdes Feria

Porto, Agosto-85. Rua de Barão de Forester, n.º 702, um edifício novinho em folha, fresco ainda de tinta. Nas escadas cruza-me com alguém a quem pergunto se é ali o PRD. O sr. Sequeira, inscrito de há minutos no partido da balança, confirma. Mal transponho a porta do primeiro andar uma mulher pequenina, de aparência frágil, cumprimenta-me efusivamente. «Senta-te e vamos conversar... mas mais sobre literatura que é do que gosto», diz Maria da Glória, licenciada em Filologia Românica, coordenadora Distrital do Partido Renovador Democrático, eleita deputada em 6 de Outubro.

Fragil? Nada disso. Maria Glória Padrão é uma pessoa muito forte. Qualquer um, na situação em que ela se viu, podia desmoralizar. Um dia acordou paralisada do lado direito, metade do corpo transformado numa massa inerte. Graças à sua força anímica conseguiu vencer o que um acidente vascular nela produzira. Progressivamente vai aprendendo a andar: primeiro uns passos incertos, depois uma maior confiança no movimento e, por fim, já é capaz de correr para o autocarro... Se fechava os olhos não sabia que objecto tinha na mão e quando tomei conhecimento da minha impossibilidade de escrever senti um choque terrível...

Durante o período de recuperação, Maria da Glória Padrão chegou a chorar, tão diminuída, tão infeliz se sentia. É que o acto de fruição da escrita, o simples exercício físico de tocar no papel com a mão, a sensualidade da letra arredondada que eu tinha... desaparecera. Para criar, para passar a escrito o meu raciocínio, tem de ser manuscrito. Quanto à letra recuperei completamente mas até alcançar uma relativa normalidade no resto, demorou um ano. Uma pessoa acaba por se adaptar, aprende a viver com as suas limitações...

Em 1983, no Outono, Maria da Glória Padrão está paralisada numa cama de hospital, e o governo de Pinto Balsemão está estatelado no chão. Entretanto, no Porto, admiradores do general Ramalho comemoram a sua reeleição — jantam juntos. Ela, por razões óbvias não participa. Preocupado, o presidente telefona-lhe: como está? Se presidente, o meu corpo é o retrato do País, paralisou a direita... Solicito, pergunta-lhe a que poderá fazer em seu benefício. Peço-lhe para dissolver a Assembleia da República e para não aceitar Vitor Crespo. Curiosamente, passada uma semana, soube que dissolvera o Parlamento e que dissera não ao candidato indigitado pelo PSD... Claro, que já devia ter tudo calculado mas achei muita piada.

Agradável

Assim se traçou o destino político de Maria da Glória Padrão. Se antes já simpatizava com

Eanes, a partir daí foi o grande encontro. Reconhece-lhe qualidades ímpares no embaciado panorama dos políticos portugueses, considera-o um modelo de honestidade. Todavia, à primeira impressão, quando o viu na altura do 25 de Novembro na televisão, detestou a sua imagem. De óculos escuros, camuflado... assustou-me. Mais tarde, em 1980, quando tive oportunidade de lhe ser apresentada por Miguel Graça Moura mudei de opinião. Estávamos em maré de eleições e os transportes públicos do Porto tinham subido incrivelmente... O presidente pergunta-me: como vai, Maria da Glória? Com a carestia dos transportes vou a pé... Então no jantar de convívio apercebi-me de que Ramalho Eanes era uma pessoa muito agradável. Mais: dei-me conta da sua inteligência, quando respondeu ao discurso de Eduardo Lourenço com um improviso notável.

Deixemos Ramalho Eanes: lá iremos, daqui a pouco. É o «puzzle», entretenimento de que Maria da Glória Padrão tanto gosta, o que agora nos detém. Um «puzzle» de 500 peças é pequeno para mim, prefiro os grandes e muito complicados. No meu caso a mania dos «puzzle» funciona saudavelmente na medida em que constitui a passagem do ritmo apressado de vida (as aulas, a casa, etc...) para o estudo, ritmo bastante mais lento. Divirto-me com jogos de paciência, gosto de conjugar as coisinhas separadas no monte... Há nisto, contudo, um aspecto doentio, pois tenho tendência para o isolamento. Cultivo, portanto, um jogo que acentua a minha vertente solitária, embora aparentemente ser uma pessoa expansiva.

Associo a análise de texto à feitura de um «puzzle», ideia talvez bizarra que exponho a Maria da Glória Padrão. De acordo. Não me interessa o comentário em termos de explicação do texto. Sim, pegar nas atmosferas ou nos mitos... na frequência da palavra ou, ainda, na frequência de determinado som e, a partir daí, construir o meu próprio texto. Na verdade a análise do texto assemelha-se a um exercício de «puzzle». Dá-me tanto,

mais gozo quanto o texto é difícil de penetrar. Evidentemente que adiro emocionalmente ao acto da conquista, da apropriação.

Esta mulher de 44 anos, mãe de duas filhas (a Cristina, de dezoito anos, e a Paula de dezasseis) adora o difícil. Demover obstáculos saltar barreiras e o sabor da vitória quando atinge. E que enorme glória foi decifrar as «Distâncias» de Mario Cláudio, um dos nossos autores mais herméticos! «De facto, apesar desse texto meter dado imenso trabalho ainda hoje o considero um dos meus melhores textos. Já não me agrada tanto «Metáfora em Fernando Pessoa o texto que ganhou o prémio. Talvez porque a minha leitura de Pessoa hoje seja diferente, esteja mais enriquecida com outras perspectivas. É, em suma, um texto meu que já não sinto como meu...»

Quem se fixa ao difícil, tem certamente da literatura exigências de qualidade. A seu ver, da ficção actual, entre cinquenta livros, sobressaem quando muito uns cinco. Com uma franqueza que, por vezes, me parece demasiado directa, confessa que «numa tentação totalitária lhe apetecia proibir o abate das árvores, pelo que a escassez de papel impediria a publicação de tantos livros mais». Com frequência sucede que o best-seller, de ontem, não resiste ao juízo do tempo... A título de exemplo cito «A Romaria», de Vasco Reis, que ganhou um prémio no mesmo ano que «A Mensagem», de Fernando Pessoa, recebeu apenas uma menção honrosa. «Pois honra seja feita a António Ferro, o único elemento do júri que teve a percepção exacta do valor da obra...»

Também ela pertenceu aos júris que premiaram «A Balada dos Cães», de Cardoso Pires, e «Os Meninos de Ouro» de Agustina Bessa Luís. Quanto ao primeiro livro, Maria da Glória votou favorável; no segundo discordou. Preferiu «Para Sempre», de Vergílio Ferreira. «um livro com uma arquitectura exemplar». Consola-se com a convicção de que «os bons livros vencem sempre, mais tarde ou cedo». Gostos não se discutem, não é? «E muito menos em literatura. Olhar para um livro, com a lente do cientista, não resulta...»

Com as leituras atrasadas porque a política a absorve, Maria da Glória Padrão vai contando lendo. O quê? Lê «O Segredo do Abade» de Arnaldo Gama e prepara-se para ler o livro de Margarida Carpinheiro... Ao mesmo tempo lê «A Mecânica dos Fluidos» de Eduardo Prado Coelho e o Tim-Tim... Espanto-me com a diversidade dispare das suas leituras. «Se me aparecer a Crónica Femenina também leio, não tenho preconceitos...»

Leio tudo, o que não quer dizer que não tenho critério de gostos...

Sebastianismo

A política. O militantismo... não a via no PRD, nem militante política — que necessidade estranha foi essa de...? «A não ser uma curta passagem pelo Partido Socialista, em 1974, nunca me apetecera a política. Com efeito, abandonei o PS por me achar sem jeito para a vida partidária. Agora, estou a intervir porque verifiquei um desânimo colectivo em relação ao processo político. Imaginei que poderia haver outros meios de corrigir os desequilíbrios sociais.»

Mas tão afincadamente? «Quando comecei foi com a ideia de ser somente apoiante... depois, sem dar por isso, fiquei envolvida, do que ainda não me arrependi. O que me agrada na política é a arte das probabilidades, a montagem das estratégias e a maneira como se desenvolvem.»

Uma carreira política a desenhá-la?

«De modo nenhum. Fui chamada a exercer certas funções mas com limite de tempo, nunca em definitivo. A política não é um percurso que se inscreva nos meus horizontes. Porquê o PRD? Bem... é um partido que surgiu porque as outras estruturas partidárias faliram ou não souberam dinamizar os estratos da pequena e média burguesia onde se encaixam as pessoas que assistem ao passar das manifestações, arredando ligeiramente a cortina das janelas...»

Mas... o PRD é o espelho de uma burguesia formal, institucional e profundamente provinciana. Será possível colocá-lo na zona da esquerda?

«Isso de esquerda e direita é um lugar comum. Já me apercebi da confusão entre esquerda e direita na minha experiência pessoal... de mulher. Conheço homens, militantes de partidos de esquerda que, no relacionamento com as mulheres, se mostram muitíssimo conservadores, mais conservadores que outros declaradamente de direita. Posso referir-te dois exemplos da mentalidade conservadora de um certo partido dito de esquerda. Uma delas prende-se com o cartaz eleitoral que apelava ao seguinte: mulher, o futuro dos teus filhos está nas tuas mãos... Ora, isto traduz aquela ideia tradicional da fada do lar. Por outro lado, a fulanização de António Barreto, a propósito da lei de Bases da Reforma Agrária, imputando-lhe a responsabilidade como se não existisse por detrás dele um partido, uma estrutura partidária... francamente, parece-me conservador e em desacordo com os princípios do marxismo...»



Ela sabe gostar vigorosamente...

E Ramalho Eanes (a dona Manuela, com a mensagem da caridade...) não é conservador? Faz-me impressão a carga sebastiânica que se colou ao presidente atribuindo-lhe uma missão salvadora...

Certo. É de atribuir... De qualquer maneira penso que o PRD devia manter a clareza de uma finalidade a fim de evitar toda a espécie de sonho sebastiânico. Vivemos numa época em que a configuração de uma constelação sebastiânica se vem gizando, há anos a esta parte, na sociedade portuguesa. Os tempos de crise propiciam a vinda de messias...

E as bruxas e videntes que proliferam. Não será um desvirtuamento grosseiro e primário de um certo território da cultura portuguesa?

Chegámos ao ponto de haver estudantes universitários que não prescindem da consulta, à bruxa, antes dos exames. Também me irrita a atitude pasmada perante o artesanato. É óptimo o artesanato! Já me parece grave o modo como se olha o artesanato... Encontro nele um desejo regressivo a um Portugal rural e idealizado que me cheira a integralismo lusitano. Algo emerge de muito preocupante. A coisa, como o cortejo histórico do dez de Junho e as comemorações de Aljubarrota, não lhe chama grotescas porque gosto da palavra... Chamo-lhe antes burlescas. O desfile das províncias ultramarinas no palco, uma espécie de sonho do grande Império foi perfeitamente tenebroso. Abstraindo do ridículo, seria bom que as pessoas estivessem atentas a estes sinais para não embarcarem no fenómeno sebastiânico.

Todavia, o sebastianismo pode ser entendido no sentido de esperança, de consciência de uma identidade nacional... ou não?

Claro, no sentido usado pela Natália Correia. Ai de acordo..., desde que a carga seja projectiva e não regressiva. No caso de Ramalho Eanes não vejo mal em que um partido se apoie numa figura simbólica. Só estou contra quando a figura assume as características de emblema único do projecto. Julgo, porém, que Ramalho Eanes funciona no PRD como símbolo de sensatez e equilíbrio, o

que se coaduna com o projecto. Se quisermos, ele ajusta-se à figura do português honrado...

Unh... que arrepio! O que é um português honrado?

Tens razão... Eu explico melhor: corresponde, talvez, a um conceito de momento, conjuntural. Será o português que, face às dificuldades, as sabe pensar e medir, que procura actuar com o que é a expressão de voto do povo português. Além do mais, a figura de português honrado também passa por uma imagem de sobriedade. Costumo utilizar, no tocante ao general Eanes, a palavra medievalismo. Aliás associo-o a duas figuras da História de Portugal que muito aprecio. Trata-se de Alexandre Herculanense e D. Pedro V... Repara nesta frase fabulosa de Óscar Lopes que, quanto a mim, define o terreno literário de Herculanense: há uma pátria de nome Herculanense. Na sua biografia ressalta a austeridade: é o que não se vende, é que não se deixa corromper. Ao comparar Ramalho Eanes a D. Pedro V pensei na concepção, que ambos têm, do exercício pedagógico do poder. Ramalho Eanes não responde aos insultos que lhe dirigem, nem se serve da fulanização, nunca em situação alguma perde a dignidade.

Ou a maneira de não se definir... Alguma vez se definiu?

Ao analisar os dados políticos, em presença, dissolveu a Assembleia da República, decisão que explicou num comunicado ao povo português. Julgo que isto é a tal forma pedagógica de exercer o poder...

E Maria de Lourdes Pintasilgo? Que opinião formas dela?

Não nego que me seja simpática, o que não significa uma aderência à sua candidatura. Tem todo o direito de se candidatar como qualquer cidadão mas não acho que corresponda ao ideal do projecto PRD. De resto, a nossa posição em relação à sua candidatura ficou bem expressa na reunião de Tomar. Perante os três candidatos conhecidos reconheço que me identifiquei mais com a engenharia. No entanto, não me parece que a sua candidatura assegure a vitória, por não haver nela uma convergência...

Admites que o PRD venha a apoiar Soares?

«Não sei...»

Continua na pág. 18

Uma batalha perdida, a guerra continua...

O Partido Socialista, pela voz de Almeida Santos, reconheceu a derrota como um episódio de guerra. E Mário Soares admitiu que os cidadãos eleitores viriam a reconhecer que fora injusta a punição infligida ao Partido Socialista. A tese é simples: regista-se uma «batalha perdida», mas mantém-se a convicção de que o Partido Socialista está empenhado numa guerra longa e que, ao cabo de combates de sorte variável, a vitória lhe sorrirá. Mas — pergunta-se — que vitória? A recuperação eleitoral ou a afirmação do socialismo?

Partiu-se da convicção de que a recuperação de perdas eleitorais e danos políticos era possível. Convicção alicerçada num entendimento do sentido da História, apoiada numa concepção da inevitabilidade, a curto ou a longo prazo, da «vitória socialista». Daí a proclamação profética: «perdemos uma batalha, não perdemos a guerra».

Mas para a **guerra** (longa), esta **batalha** (breve) constituía condição determinante e objectivo central. Sem a vitória nesta batalha das eleições legislativas, são mais difíceis as batalhas que se sucedem (a das «autárquicas», a das «presidenciais»). E se, como sucedeu, a «vitória» ambicionada, e admitida, se converte em derrota de proporções estrondosas, o problema da relação dialéctica entra «a batalha que se perdeu» e «a guerra que não terminou», apresenta aspectos mais complexos e mais graves.

Foi uma grande derrota política aquela que o Partido Socialista sofreu. Foi uma derrota que excedeu mesmo as expectativas francamente desfavoráveis ao PS. E que, apesar das «sondagens», dos seus mistérios e das suas revelações, os dirigentes socialistas não esperavam. Lembrem-se da afirmação de Almeida Santos no Terreiro do Paço?

Para o principal protagonista da campanha eleitoral, as eleições estavam ganhas, às urnas, depondo os votos, ia-se formalizar a vitória.

Como explicar este triunfalismo?

Na realidade, quem acompanhou a campanha eleitoral do Partido Socialista e a «excursão democrática» de Almeida Santos, não participava no sonho optimista dos «43 por cento, para governar» e duvidava que se repetissem os «36 por cento» de 1983. Mas, daí, a prever o descalabro, vai uma enorme distância. A queda aos «20 por cento», era imprevisível. Como não entrava no horizonte das previsões a surpreendente afirmação de força da «corrente eanista» e a sua constituição pelo deslocamento de votos socialistas e de votos da área APU.

Estamos confrontados com **uma nova situação política**. Como **eixo político** (do sistema parlamentar) o Partido Socialista perdeu posição e capacidade de iniciativa. A «candidatura presidencial» de Mário Soares terá que ser repensada. E também terão que ser reconsideradas algumas «coligações» para as eleições autárquicas. Mas esta **situação nova**, não deverá ser já celebrada como **uma situação de mudança**. É prudente, e é necessário, verificar o que o Partido Renovador Democrático (PRD) é capaz de fazer da sua grande vitória política e eleitoral. E, também, é necessário ver o que o Partido Socialista é capaz de fazer da sua grande derrota política e eleitoral.

O Partido Socialista pode mostrar-se capaz de uma atitude crítica que o leve à rectificação da errada estratégia, a uma reconsideração da coerência política e ideológica, a uma reaproximação relativamente às origens — a tradição socialista portuguesa, a resistência republicana, o militantismo antifascista. O Partido Socialista poderá reavaliar o quadro das suas orientações tácticas, dos seus critérios de alianças, desatrelar-se de compromissos espúrios, libertar-se de concessões e conivências, dar, no seu seio, a palavra aos militantes que não perderam a perspectiva democrática e reformadora de Abril. O Partido Socialista poderá deixar de se exaltar e diminuir na obsessão de dois sentimentos insensatos: o «anticomunismo» e o «antieanismo».

Na perspectiva de Abril, e dos interesses do povo, dos trabalhadores, a solução política — um

Governo democrático para a recuperação nacional — era possível a partir de uma iniciativa presidencial com suporte parlamentar do PRD, da APU e do Partido Socialista. Era um Governo contra a «política de Direita». Política que Cavaco Silva pretende assumir elegendo como aliado preferencial o CDS. Ora na medida em que Cavaco Silva se posiciona contra o PS, contra a APU, contra o PRD, aos «socialistas» do PS será difícil iludir a necessidade de uma redefinição estratégica clara. E só não ficarão **dependentes**, se souberem criar as condições de movimento e de iniciativa. Despirem-se de preconceitos «antieanistas», distanciem-se do «anticomunismo» primário e subserviente. Os auxílios financeiros estrangeiros não compram as consciências portuguesas, não conquistam, não fixam votos. As possibilidades de «voto de protesto» (ou de «votos de desilusão»), não estão esgotadas.

E por isso que a **batalha** deverá ser avaliada como derrota, e as razões da derrota devem ser examinadas com espírito crítico, com coragem crítica. Doa a quem doer. Longe do nosso espírito inculcar que da simples crítica da derrota possam florir, ridentes, as fáceis condições de recuperação. Mas se a crítica for abafada pelo triunfalismo, se a **batalha perdida** não foi considerada como um momento grave (e uma lição exemplar) no decurso de uma **guerra longa**; se dela se pretender limitar as consequências políticas (e a lição política) por uma fuga para a frente na mesma estrada, então são permitidas as maiores apreensões quanto ao futuro do Partido Socialista.

O que tem aspectos negativos, sombrios. Em Portugal havia lugar (há lugar) para um **partido socialista português** fiel à resistência republicana e antifascista, tradicionalista (o movimento operário português tem uma história e uma tradição) e inovador, capaz de protagonizar as reformas sociais e estruturais, a modernização da sociedade, a democratização do Estado, a defesa da Independência Nacional e da Paz.

Crónica de Economia Política

A crise do Estado e a política económica (2)

Mário Murteira

O malogro das políticas económicas

Com a profunda crise económica mundial da última década, entraram também em «crise» ideias e concepções da política económica que se afirmavam razoavelmente estabelecidas no decurso dos anos 60 e começos dos 70. Evidentemente que não havia unanimidade (longe disso!) de pontos de vista entre os diferentes paradigmas do pensamento económico, ou mesmo entre os autores situados em cada um deles. Assim, no campo daquilo que se convencionou chamar economia política do desenvolvimento (ou do crescimento), geralmente mais próxima — ou menos afastada — de Marx do que de Walras, Marshall ou mesmo Keynes, muitas posições dominantes foram postas em causa menos pelo debate teórico que pelo simples desenrolar do processo histórico. As «teorias» da dependência, as concepções autocentradas do desenvolvimento, as rupturas com a or-

dem capitalista inter-nacional e intra-nacional, o papel determinante do Estado, eis alguns dos grandes temas que entraram também em «crise», juntamente com o sistema mundial que (paradoxalmente) tais ideias e concepções procuravam combater. Mais uma vez — como nos anos trinta deste século — parecia que a realidade passava bem à margem das ideologias económicas estabelecidas, tanto dos defensores do **establishment** como dos seus adversários militantes.

Afinal neste domínio, como em tantos outros, a prática antecede a teoria e um bom começo para a revisão da segunda é examinar a primeira com a maior objectividade possível, isto é, fazendo tábua rasa de todos os preconceitos, incluindo aqueles que se disfarçam de conhecimento científico.

De notar ainda que uma soma apreciável de temas candentes, hoje, em debates não só de política económica mas também de política «tout

court» confluem na área desta reflexão. Assim quanto ao significado do projecto socialista de transformação social, quer ao Norte quer ao Sul, quanto à contradição ou complementaridade entre «mercado» e «plano» (ou ao papel do Estado **versus** concorrência e mecanismo dos preços) quanto à eficácia ou irrelevância do projecto da chamada Nova Ordem Económica Internacional, quanto à própria noção de desenvolvimento (debate sobre estratégias «alternativas»), enfim, quanto ao possível relacionamento teórico e prático entre não alinhamento, pacifismo, ecologismo e desenvolvimento.

Admitamos uma dicotomia, confessadamente simplista, na classificação das estratégias de desenvolvimento: as estratégias que, duma forma ou outra, procura no mercado mundial o grande impulso para o crescimento e o desenvolvimento (estratégia A); as estratégias que procuram esse impulso numa dinâmica endógena, ainda que articulada de certa forma nas relações económicas externas (estratégia

B). A diferença entre ambas não está pois — nesta formulação — na **abertura** duma e **fechamento** doutra: a distinção encontra-se antes na ênfase atribuída à engrenagem endógena ou exógena do crescimento. Precisemos esta noção de exógeno ou endógeno, na análise das estratégias económicas de desenvolvimento. A questão remete tanto para a discussão dos objectivos como dos instrumentos da política económica.

Quanto aos objectivos, a estratégia de tipo B visa assegurar, na medida do possível, o **contolo nacional** do processo de acumulação e crescimento e, ao mesmo tempo, o **desenvolvimento equilibrado** dos vários sectores (designadamente da agricultura e da indústria) e regiões do País.

Quanto aos instrumentos, o Estado assegura, quer pela sua actuação directa como agente produtivo quer pela regulação planificada da actividade económica, o papel decisivo no funcionamento do sistema económico.

A estratégia alternativa, de tipo A, atribui ao capital pri-

vado, interno e externo, papel muito mais significativo e dado o carácter internacional, mesmo trans-nacional, que esse capital cada vez mais assume, é lógico que seja desvalorizado o elemento nacional e endógeno que, ao contrário, é priorizado na primeira estratégia.

Em síntese, «endógeno» e «exógeno» significam, neste caso, voluntarismo ou passividade face à ordem económica internacional e intra-nacional, primazia ou secundaridade atribuída ao Estado como agente económico, integração **interna** ou integração **externa** como caminhos privilegiados do desenvolvimento económico nacional.

Condições do êxito

O êxito das estratégias de tipo B estaria condicionado por duas ordens de factores: referentes à capacidade de os estados nacionais **praticarem** as orientações essenciais de concepção «endógena» do desenvolvimento; relativos à evolução da ordem económica internacional e dos condicio-

namentos daí decorrentes sobre as economias periféricas.

Quanto a este segundo aspecto, sabe-se como foi decepcionante a evolução das relações económicas internacionais na última década, em sentido bem diverso do postulado pela Nova Ordem Económica Internacional, cujos princípios foram consagrados pela ONU em 1974, designadamente na Carta dos Direitos e Deveres Económicos dos Estados.

Quanto ao outro aspecto, não se pode evidentemente confrontar pela experimentação social algo que não se conforma, na sua formulação, às exigências duma prática. Poder-se-á sempre argumentar que tal concepção de política económica falhou por não ter sido adequadamente praticada, na transposição dos seus pressupostos para uma realidade concreta e, como tal, específica. No entanto, se essa situação se verifica com excessiva frequência poder-se-á admitir que a estratégia requer comportamentos **possíveis**

Continua na pag. 12

IMPRESSOR DE OFFSET

PRECISA-SE

Com experiência de rotativa.
Resposta a este jornal ao N.º 21 001
indicando "currículum".



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e na Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Torres Novas, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP-Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1070, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Santiago, concelho de Torres Novas, de uma linha aérea a 15 KV, com 803 m, do P.T.C. TNV n.º 29 de Carreiro da Areia ao P.T. TNV 39 C da Sociedade Agro-Pecuária da Quinta da Rainha.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, ou na Secretaria da Câmara Municipal, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 2 DE SETEMBRO DE 1985

Pel' O Engenheiro Director,
Joaquim Gonçalves dos Santos

A SUA CASA ESTÁ AQUI
NO PARQUE DA



ANDARES PARA VENDA
COM 3, 4, 5 ASS. E LOJAS

ÓPTIMAS CONDIÇÕES DE PAGAMENTO
COM UM SINAL INICIAL DE 5%

Situa-se entre Benfica, Carnide e Pontinha
Contacte-nos na empresa Alves Ribeiro
no próprio local lote 38 r/c ou pelos
telefones. 99 2052 • 99 55 41 • 73 15 12



Alves Ribeiro, Lda.

ESCRITÓRIO DE VENDAS
COLINA DO SOL, LOTE 38 • TEL. 99 20 52
2700 LISBOA

Formação de novo Governo:

Eanes diz ter pressa enquanto o PSD reflecte

Eanes não esperará pela publicação dos resultados definitivos das eleições para desencadear o processo tendente à formação de novo Governo. Esta iniciativa é inédita na actuação do presidente Eanes que, num comunicado, explica que «considera excessivos» os «limites temporais impostos pela Lei Eleitoral» e, por isso, «carecidos de serem revistos no futuro».

Segundo o comunicado de Belém, «entende o Presidente da República que o processo de formação do novo Governo deverá decorrer com a urgência exigida pela actual situação do país, para que, sem prejuízo da necessária ponderação, seja encontrada uma solução governativa ajustada ao novo quadro parlamentar».

No quadro da «urgência» que pretende conferir à constituição do futuro Governo, Eanes entende que as audiências da passada sexta-feira com o Primeiro-Ministro, Mário Soares e com o presidente do PSD, Cavaco Silva, já se inseriram «nas diligências» para a formação do próximo executivo.

Trata-se da primeira vez que Eanes resolve «acelerar» um processo deste tipo, mas uma fonte social-democrata disse que Cavaco Silva foi previamente informado dessa decisão, quando antecede o seu deslocamento a Belém, e que o líder social-democrata não teria levantado objecções.

PRD duro

Enquanto Belém emitia este comunicado, o porta-voz do PRD, Carlos Lilaia, excluía a hipótese do PRD vir a concluir com os sociais-democratas um acordo de incidência parlamentar para viabilizar um Governo PSD.

Assumindo uma posição dura, Carlos Lilaia acrescentaria: «No máximo, o que está em questão é um acordo para não inviabilizar um Governo e nada mais do que isso».

Mesmo assim, os renovadores democráticos mantêm as exigências já feitas no comunicado da sua Comissão directiva, divulgado na segunda-feira.

«Não voltaremos atrás quanto a esses pontos e só abordaremos de novo a questão na nova As-

sembleia da República», disse.

As exigências do PRD incluem, nomeadamente, uma remodelação do sector público da Comunicação Social, a nomeação de gestores públicos segundo critérios de competência e o fim das «guerrilhas» entre órgãos de soberania.

De qualquer modo, o porta-voz dos «eanistas» pôs de parte qualquer hipótese de contactos com os sociais-democratas antes da abertura do Parlamento, na primeira semana de Novembro, atitude que contrasta com o carácter de «urgência» que o Presidente Eanes pretende imprimir ao processo de constituição do Governo.

PSD reflecte

Enquanto Eanes diz ter pressa e o PRD recusa contactos antes de Novembro, a direcção do PSD «reflecte».

Ontem e hoje os dirigentes nacionais sociais-democratas consideram-se em «período de reflexão» para «encontrar respostas», a discutir amanhã durante uma reunião da Comissão Permanente do partido.

Na passada terça-feira, numa outra reunião daquele órgão, os dirigentes do PSD ter-se-ão confrontado com a questão como a da formação de um governo minoritário, com ou sem acordo parlamentar com outro partido.

Dado que com o CDS os sociais-democratas não conseguirão reunir maioria no Parlamento, as possibilidades de acordo foram circunscritas ao PS e ao PRD.

Outra questão já abordada, e sobre a qual os sociais-democratas também estão a «reflectir», diz respeito às eleições presidenciais e à incidência que as mesmas poderão ter na conclusão de qualquer acordo



com socialistas ou com renovadores democráticos.

Uma fonte social-democrata confidenciou que Cavaco Silva, para além da «reflexão», tem também abordado algumas personalidades que eventualmente poderão integrar o seu governo, mas não foram revelados nomes.

Enquanto isto, João Jardim, recém-regressado do Havaí, manifestou-se hoje em Lisboa favorável à formação de um governo PSD-PRD. Simultaneamente, Jardim declarou a sua oposição a um governo minoritário dos sociais-democratas.

Condição posta por Jardim para um acordo: «que o PRD deixe de ser um partido de meias-tintas».

Para o líder madeirense, PRD e PSD têm em comum o facto de terem sido os únicos partidos que se apresentaram ao eleitorado «com críticas a todo o sistema político».

Registe-se que o PSD deve reunir a sua Comissão Política na próxima semana, podendo-se seguir, antes do fim do mês, uma outra do seu Conselho Nacional.

«Os Verdes»

Embora não se conheça qualquer vertente ecologista institucionalizada no PRD, a verdade é que este partido já suscitou o apoio de um dos mais importantes partidos ecologistas europeus: «Os Verdes» da República Federal da Alemanha.

O deputado por aquele partido, Frieder Wolf, que visita Portugal, disse ontem em Setúbal que «o PRD vai ser o partido com que «Os Verdes» alemães vão cooperar».

Esta declaração seguiu-se a contactos com Natália Correia e dirigentes do PRD, bem como Viriato Soromenho Marques, presidente do projecto «Setúbal Verde».

«Embora o PRD não seja «verde» nem «alternativo», é com este partido que Os Verdes alemães prevêm uma futura cooperação mais institucionalizada, sem excluir um possível apoio ao Partido Socialista», disse Frieder Wolf que não fez qualquer referência a Os Verdes que integram a APU e que, assim, para além de contarem com pouco apoio do movimento ecologista português, vêem também reduzida a sua expressão internacional. E.R.

Basílio Horta crítico

Dirigentes centristas estão solidários com Lucas Pires

Diversos dirigentes centristas tomaram ontem posição de solidariedade com o presidente do CDS, Lucas Pires que anunciou a decisão de demitir-se da direcção do partido face aos resultados eleitorais de 6 de Outubro.

Gomes Pinho, vice-presidente, manifestou a sua «total solidariedade» com Lucas Pires sem todavia especificar se apoia ou não o seu pedido de demissão, que irá ser debatido na reunião do Conselho Na-

cional marcada para sábado próximo.

Manuel Queiró, presidente da Comissão Política distrital de Coimbra do CDS, considerou, por sua vez, a demissão de Lucas Pires «uma decisão precipitada». O CDS de Coimbra — frisou «solidarizar-se por completo com Lucas Pires, mas entende que se trata de uma precipitação», pois «difícilmente a decisão de Lucas Pires trará qualquer vantagem

para o partido, em especial neste momento».

«O reposicionamento estratégico do CDS só se poderá fazer em congresso extraordinário e pelo menos até lá, Lucas Pires deveria liderar», salientou ainda Manuel Queiró.

Também João Morgado, presidente da distrital de Viseu, manifestou surpresa pela decisão do líder centrista, frisando que Lucas Pires «tomou a direcção do partido em condições extremamente difíceis e

que desejaríamos se mantivesse à sua frente».

Diferente parece a posição de Basílio Horta para quem o CDS deverá fazer uma «reflexão» sobre as profundíssimas alterações resultantes destas eleições».

Para o antigo dirigente do CDS, «ficou provado que a liderança da direita foi assumida por Cavaco Silva, enquanto a esquerda está crescentemente, a ser assumida por Ramalho Eanes através do PRD».

Freitas optimista:

'A minha candidatura saiu reforçada'

«A minha candidatura saiu claramente reforçada destas eleições legislativas», considerou Freitas do Amaral, em conferência de Imprensa realizada ontem e destinada a analisar os resultados eleitorais de 6 de Outubro e respectivos efeitos na sua candidatura presidencial.

O antigo presidente do CDS considerou ainda que «entrámos num tempo de mudança» e justificou o seu optimismo quanto às presidenciais afirmando que a «posição revolucionária, continuadora do vanguardismo populista de 1975» (Pintasilgo) saiu destas eleições «profundamente dividida» e que a «posição conservadora» (Soares) ficou «fortemente diminuída».

Adiantou, por outro lado, que «o conjunto das forças do reformismo democrático» (onde Freitas do Amaral se considera integrado) é hoje «numericamente o mais forte dos três e, dentro dele, a principal formação partidária saiu vencedora e vai assumir responsabilidades da governação».

Retomar AD

Considerou, entretanto, que «a quebra acentuada do PS» e o «lançamento expressivo do PRD» não resolveram o problema político português pelo que — frisou — a sua candidatura e a sua eleição para Belém «são hoje mais necessárias e mais úteis do que nunca».

Sobre um eventual apoio do PSD, afirmou que aquele partido «decidirá livremente o que entender dever fazer em relação às eleições presidenciais».

«O que posso afirmar — acrescentou — é que me integro na área que corresponde à partida aquilo que foi o eleitorado da Aliança Democrática em 1980 e que me proponho contribuir para retomar o projecto que, conjuntamente com Francisco Sá Carneiro lançámos em 1980. Dessa área faz parte o PSD e a partir daí os senhores tirarão as conclusões que entenderem.»

Sobre a queda eleitoral do CDS, Freitas do Amaral apenas afirmou: «Lamento essa baixa de votação, mas penso que ela é atribuível única e exclusivamente ao voto útil.»

Adiantou também as suas previsões sobre a data da realização das eleições presidenciais, afirmando que elas se deverão realizar num período entre

12 e 19 de Janeiro e a segunda volta, três semanas depois, conforme a Constituição e a lei prevêem.

Pré-campanha

A conferência de Imprensa de ontem foi considerada o início da pré-campanha eleitoral, tendo estado presentes na sede de candidatura de Freitas do Amaral, alguns dos seus apoiantes, nomeadamente Carlos Macedo, André Gonçalves Pereira

e Daniel Proença de Carvalho.

No final, Freitas do Amaral anunciou que irá apresentar no dia 16 o seu livro «Uma Solução para Portugal», que caracterizou como «uma reflexão pessoal onde analisa a História de Portugal nos últimos 150 anos, a experiência do constitucionalismo português e as principais lições dessa experiência histórica, as principais causas do atraso português nos diversos domínios e quais os caminhos que deverá seguir para se modernizar e desenvolver».



Desbloquear a vida política portuguesa...

ser dono do tempo é privilégio do ar condicionado pode ser o seu privilégio **SALA DE ESTAR**



A sala de estar é o centro da sua casa. É lá que você se refugia num bom livro ou joga uma partida de xadrez; é lá que estão as imagens de televisão ou o som da alta-fidelidade. É lá que recebe os seus amigos, é lá que sente que, afinal, vale a pena... Por isso, é lá que tem o seu ar condicionado.



FRAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Fábrica Nacional de Ar Condicionado

Tel. 218 33 67/70 - Telex 18276 ARFNAC P
CLIMANORTE - PORTO - Tel. 69 31 45 - 69 41 09
CLIMACENTRO - LISBOA - Tel. 714 08 39 - 714 08 28
CLIMASUL - PORTIMÃO - Tel. 24 373 - 26 048 - Telex 57355 CLIMAS P

Candidatura de Soares

Comissão Política reuniu-se ontem

A comissão política da candidatura de Mário Soares à Presidência da República reuniu-se ontem pela primeira vez desde o início da campanha eleitoral para as legislativas.

A comissão política analisou a situação criada pelos resultados eleitorais tendo concluído, unanimemente, que «ficou reforçada a oportunidade da candidatura e a necessidade da eleição de Mário Soares».

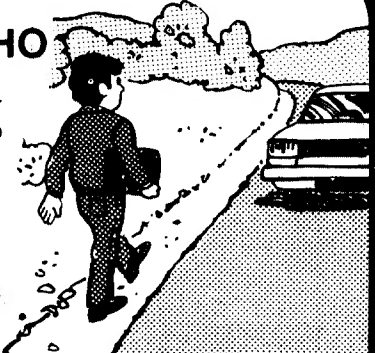
POLÍCIA JUDICIÁRIA

ANTIGOS FUNCIONÁRIOS

Por ocasião do 40.º aniversário da Polícia Judiciária, realizar-se-á, no dia 20 de Outubro, um almoço convívio que reunirá antigos e actuais funcionários residentes na área de Lisboa. Inscrições até ao próximo dia 14 através dos Telefones 574024 e 543610.

ENSINE O SEU FILHO

Ensine o seu Filho a caminhar do lado esquerdo da Faixa de rodagem, para ver de Frente os veículos



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

Está afectado o estatuto do jornalista na R. R.

O Sindicato dos Jornalistas vai apresentar queixa-crime contra o Conselho de Gerência da Rádio Renascença, tendo a participação judicial como fundamento a prestação de falsas declarações para obtenção ilegítima do título profissional.

Anos atrás, uma trabalhadora da Rádio Renascença obteve uma carteira profissional, uma vez que estava na posse de uma declaração oficial da administração da estação emissora, que a titulava como jornalista.

Recentemente, a trabalhadora apresentou queixa junto do Sindicato dos Jornalistas de que a tinham retirado das funções jornalísticas e afastado da Redacção.

Perante o insólito da situação, a Direcção do Sindicato avisou-se com um administrador da Rádio Renascença, a fim de repor a legalidade, que parecia ter sido violada. Não foi sem espanto que a Direcção do SJ ouviu o administrador reconhecer que foram prestadas falsas declarações, a fim de que fosse passada carteira profissional à trabalhadora, a qual, segundo informou, nunca exerceu funções jornalísticas.

Perante a gravidade dos factos, o Sindicato dos Jornalistas decidiu remeter o assunto a tribunal, a fim de preservar a função e o Estatuto dos jornalistas de futuros actos como este.

"A derrota e o futuro"

"Acção Socialista" critica ingratitude do país

Os portugueses são uns ingratos, é a conclusão que se pode tirar do resultado eleitoral de domingo, na óptica do subdirector do semanário «Acção Socialista», José Manuel dos Santos.

Com efeito, em artigo publicado naquele órgão partidário, José Manuel dos Santos acusa o País de não sentir gratidão «ou mesmo só justiça a quem o salvou, e o doente, após a cura e os tormentos dele revoltou-se contra o médico».

Depois de referir que o PS não esperava a derrota eleitoral — «que não a merecia», a prosa, sob o título «A derrota e o futuro», foca a questão do PRD, referindo que o partido o substituiu, convencido de que «não havia aí coerência, moral ou sequer razoabilidade». «Quando surgiu Manuela Eanes a fazer o discurso da boa vontade e do pão para todos, era já tarde, demasiado tarde. Foi a vingança, a um tempo, dos chás de caridade

e do neo-realismo. Cecília Supico Pinto e Alves Redol estão mais vivos do que se imagina. E Miguel Torga, tão citado e recitado, pouco tem a ver com isto», escreve o cronista.

«Não deixamos de ser quem somos», adianta José Manuel dos Santos, reconhecendo que das eleições há a retirar lições, «porque temos a certeza que o futuro está na nossa mão».

Federação de Coimbra: a serenidade

Entretanto, a federação distrital de Coimbra do PS congratulou-se por os socialistas continuarem maioritários em oito dos 17 concelhos do distrito e terem uma média distrital «substancialmente acima da média nacional».

O secretariado da federação saudou a fidelidade dos seus votantes e também o PSD e o PRD,

pelos resultados eleitorais que obtiveram.

Na óptica do PS, o PSD conseguiu a sua vitória «através da nova liderança» e fazendo esquecer «as suas responsabilidades continuadas na governação do País, em particular ao longo dos últimos seis anos».

Quanto ao PRD, os responsáveis locais do Partido Socialista consideram que este partido se valeu da figura do Presidente da República para, «sem qualquer recorte ideológico, captar uma faixa apreciável de votantes socialistas».

O secretariado da federação distrital do PS declarou que os socialistas de Coimbra «encaram com serenidade os resultados destas eleições».

Afirma, por outro lado, que o PS se vai empenhar no reforço do poder local, «submetendo-o à prova das eleições com o nosso símbolo e a nossa sigla».

Centrais sindicais e as eleições

UGT: não exclui "negociar" com o novo Governo CGTP: "nova situação" para defesa dos trabalhadores

As centrais sindicais tomaram já posição relativamente aos resultados eleitorais, através de comunicados das respectivas comissões executivas. Assim, enquanto a UGT manifesta já a vontade de uma «negociação responsável e séria» com o futuro Governo, a GCTP-IN reafirma que, «qualquer que seja» a solução governativa, terá de se ter em conta as aspirações, reivindicações e os interesses dos trabalhadores, sem o que — di-lo a experiência — não será possível uma política estável que resolva os gravíssimos problemas nacionais, no respeito pelo 25 de Abril».

A CGTP recorda ainda que o resultado eleitoral mostra que «foi claramente condenada a política ruinosa e antidemocrática seguida nos últimos anos e, em particular, pelo Governo PS/PSD» e que se criou «uma nova situação que favorece o

alargamento do consenso político e social em torno dos problemas nacionais».

Exorta, finalmente, a CGTP os trabalhadores para que «nas novas condições políticas prosigam a luta em torno dos seus problemas», designadamente os que foram definidos pelo plenário de Julho passado (salários em atraso, desemprego, custo de vida, revisão dos contratos colectivos, actualização de pensões e do salário mínimo, defesa do sector público empresarial, da Reforma Agrária, do cumprimento das decisões judiciais favoráveis aos trabalhadores, do combate à corrupção, etc.).

A Comissão Executiva da CGTP decidiu, por outro lado, convocar para terça-feira dia 15 o conselho nacional da central «para aprofundar a análise da situação político-social e decidir em conformidade».

AOS NOSSOS EXM. CLIENTES, COMERCIANTES E PARTICULARES

Nos dias 14 (segunda-feira) a 18 e dias 21 a 25 de Outubro de 1985, às 21.00 horas prefixas

LEILÃO DE LIVROS

de uma interessante e valiosa biblioteca contendo obras antigas e contemporâneas, que pertenceu a uma distinta Olissiponense, cujo leilão se realiza nos salões de pregão, à

RUA LUZ SORIANO, N.º 53 — LISBOA

Constando de cerca de 3000 lotes sobre arte, arqueologia, etnografia, monografias, filologia, literatura, história, antigo Ultramar Português, descobrimentos, manuscritos dos Séculos XVI a XX, registos de santos, postais ilustrados, estampas, retratos, Santo António de Lisboa, Teatro, Matemática, Direito, Ciências Várias, milhares de opúsculos, centenas de publicações periódicas, política, grandes colecções de autógrafos com milhares de cartas e outros escritos sobre Eça de Queiroz e que pertenceram a D. Ana Castro Osório e seus familiares Dr. António Luís Gomes, Mário da Cunha Areias, etc.

EXPOSIÇÃO:

Os livros estão expostos desde dia 7 de Outubro e nos dias de leilão, dentro do horário comercial, com excepção de sábados e domingos, em que esta firma está encerrada. Comunicamos que não aceitamos reclamações de qualquer espécie sobre os lotes vendidos, pelo que solicitamos que examinem convenientemente as devidas obras que desejarem adquirir.

AVISO:

Agradecemos que conservem convenientemente o catálogo, visto não nos ser possível fornecer outro exemplar.

Lelão confiado aos leiloeiros e avaliadores



SOARES & MENDONÇA, LDA.

R. Luz Soriano, 53-1.º • Tel. 321312 - 369880 • 1208 LISBOA

LOTARIA ESPECIAL DE OUTUBRO



taluda **60.000** contos
e muitos milhares de contos em prémios!
Dia 11 anda a roda

DÉCIMO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DO NOTÁRIO
LIC. MOISÉS DOS SANTOS MARTINS

CERTIFICADO, que por escritura de 28 de Agosto de 1985, lavrada de folhas 93 verso a folhas 94 verso, do livro 32-H, de escrituras diversas deste cartório, foi aumentado o capital social da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que gira sob a firma SILVEIRA MAGALHÃES LIMITADA, com sede em Lisboa, no Aeroporto da Portela de Sacavém, Corpo Central, que era de 300 000\$000 em mais 1 200 000\$000, ficando o por consequente em 1 500 000\$000, e alteram, parcialmente, o pacto social substituindo a redacção dos artigos primeiro e quarto, pela seguinte:

SILVEIRA MAGALHÃES, LIMITADA e tem a sua sede na Urbanização da Portela, lote cento e noventa e sete, terceiro andar-D, freguesia de Sacavém, concelho de Loures.

QUARTO - O capital social é de UM MILHÃO E QUINHENTOS MIL ESCUDOS, esta integralmente realizado em dinheiro e nos diversos valores constantes da escritura, e corresponde à soma de duas quotas, iguais, de setecentos e cinquenta mil escudos, pertencendo uma a cada uma das sócias.

Está conforme.
Lisboa, aos nove de Setembro de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Ajudante
(assinatura ilegível)

«D.L.» - 10/10/1985

CML



“não deite
papel no chão”

Chuva de protestos dos advogados continua esta tarde em Monsanto

Protestos de advogados de defesa deverão preencher uma parte substancial da quinta sessão do julgamento do «caso FP» que esta tarde prossegue em Monsanto. Em causa estarão, segundo tudo indica, decisões ontem tomadas pelo juiz-presidente Adelino Salvado que, no entender de advogados de defesa, não tem utilizado «com senso» a autoridade que a lei lhe confere. Momentaneamente «esquecido» parece estar o despacho de pronúncia ontem lido em Monsanto por cinco funcionários judiciais que se foram reveesando ao longo das seis horas de sessão.

Já conhecido nas suas linhas-mestras, o despacho de pronúncia elaborado pelo juiz Adelino Salvado, suscitou, com efeito, o interesse dos que ontem se encontravam no Tribunal de Monsanto. Ao fim da tarde, a debandada era geral e no espaço reservado ao público apenas três famílias de detidos do «caso FP» aguentaram até às 21 horas, altura em que foi encerrada a quarta sessão do julgamento dos 73 réus acusados de pertencerem às FP-25. No entanto, ao longo da monótona leitura das cerca de 200 páginas do despacho de pronúncia, a questão levantada, no início do julgamento, por Salgado Zenha impôs-se de novo. Ela é, aliás, para outros advogados de defesa, a objecção de base que se coloca a este julgamento. Em causa está, afinal, a imparciali-

dade do juiz-presidente, que ao elaborar o despacho de pronúncia, dá praticamente como provados os factos apresentados pela acusação.

Isso mesmo se encontra patente na abertura do despacho, na qual se afirma: «recebo, quanto a eles (réus), a acusação deduzida pelo digno magistrado do Ministério Público, porquanto os autos indicam seguramente os seguintes factos que passamos a descrever», seguindo-se, como se depreende, a acusação que impende sobre os réus, bem como a descrição da estrutura das Forças Populares-25 de Abril e um histórico da sua formação.

No entanto, e conforme noticiámos, nem o juiz Adelino Salvado, nem o Ministério Público consideraram relevante a objecção de inconstitucionalidade,

no que respeita à composição do Tribunal, levantada por Salgado Zenha. Para o primeiro, «não é minimamente possível confundir acusações com despacho de pronúncia», uma vez que neste apenas se avalia a acusação. Para o Ministério Público, «os presentes autos estão de conformidade com os princípios gerais do Processo Penal», uma vez que a lei apenas obriga «a que a entidade julgadora seja diferente da entidade instrutora» o que no presente caso se verifica.

Seja como for e apesar do segredo de justiça nunca ter funcionado a 100 por cento, permitindo assim o conhecimento antecipado da acusação que impede sobre os réus, o despacho de pronúncia pertence, desde ontem, ao domínio público e dele sai fortemente acusado Otelo Saraiva de Carvalho. Conforme noticiámos noutras ocasiões, Otelo, conjuntamente com Mouta Liz, Pedro Goulart e Humberto Diniz Machado são supostos terem «promovido, fundado e dirigido» as FP-25 de Abril. Acusados de dirigirem a «organização», nas suas componentes, subcomponente e frentes de luta, estão também César Escumalha, Júlio de Castro, Maria da Luz Santos, num total de 25 nomes. Todos os outros réus são acusados de

terem «aderido consciente e voluntariamente à organização».

Como é sabido, o crime de que são acusados os réus é punido nos termos do artigo 288 do Código Penal que estabelece penas entre 5 a 15 anos de prisão para «quem promover ou fundar grupo, organização ou associação terrorista» e penas de 10 a 15 anos para quem as chefiar ou dirigir.

Componentes

Segundo consta do despacho de pronúncia, os réus do «caso FP» pretendiam concretizar um «Projecto Global» que «tinha e tem como finalidade, mediante a via violenta da utilização de armas, a destruição das instituições do Estado». Para a concretização de tal projecto, existiam, segundo a acusação, quatro componentes: a componente legal, designada por OPM (OUT+FUP); a componente armada, designada por ECA (Estrutura Civil Armada) e habitualmente conhecida por Forças Populares-25 de Abril; a componente «Quartéis», composta por militares e a componente individual, designada por componente «Otelo», «O», «Oscar» ou «Unidade».

Segundo o despacho de pro-

núncia, esta última componente, referida a Otelo, «surge como o aproveitamento tático da sua figura carismática de herói nacional na revolução de Abril», símbolo da liberdade, personalidade de prestígio nacional e internacional. Para a acusação, esta era uma componente «fortemente determinante da cooptação de elementos para o projecto, através da invocação do seu nome como elemento proeminente da organização».

De referir ainda, que o despacho de pronúncia é «rico» em datas de reuniões, em nomes dos que nela participaram e no conhecimento das ordens de trabalhos a que alegadamente obedeceram.

«Autoritarismo»

Antes da leitura do despacho de pronúncia, a sessão de ontem do julgamento do «caso FP» conheceu um novo incidente entre advogados de defesa e o juiz Adelino Salvado. O advogado Pessanha Gonçalves requereu que lhe fosse dada uma resposta ao seu protesto quanto ao posicionamento dos réus («arrependidos» na sala do Tribunal propriamente dita e os restantes arguidos encerrados numa «gaiola de vidro»). O juiz cortou-lhe, no entanto, a palavra,

dizendo que essa era uma questão que devia ser tratada no final.

Tal decisão levou Pessanha Gonçalves a abandonar a sala, sendo delegado o patrocínio dos seus réus a um funcionário do Tribunal. Esta delegação foi de imediato contestada por Artur Marques, que abandonou também a sala, sendo substituído pelo mesmo funcionário.

Pessanha Gonçalves diria depois aos jornalistas, que não abandona o patrocínio dos seus clientes, mas que só voltará à sala de audiência quando a «situação de discriminação e manifesta desigualdade» em que se encontram os réus seja ultrapassada. O mesmo advogado adiantou que irá hoje apresentar um novo requerimento sobre o assunto.

Entretanto, outros advogados, nomeadamente Coelho dos Santos, criticaram a decisão do juiz em cortar a palavra aos causídicos antes do termo da leitura do despacho de pronúncia. Segundo ele, «o julgamento encontra-se sem nível. O juiz — acrescentou — não usa com senso os instrumentos de autoridade de que dispõe. E quando assim é cai-se no autoritarismo».

C.V.

Paula e Sérgio, filhos de Otelo:

“Portugal não merece o nosso pai”

Desde o início do julgamento do processo das FP-25, tem-se notado uma presença quase permanente de dois jovens cuja identidade tem passado despercebida para a maioria dos observadores, tal a forma discreta como se têm portado, no entanto, eles são por elo familiar, dos mais interessados assistentes do pleito, vivendo intensamente as intervenções formuladas na sala de audiências do Tribunal de Monsanto, sobretudo quando as mesmas visam um dos 42 réus: Otelo Saraiva de Carvalho, o seu pai.

Paula, de 22 anos, aluna do 3.º ano de Sociologia na Universidade Nova, e Sérgio, de 20, matriculado no 2.º ano de Engenharia de Máquinas no Instituto Superior Técnico de Lisboa, os dois únicos filhos do antigo comandante do COPCON, são assim testemunhas de mais um episódio amargo na existência do seu progenitor, reflectido naturalmente nas suas próprias vidas. A experiência, ao que nos disseram, habituou-os, no entanto, «a não desesperar, a aguardar o evoluir dos acontecimentos de cabeça fria e coração ao alto», fazendo assim juz a «uma forma de comportamento» que o seu pai «lhes ensinou a assumir desde pequenos».

Paula e Sérgio eram ainda crianças quando o 25 de Abril aconteceu. Paula tinha onze anos e frequentava o Instituto de Odivelas. «Durante todo o dia — afirmou ao «DL» — não nos apercebemos de que tivesse havido uma revolta, pois os nossos professores apenas se referiram a haver um grande congestionamento de trânsito em Lisboa». Quanto a Sérgio, então com nove anos, era aluno da 4.ª classe numa das escolas primárias de Oeiras, localidade onde residiam e ainda residem. Recordava-se de ter ouvido gritos na rua («Morte aos fascistas», «Liberdade para os presos políticos») até aí praticamente desconhecidas para si. «Ao voltar a casa, à hora do almoço — recorda — reparei que a minha mãe já estava mais calma do que quando eu saíra pela manhã. Foi ela quem me contou então que tinha havido uma revolução, que o Marcelo e o Tomás haviam sido derrubados. Mas nada me revelou sobre a participação do meu pai no movimento».

Paralelismo com Machado dos Santos

A ascensão de Otelo a um lugar proeminente na hierarquia do Estado, e nas estruturas do MFA, não modificou particu-

larmente as suas vidas. Paula prosseguiu os seus estudos em Odivelas e Sérgio transitou para o Colégio Militar, de onde haveria de sair no 6.º ano por não concordar com algumas «figuras peculiares de oficiais com duas caras» e ainda «por não se sentir particularmente vocacionado para a vida militar».

Desse período Paula e Sérgio recordam as viagens que realizaram a Cuba e a Moçambique, acompanhando os pais, tal como já o tinham feito durante a guerra colonial, em que viveram em Angola e na Guiné, ao longo de quatro anos.

Para Sérgio a recordação «mais frustrante» dos últimos tempos, já relativa ao processo das «FP-25», está relacionada com a presença de três agentes da Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da Polícia Judiciária, em sua casa, pela manhã, às 6 e 30, numa acção de busca. «Tive de me levantar, em sobressalto, da cama, e depois — recorda — não podendo já suportar a arrogância violenta dos tipos, acabei por sair para a rua. Precisava de apanhar ar, para não me descontrolar».

Sobre o mesmo processo, o que mais «feriu» Paula, para

além da «forma sem princípios éticos e militares» como o seu pai foi detido, foi a ilegalização da FUP, um partido reconhecido à face da lei, que viu as suas sedes assaltadas e fechadas, numa acção que põe em causa os alicerces de uma sociedade que se pretende democrática».

Para Sérgio, que tal como Paula, acredita na inocência do seu pai, o facto que mais o marcou foi a forma como trataram, e continuam a tratar, «um homem que, quer se queira quer não, vai permanecer, tal como Machado dos Santos, como o símbolo de uma Revolução ainda que controversa». «Mas — disse Sérgio — que País é este, em que a maioria das pessoas não reagem a uma situação como esta, mesmo quando confrontadas com os movimentos de solidariedade que nos chegam de vários países, como a França, Holanda e Grécia?». E numa frase de profundo desânimo: «É doloroso ter de concluir que o Portugal que somos não merece o meu pai, tal como não mereceu tantos outros cidadãos que, em épocas diferentes, deram o melhor das suas vidas, para que pudessemos existir com mais dignidade, tanto moral como económica».

MG



Paula e Sérgio: «aguardar o evoluir dos acontecimentos de cabeça fria e coração ao alto»

Criminalidade desce no Porto

O furto de objectos do interior de viaturas e directamente a pessoas diminuiu em Setembro no Porto relativamente a meses anteriores, informou o Comando Distrital portuense da PSP. «A diminuição da criminalidade não se verificou, porém, nos assaltos a estabelecimentos e roubo a pessoas, que registaram um ligeiro aumento», acrescentou.

Durante o mês de Setembro, a PSP do Porto registou 397 delitos entre furtos e roubos (menos 15 do que em Agosto de 1985), resultantes de 196 furtos de objectos do interior de veículos (menos 14 do que no mês anterior), 52 furtos em estabelecimentos comerciais (mais 10), 45 furtos em habitações (mais 8), 70 furtos a pessoas (menos 39) e 34 roubos a pessoas (mais 13).

Em análise comparativa ao terceiro trimestre de 1985, o Comando Distrital da PSP do Porto afirmou que se «têm verificado ligeiríssimas alterações para mais ou para menos» em todos os campos com excepção do «furto direc-

tamente a pessoas», em que «é visível uma considerável diminuição».

Relativamente ao «furto de objectos no interior de veículos», em Julho de 1985 verificou-se o índice mais baixo, com 180 ocorrências e Agosto o número mais elevado (210 casos), que em Setembro diminuiu para 196 delitos.

As alterações verificadas no tipo «furto em estabelecimentos» foram consideradas pela PSP «insignificantes» nos três meses em análise com 43, 42 e 52 casos respectivamente em Julho, Agosto e Setembro, o mesmo acontecendo relativamente ao «furto em habitações», com 34, 37 e 45 casos.

O «furto a pessoas» teve um decréscimo — 85, 109 e 70 e a operação «roubo a pessoas» registou «alterações insignificantes».

Quanto à «Operação Férias-85», em comparação com anos anteriores, desde o seu início em 1978, «têm-se verificado um ligeiro decréscimo de intervenções policiais de ano para ano», de residências entregues à especial vigilância da PSP, o que se deve «à diminuição de pessoas que partem para férias».

A diminuição no assalto a residências não vigiadas, e apenas um caso de assalto a uma residência vigiada pela Polícia, são outras das operações da PSP do Porto que têm verificado tendência para a diminuição.

Na área do comando da PSP portuense verificaram-se 199 capturas por crimes diversos (em Agosto, 196), tendo-se realizado cerca de 4 mil operações diversas e mil saídas da unidade «115», afirmou aquele comando.

Removidos restos de dois navios em Leixões

Os trabalhos de remoção dos dois navios afundados desde 1980 no porto de Leixões, nas docas um e quatro, vão iniciar-se esta semana — disse à ANOP fonte da capitania daquele porto.

O «Sea Shepard», de nacionalidade britânica, entrou em 16 de Julho de 1979 naquele porto e afundou-se em 1 de Janeiro do ano seguinte, enquanto que o «Ward-Trader», britânico, das ilhas Calmão, entrou em Leixões em 12 de Março de 1980, e afundou-se dois meses depois (29 de Maio).

O comandante Santos Gomes, da Capitania do Porto de Leixões, disse que esta operação surge na sequência da que já foi feita a semana passada em Lisboa, com um navio afundado junto à doca de pesca. A remoção dos três navios foi orçada em 58 mil contos.

'Tentativa de intimidação' contra o PCP de Leiria

O PCP de Leiria classificou de «tentativa de intimidação» a acção concretizada na terça-feira contra o Centro de Trabalho do Partido em Leiria, onde explodiu uma granada de fumo.

Embora não tenha causado danos pessoais, mas apenas materiais, o PCP interpretou tal acto, em comunicado ontem divulgado, como «mais uma tentativa de intimidação contra aqueles que mais firme e decididamente se batem para conseguir um novo rumo na vida dos portugueses».

O comunicado considera que este tipo de acções «revela desespero, desorientação e o pânico das forças mais retrógrads da sociedade portuguesa que acabam de sofrer uma profunda derrota eleitoral».

Fogo na "Cidade do Sol" extinto pelos BV do Barreiro

O incêndio que deflagrou num pinhal da «Cidade do Sol», no Barreiro, foi extinto pelas duas corporações desta cidade em pouco mais de seis horas, depois de ter queimado cerca de um hectare de pinhal.

De acordo com uma fonte dos Bombeiros Voluntários de Salvagem Pública do Barreiro, tratou-se de fogo posto, tendo populares alertado a GNR local. Os Bombeiros Voluntários da Moita ajudaram os do Barreiro no combate ao incêndio.

Dois outros incêndios haviam sido combatidos pelos Bombeiros do Barreiro no mesmo local, na terça-feira, elevando a área

de mato queimado para cinco hectares.

Entretanto, os Bombeiros Voluntários do Soito, no concelho do Sabugal, dominaram as chamas que durante horas alastraram em matas próximas de Rovina, naquele concelho, chegando a atingir uma frente de cerca de quinze quilómetros.

O fogo eclodiu numa zona densamente povoada de pinhal e mato e foi combatido pelos BV do Soito, apenas. Houve uma altura em que, receando não conseguir controlar o avanço do fogo, eles solicitaram o apoio dos Voluntários do Sabugal. Mas vieram, contudo, a prescindir do seu apoio, mais tarde

— soube o «DL» esta manhã junto dos bombeiros do Sabugal.

As causas do incêndio não estavam esta manhã determinadas, o mesmo acontecendo em relação a um outro fogo no concelho da Guarda, concretamente em Famalicão da Serra, em que ardeu uma extensa área de castanheiros. As chamas foram localizadas pelo Centro de Detecção de Incêndios de Manteigas e imediatamente combatidas pelos Bombeiros Voluntários de S. Gonçalo. Inicialmente os habitantes da zona afirmaram que o sinistro havia sido provocado por uma queimada...

Uxoricida condenado a quatro anos de prisão

Um homem foi condenado em Braga a quatro anos de prisão por ter assassinado a sua mulher, grávida de cinco meses, com vinte e cinco facadas num crime perpetrado na madrugada de 17 de Junho de 1984.

O Tribunal considerou como circunstâncias atenuantes a vítima dedicar-se ao comércio sexual, ter declarado ao réu que não era sua a filha mais nova do casal nem o feto que trazia no ventre, e o facto de o ter ameaçado com um punhal.

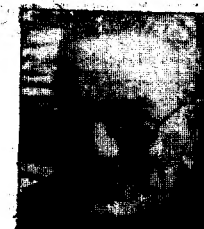
O acórdão de hoje, que culmina o segundo julgamento do chamado crime de Santa Tecla,

condena Mário Soares Ribeiro a quatro anos de cadeia, quinze contos de imposto de justiça e quinhentos contos de indemnização.

Foram considerados como provados os crimes de homicídio privilegiado e de aborto, na pessoa de Maria da Conceição Gonçalves Oliveira, de 25 anos. O crime foi presenciado pelas duas filhas do casal, de 6 e de 4 anos.

No primeiro julgamento, anulado pela Relação do Porto, o réu tinha sido absolvido do crime de uxoricídio, sendo apenas condenado em seis meses pelo crime de ofensas corporais.

Mário
Castrim



Eu hoje vou fazer uma redacção sobre os mosquitos. Os mosquitos. Os mosquitos são animais onde os homens não se medem aos palmos. Cada mosquito pesa à volta de três miligramas, quando tem a barriga vazia. O reduzido peso não o impede de ser tão perigoso, tão maligno que não há mosquiteiro capaz de o vencer. Nem ao menos de o reduzir ao silêncio. O ruído provocado pelo mosquito quando voa, mesmo não havendo picada, deixa uma pessoa em pânico, ninguém pode dormir, ninguém pode pensar seja no que for.

Sem querer fazer espalhato da minha erudição, posso dizer-lhes que na região de Tiumen (não me perguntem onde isso fica, pois a questão me ultrapassa) existem 100 mosquitos por metro quadrado. Fazem um barulho maior do que os altifalantes das carrinhas eleitorais. Diz quem sabe: o barulho lembra o de um motor a trabalhar! Alguns dados que fazem dos mosquitos sérios candidatos ao «Guiness Book»:

1 — Os machos alimentam-se do néctar das flores. São uns românticos!

2 — As fêmeas é que picam os animais de sangue quente para serem capazes de pôr os ovos. Acreditem, não é ficção!

3 — Um mosquito detecta o homem a 500 metros de distância. Infelizmente, a inversa não é verdadeira.

4 — O namoro entre o mosquito e a mosquita dura apenas três minutos, mas cada macho fecunda 15 fêmeas ao mesmo tempo, sem que tal seja motivo suficiente para divórcio. Como disse já, os mosquitos causam doenças e mal-estar. Os japoneses inventaram um berloque emissor de ultra-sons que penduramos ao pescoço e afugentam os mosquitos sugadores do nosso sangue. Ora acontece que em Portugal, nos últimos anos, tais mosquitos se têm multiplicado. Não atingem ainda, como na tundra, os cinco quilos por hectare — mas, se a gente não se põe a pau, dentro de pouco tempo já não temos nem pinta de sangue... Não há por aí nenhum importador de vistas largas que encomende uns bons milhões dos tais penduricalhos? Toca a andar e depressa. Antes que, neste país de brandos costumes, haja mosquitos por corda...

ARTIGO DE FUNDO

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 8.º Juízo ANÚNCIO

PROC. 3584 2.ª SECÇÃO

FAZ SABER QUE, por este Juízo e 2.ª Secção correm editos de trinta dias que começarão a contar-se da segunda e última publicação deste anúncio, citando o executado:

— INÁCIO FERREIRA DOS SANTOS, com última residência conhecida na Rua Guilherme Gomes Ferreira, 58-2.º Frente em ODIVELAS, para no prazo de cinco dias findos que sejam os ditos, nos autos de Execução Sumária que REPRESENTOR-REPRESENTAÇÕES DE ESTORES, Lda, lhe move, nomear bens à penhora ou pagar ao exequente — Representor, Representações de Estores, Lda, — a quantia de Esc. 115 913\$00 e juros, sob a pena de, não o fazendo, esse direito ser devolvido ao exequente.

Lisboa, 4 de Outubro de 1985

O Juiz de Direito
a) Fernando da Costa Soares
A Escrivã Adjunta
a) Luísa Vaz Pinto

«DL» — 10/10/85 — 1.ª Pub.



TECNOALEGRIA

REPARAÇÃO DE MATERIAL ELECTRODOMÉSTICO E ELECTRÓNICO

Assistência técnica

PHILCO

e outras marcas

Reparações e acessórios

MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA E LOIÇA
FRIGORÍFICOS
ARCAS FRIGORÍFICAS
AR CONDICIONADO

TV A CORES E A PRETO E BRANCO
RÁDIOS E GIRA-DISCOS
GRAVADORES • HI-FI
LEITORES DE CASSETTES

BOBINAGEM DE MOTORES
ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO

ASSISTÊNCIA AO DOMICÍLIO

Casal de S. Brás, Lote 105, Loja-A Telef.: 4930996 - 4931400
2700 AMADORA

Tribunal Constitucional: não à coligação PSD/CDS/PPM

O Tribunal Constitucional decidiu ontem não autorizar o registo da coligação PSD, CDS e PPM para concorrer às autarquias de Braga, Cabeceiras de Basto, Coimbra e Rio Maior. De acordo com um edital afixado no TC, «não se mostrando que o PSD se encontre regularmente representado nos presentes autos e não sendo possível a fixação de prazo para o suprimento de tal deficiência, fica precludida a possibilidade de este tribunal proceder à apreciação da legalidade da denominação sigla e símbolo da coligação para fins eleitorais. Nestes termos, decide-se não autorizar a anotação da coligação constituída para fins eleitorais pelo PSD, CSD e PPM».

Os sociais-democratas já recorrem da decisão do Tribunal Constitucional, referiu à agência Anop uma fonte do PSD que explicou que o recurso será apreciado em plenário do TC. A mesma fonte precisou que deste órgão saíram duas decisões diferentes sobre o mesmo tipo de caso, e, enquanto que a secção do Tribunal Constitucional que apreciou a legalidade das coligações PSD/CDS/PPM decidiu não dar prazo para o secretário-geral social-democrata provar que exerce estas funções, outra secção, que tratou das coligações para o «bloco central autárquico» e para a aliança PSD/CDS, optou por um prazo de 48 horas para regularização da situação.

Recorda-se que sociais-democratas, centristas e monárquicos em anúncio conjunto publicado em 6 de Outubro divulgaram a constituição de uma coligação para concorrer às eleições autárquicas de 15 de Dezembro nos concelhos de Rio Maior, Braga, Coimbra e Cabeceiras de Basto.

Por seu lado, o gabinete de Imprensa do CDS informou que o partido «se vai limitar a aguardar que o Tribunal Constitucional se pronuncie sobre o recurso apresentado pelo PSD». Os centristas adiantaram, ainda, não terem sido oficialmente notificados sobre a impossibilidade de os sociais-democratas concorrerem coligados com o CDS e o PPM. Quanto ao CDS, no que se refere às coligações para as autárquicas «tem tudo em ordem», declarou o gabinete de Imprensa.

Resolvido o problema das novas freguesias

As eleições autárquicas de 15 de Dezembro vão ter de tomar em conta as 61 novas freguesias criadas por leis do Parlamento, publicadas em suplemento ao «Diário da República» de 4 de Outubro e que hoje foi distribuído.

As leis entram hoje em vigor determinando que as eleições para a Assembleia das novas freguesias se realizem na data das primeiras eleições gerais autárquicas posteriores à entrada em vigor dos diplomas.

Recorda-se que a Comissão Nacional de Eleições em comunicado ontem emitido, tinha reconhecido que a não publicação das leis que criam as 61 freguesias causava problemas às eleições autárquicas. A CNE sublinhou que, nas novas freguesias, as eleições se pode-

riam vir a realizar desde que, até ao dia 21 do corrente, as leis fossem publicadas na folha oficial, e que a delimitação das novas autarquias correspondesse às delimitações do recenseamento eleitoral ou que, em caso negativo, a adaptação pudesse ser feita em tempo útil.

São as seguintes as novas freguesias: Santo António de Vagos (concelho de Vagos); Santo André de Vagos (Vagos); Aguiar (Nelas); Lapa do Lobo (Nelas); Alto-Estancão-Jardim (Montijo); Quinta do Conde (Sesimbra); Pereiras-Gare (Odemira); São João (Ovar); Cacilhas (Almada); Vale de Mós (Abrantes); Venda do Pinheiro (Mafra); Santa Catarina (Vagos); Chafé (Viana do Castelo); Pedrouços (Maia); Aldeia dos Fernandes (Almodôvar); São Miguel da Guarda (Guarda); Pegões (Montijo); São Caetano (Cantanhede); São Pedro (Figueira da Foz); Macussa (Azambuja); Corticeiro de Cima (Cantanhede); Gançaria (Santarém); São Miguel de Alcainça (Mafra); Atalaia (Lourinhã); Gambia-Pontes-Alto da Guerra (Setúbal); Além da Ribeira (Tomar); Nossa Senhora de Fátima (Aveiro); Gaeiras (Óbidos); Parreira (Chamusca); Carregueira (Chamusca); Bidoeira de Cima (Leiria); Concavada (Abrantes); Canaviais (Évora); Portela (Loures); Carvoeiro (Lagoa); Sado (Setúbal); Moita (Alcobaça); Vila-mar (Cantanhede); Memória (Leiria); Martingança (Alcobaça); Aguiar (Viana do Castelo); Sobralinho (Vila Franca de Xira); Forte da Casa (Vila Franca de Xira); Ferrel (Peniche); Bom Sucesso (Figueira da Foz); Pragal (Almada); Sobreda (Almada); Charneca da Caparica (Almada); Laranjeiro (Almada); Baguim do Monte (Gondomar); Nossa Senhora de Guadalupe (Évora); Rio de Moinhos (Aljustrel); Tunes (Silves); Paredes do Bairro (Anadia); Fontes (Abrantes); Carvalhal (Abrantes); Atalaia (Montijo); Verderena, Alto do Seixalinho, Santo António da Charneca e Coia (todas do Barreiro).

PSD mantém acordos com o PS em Setúbal

Como o «DL» já tinha divulgado na passada terça-feira, os resultados das últimas eleições legislativas não vieram alterar os acordos firmados entre socialistas e sociais-democratas para as autárquicas de 15 de Dezembro.

No caso mais polémico, o do distrito de Setúbal, onde o presidente da Concelhia em declarações aos jornalistas tinha referido a necessidade de revisão da constituição das listas, que tinha como cabeça um candidato a ser indicado pelo PS, a Comissão Política Distrital ratificou ontem os acordos estabelecidos. Uma fonte social-democrata sublinhou à agência Notícias de Portugal que «de acordo com as conclusões aprovadas em Conselho Nacional, a Comissão Política Distrital do PSD ratificou os acordos autárquicos em todo o distrito e garante que cumprirá escrupulosamente os acordos assinados».

Deste modo, os socialistas indicaram o nome do actual governador civil, Manuel da Mata Cáceres, como o candidato do «bloco central autárquico» à presidência da Câmara. Fonte do PS adiantou à Anop que Mata Cáceres, o terceiro deputado socialista a ser eleito pelo círculo de Setúbal, conta com o apoio do secretário-geral do Partido Socialista.

Entre o «staff» dos socialistas, que a partir de agora se vai dedicar à campanha das autárquicas, Miranda Calha, coordenador de uma comissão provisória saída de um encontro de autarcas e dirigentes do PS realizado há duas semanas num hotel de Lisboa, será hoje proposto à Comissão Política Nacional do Partido como coordenador do PS para as eleições de 15 de Dezembro. Tudo indica que o actual secretário de Estado dos Desportos seja confirmado naquele cargo.

Se a coligação PS/PSD não conhece problemas, já nalguns concelhos a aliança entre sociais-democratas e centristas não se vai efectivar, ao contrário do interesse manifestado por dirigentes dos dois partidos.

No Porto, o CDS rejeitou uma coligação com o PSD, e os centristas apenas mostram disposição em concorrer coligados às Câmaras de Maia, Santo Tirso e Valongo. Recorde-se que na capital do distrito, os resultados eleitorais de domingo cotaram o PSD como o partido mais votado — com 31,54 por cento — enquanto que o CDS obteve 10,06 por cento. Na capital do Norte, o PRD, que, como ontem o «DL» divulgou, encara a hipótese de apoiar um candidato à presidência da Câmara, obteve 19,67 por cento, sendo o terceiro partido no concelho.

No entanto, o ressurgimento da «AD autárquica» está já assegurado em Portalegre, onde o social-democrata João José da Silva Macas é o cabeça de lista da coligação para a Câmara local. Silva Macas foi já eleito para aquele cargo, entre 1979-81, integrado nas listas da AD, tendo desempenhado as funções de secretário de Estado da Estruturação Agrária, igualmente durante o executivo daquela coligação.

Em Faro, a sombra de José Vitorino, o ex-deputado so-

cial-democrata e ex-candidato a deputado pelo CDS, continua a pairar sobre o PSD, estando na origem do adiamento da escolha da personalidade do partido de Cavaco Silva que será candidato à primeira câmara algarvia.

A Comissão Política Concelhia do PSD reuniu-se na terça-feira à noite, mas resolveu adiar a designação do seu candidato à presidência do Município, depois do actual presidente, Negrão Belo, ter visto o seu nome votado, mas a sua nomeação adiada, devido à alegada oposição de meios empresariais do concelho. No entanto, fontes partidárias declararam à agência NP que a não nomeação de Negrão Belo como candidato se deve ao facto do actual presidente da Câmara ser considerado muito próximo de José Vitorino. As mesmas fontes indicaram como provável a nomeação de Matos Juca, um militante do PSD e administrador de uma empresa de materiais de construção civil, considerado da linha de Mendes Bota, afecta a Cavaco Silva.

Já em Viseu, reina a normalidade entre as hostes sociais-democratas e o ex-presidente

da Câmara, António Augusto da Costa Vidal, que recentemente perdeu o mandato do executivo, «reúne as condições necessárias para integrar as listas do PSD», segundo afirmou uma fonte partidária.

Também na Madeira, os actuais presidentes das Câmaras do PSD vão apresentar a sua recandidatura aos respectivos cargos. João Dantas, Gabriel de Ornelas, Manuel de Castro, Luís de Freitas e Jorge de Sousa são os candidatos à presidência dos Municípios de Funchal, Câmara de Lobos, Porto Moniz, Santana e Machico.

A estratégia do PRD nos Açores

O PRD dos Açores admitiu ontem a possibilidade de vir a apoiar listas de candidatos de outros partidos, nomeadamente do PSD, nas eleições autárquicas de Dezembro.

Em declarações à Anop, o líder açoriano dos renovadores democráticos, Roberto Amaral, adiantou que tal acontecerá nas localidades onde a candidatura a apoiar eventualmente pelo PRD ofereça garantias de boa gestão autárquica. Segundo referiu, a definição das autarquias em

que o PRD apresentará lista própria ou apoiará outras candidaturas competirá às estruturas locais do partido. Recordando-se que os renovadores democráticos, que sublinham que nas eleições de 15 de Dezembro o que está em causa é a gestão honesta e correcta do poder local, são a terceira formação partidária mais votada no arquipélago dos Açores nas legislativas de domingo, sendo o segundo maior partido na ilha de S. Miguel, a mais populosa.

«Amigos da Terra»

A Associação Portuguesa de Ecologistas, «Amigos da Terra», anunciou ter enviado aos partidos políticos uma carta, manifestando disponibilidade para participar nas listas para as eleições autárquicas.

A integração dos «Amigos da Terra» nas listas para as autarquias depende da aceitação da qualidade de independentes, de forma a possibilitar a defesa dos seus pontos de vista.

Entre os pontos referidos pelos «Amigos da Terra», inseridos num documento intitulado «Uma cidade para os cidadãos», destacam-se questões ligadas à urbanização da capital.

SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ACCÕES DE FISCALIZAÇÃO EM TODO O PAÍS PARA DETECÇÃO DE SITUAÇÕES IRREGULARES

Aniceto reformado.

Homem cheio de etiqueta

era há vinte anos casado

a mais a sua Aniceta.

Um dia numa piscina

enquanto a esposa nadava

com uma touca muito fina

Aniceto ressonava...



Ser viúvo é coisa boa

de verão principalmente

sempre há gente que atenua

o desgosto que se sente.

Viver assim estão a ver

é tudo menos amargo:

ser viúvo e receber

o complemento de cônjuge a cargo

E quando tudo afinal

parecia não correr mal

eis que surge o fiscal

da segurança social...

ATENÇÃO se esse é o seu caso, comunique de imediato o falecimento do cônjuge e regularize a sua situação.

Evite assim graves problemas!



Escola Infante D. Henrique só abre se houver refeitório

Os alunos da Escola Náutica Infante D. Henrique, em Paço de Arcos, só iniciarão as aulas com a abertura do refeitório e seu regular funcionamento, disse uma fonte da Associação de Estudantes.

A Associação refere que «a cantina da Escola Náutica deixou de funcionar regularmente desde Outubro de 1982, com manifesto prejuízo para os alunos», frisando que esta situação é «única em estabelecimentos oficiais de Ensino Superior, com a agravante de a escola estar situada fora de Lisboa».

A decisão de só se iniciar as aulas do corrente ano lectivo após a abertura da cantina foi ontem tomada em plenário por cerca de 130 alunos, dos 300 que frequentam aquele estabelecimento de Ensino Superior.

A direcção da Associação de Estudantes salienta no comunicado que durante o ano lectivo transacto tentou várias vezes junto dos órgãos tutelares, Direcção-Geral do Pessoal do Mar e Secretaria do Estado da Marinha Mercante, «ver retomado o funcionamento do refeitório», tendo para tal enviado sucessivas exposições.

A resposta aos oficiais da Associação de Estudantes foi, segundo a mesma fonte, «desagradavelmente surpreendente, pois a Direcção-Geral do Pessoal do Mar, em ofício de 6 de Setembro, disse que o refeitório abriria parcialmente em Novembro, alegando para tal dificuldades financeiras».

A Associação de Estudantes refere «a situação de grande dificuldade que a falta de funcionamento do refeitório acarreta à generalidade da população escolar e em particular aos alunos que são na sua maioria oriundos de vários pontos do país e não podem suportar os encargos com a alimentação nos restaurantes».

Um mar de problemas para os professores...

Mais de 50 mil alunos sem aulas este mês

Há pelo menos cinquenta mil alunos sem aulas em todo o País, se bem que no dia marcado para o início do novo ano lectivo, na terça-feira, 120 mil não o tenham iniciado, devido a erros repetidos na colocação dos professores — segundo a Federação Nacional dos Professores».

A FNP vai mais longe ao admitir que esses cinquenta mil alunos não terão aulas ainda este mês, porque há diversos tipos de problemas que afectam a abertura e funcionamento normais das aulas em vários pontos do País.

A FENPROF defende que o ano lectivo não se iniciou na data prevista porque os professores profissionalizados, efectivos que concorrem ao abrigo da preferência conjugal e os provisórios, «só agora tiveram conhecimento oficioso das es-

calas em que obtiveram colocação».

«Para além deste tipo de problemas, existem outros que a FENPROF já divulgou, como sejam a construção de escolas, de pavilhões prefabricados e de obras em instalações degradadas, que irão deixar sem aulas mais de 50 mil alunos», refere um comunicado da Federação.

A FENPROF denunciou igualmente a posição do Ministério da Educação pelos inconvenientes «que gerou a mi-

lhares de professores que irão ser colocados a muitas dezenas de quilómetros da sua zona de residência, por força do concurso».

A estes professores foram dados três dias — prazo que termina hoje — para arranjar alojamento, preparar e programar o ano lectivo. «Para estes professores nem uma palavra se diz no sentido de serem apoiados por um Ministério que assim dispõe das suas vidas», concluiu a FENPROF.

A FENPROF acusa ainda o Ministério da Educação de «brincar com a vida dos professores», dados os inconvenientes criados aos professores pelo atraso na colocação e pelo curto espaço de tempo de que dispõem para se instalarem,

em alguns casos, em localidades longínquas da sua residência.

FENPROF acusa ministro

A Federação Nacional dos Professores exige a revogação da portaria sobre vinculação e formação de professores que, segundo a Federação, institui um modelo «não aceite pela esmagadora maioria dos professores».

A Federação Nacional dos Professores (FENPROF) salienta em comunicado que o ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, e os seus secretários de Estado, «reincidem na publicação de mais um diploma legal, sem que, previamente o negociem com a Federação».

A FENPROF reafirmou, a propósito, o direito de negociar legislação relacionada com a vinculação e a formação de professores.

O ministro da Educação — afirma — «coloca-se, assim, ao lado dos que preferem a ilegalidade e perfila-se no conjunto de ministros que contribuíram para a ruína e para a crise profunda em que fizeram mergulhar a educação e o ensino».

A FENPROF «tem demonstrado, em cada posição que assume sobre temas relacionados com a educação e o ensino, possuir um conhecimento profundo que ninguém de bom senso pode menosprezar e muito menos quem decidiu sobraçar a pasta da Educação» — conclui a Federação.

Vinhos leves foram legalizados

Os vinhos leves da colheita deste ano já podem ser vendidos livremente, o que só era permitido aos vinhos verdes, possibilitando, assim, margem de manobra aos viticultores do litoral oeste.

Deixaram, deste modo, aqueles agricultores de estar dependentes da baixa graduação dos seus vinhos, que os levavam, por um lado a levantar-lhes o grau alcoólico pela adição de aguardentes e, por outro, de ter de escoá-los para a região dos vinhos verdes a preços que consideram pouco compensadores.

Qualquer daquelas soluções era ilegal, mas a legislação não permitia ao produtor vender nos mercados tradicionais vinhos com menos de 11 (e às vezes mais) graus, nem lhes sendo também lícito adicionar-lhes aguardentes, que só podem beneficiar vinhos generosos.

Isto, numa região que produz cerca de 11 por cento da totalidade dos vinhos portugueses, ou seja aproximadamente 1,1 milhões de hectolitros.

E estes vinhos estavam, à partida, condenados a uma existência difícil, porque não tinham suficiente graduação.

Na verdade, os vinhos conhecidos pela designação de «vinhos leves» têm graduação alcoólica inferior a 10 graus ou, mais concretamente, 9 graus, para os engarrafados e 8,5 a granel.

Ensino em ruptura no Barreiro

Barreiro: meio milhar sem salas no Preparatório e Secundário

Quatrocentos alunos sem lugar nas escolas do Preparatório e mais cem que não cabem nos estabelecimentos do Secundário, são dois novos problemas que na área do ensino se juntam aos que já existiam no concelho do Barreiro, que entra todos os anos, nesta época, em situação de ruptura.

A má planificação e os cortes de verbas para a educação feitos pelos sucessivos Governos nos últimos anos deram origem a uma situação lesiva do início de cada ano lectivo que se repete e agrava em cada ano que passa, afirma a Câmara Municipal do Barreiro em comunicado.

Uma vez mais os alunos excedentários do Barreiro são mandados para a Moita do Ribatejo, por falta de escolas e de salas de aula. Alunos de 10 e 11 anos são assim «espalhados» por várias escolas daquele concelho, designadamente Baixa da Banheira, Alhos Vedros e a própria vila.

Está prevista a abertura de uma nova escola para o Ensino Preparatório do Barreiro. Enquanto esta não for contruída, a Câmara Municipal está na disposição, ainda segundo o mesmo documento, de ceder a título excepcional parte das instalações da Escola p-3 da «Cidade do Sol», no Barreiro, para

nela terem aulas alunos excedentes do Ensino Preparatório. Ao mesmo tempo, a CMB exige a construção dessa Escola Preparatória, desde 1982 com local para ser erguida.

Não são apenas aqueles dois graus de ensino que causam problemas à população do Barreiro. Também no Primário — refere a CMB na nota em questão — «a situação é grave, com uma carência de mais de cem salas de aula que o Ministério da Educação não resolveu atempadamente e agora se prepara para «transferir» para a autarquia mas sem lhe dar os meios financeiros adequados».

"Dia Mundial" é na segunda-feira

Normalização: é tudo aquilo que torna a vida mais fácil

Feliz, o papá coloca um rolo na máquina fotográfica para tirar o primeiro retrato ao bebé (lindo e gordo) que a enfermeira lhe mostra pelo vidro protector do berçário, na maternidade.

Dizem que o gesto é tudo. Por vezes, assim é: este gesto, relativamente simples é em grande parte, possível graças à existência de normas que permitem a utilização banal e corrente de milhares de objectos. Neste caso, o filme utilizado adapta-se sempre à máquina, onde quer que o compremos, e a máquina, por sua vez, funciona sempre com um filme-tipo.

O rolo, a máquina, o vidro protector são objectos que obedecem a normas internacionalmente reconhecidas, sem que delas nos apercebamos e sem as quais a vida quotidiana se tornaria bastante mais complicada.

Milhares de normas, abrangendo a quase totalidade dos domínios de actividade, são

respeitadas pela maioria da comunidade internacional, contribuindo, assim, para um desenvolvimento económico e social harmonioso: a hora tem sessenta minutos em todos os países; os semáforos têm luz verde e vermelha significando «passar» e «esperar», o pão, manteiga, leite, carne, obedecem a características de qualidade geralmente regulamentadas por referência a normas, etc.

A normalização é, neste contexto, um dos campos mais relevantes no domínio da cooperação internacional, pois coordena as diversas actividades industriais e comerciais evitando custos e perdas de tempo inúteis que decorreriam da inexistência de normas.

Para que serviria a um empresário fabricar rolos fotográficos e destiná-los à exportação — para ficarmos pelo mesmo exemplo — se as máquinas não obedecessem a normas fixas,

permitindo a sua utilização imediata?

Com o objectivo de chamar a atenção para a importância da adopção de normas, tanto a nível nacional como internacional, noventa países membros da Organização Internacional de Normalização (ISO), da qual Portugal faz parte, vão celebrar, no próximo dia 14, o Dia Mundial da Normalização.

Portugal conta actualmente, com cerca de três mil normas escritas, adaptadas a partir de mais de nove mil normas internacionais, graças ao trabalho desenvolvido por cerca de 120 comissões técnicas dependentes da Direcção-Geral, da Qualidade.

Por definição, as normas não são obrigatórias, podendo cada país ou entidade privada adoptá-las, voluntariamente, ou não, salvo em certos domínios como a saúde, higiene e segurança do utilizador.

ANDAR

EM

MEM MARTINS

Com 255 contos de entrada e 6 prestações de 30 000\$00 cada, VOCÊ pode adquirir a sua NOVA CASA, ficando a pagar à Caixa Geral de Depósitos apenas 16 163\$00 por mês.

Sem mais encargos para si.

APROVEITE AGORA

CONTACTE:



TEL. 9211513 - 9217322 - MEM MARTINS



Caminhos de Ferro Portugueses

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 11.º JUÍZO ANÚNCIO

O DOUTOR HUGO PEREIRA DO AMARAL BARATA — M.^º Juiz de Direito da Terceira Secção do décimo Juízo do Tribunal Judicial Cível da Comarca de Lisboa:

FAZ SABER que, na Secção e Juízo do Tribunal referido, e nos autos de «Separação de Bens da Massa Falida», registados sob o n.º 11 187-E, requeridos por ANTONIO PEDRO SARIVA DE BARROS E VASCONCELOS, residente na Travessa do Combro, n.º 9-2.º Esq.º, em Lisboa, por apenso, nos autos de «Falência» — por apresentação —, de OXALÁ — Produção e Distribuição de Filmes, Ld.º, correm editos de DEZ DIAS, que se começarão a contar da data da segunda e última publicação do anúncio para, no prazo de DEZ DIAS, nos e para os termos dos artigos 1241.º, n.º 1 e 1237.º, ambos, do Código de Processo Civil, findo o dos editos, virem os credores da massa falida, nos autos supracitados, por este meio citados, contestarem, querendo, o requerido pelo Requerente o qual, consiste, relativamente à apreensão já efectuada, do filme «OXALÁ» e, como melhor consta, da petição, sob pena de serem condenados ao pedido.

Lisboa, 1 de Outubro de 1985

O JUIZ DE DIREITO, Hugo Pereira do Amaral Barata
O ESCRIVÃO ADJUNTO, Manuel Palma do Espírito Santo

«DL» — 10-10-85 — 2.º pub.

Desaparece gasolina normal e baixa o teor de chumbo

A gasolina normal vai desaparecer, gradualmente, dos postos de abastecimento, nos próximos anos, à medida que for introduzida, em Portugal, a gasolina sem chumbo — apurou, a Anop, junto da Petrolgal.

Ao aderir à CEE, Portugal ficou obrigado a cumprir a directiva do Conselho de Ministros Europeu, em vigor desde 20 de Março último, que visa uniformizar a legislação dos países membros, quanto ao teor de chumbo da gasolina.

Essa directiva, além de não permitir a venda de gasolina super com mais de 0,4 gramas de chumbo por litro, o que já se verifica, obriga os membros da CEE a tomar as medidas necessárias para «garantir a disponibilidade e a distribuição equilibrada, seu seu território, de gasolina sem chumbo, a partir de 1 de Outubro de 1989».

«Portugal é actualmente um dos raros países europeus onde a gasolina sem chumbo ainda não foi posta à venda, mas a Petrolgal, com os meios ao seu dispor, estaria em condições de a fornecer, se as exigências do mercado o justificassem» — disse o engenheiro Joaquim Barreiros, director da programação de refinação.

O problema está em que a opção dos automobilistas pela gasolina sem chumbo será irreversível: uma vez afinado o motor do carro para a gasolina sem chumbo e equipado o escape com um catalisador, a presença de chumbo constitui um «veneno» para o carro.

A necessidade de eliminar o chumbo, actualmente adicionado, à gasolina para elevar o índice de octano, surgiu na Europa quando se verificou que a presença de chumbo era incompatível com a utilização de um catalisador capaz de melhorar a combustão e tornar, assim, menos poluentes os gases de escape.

«Ao contrário do que geralmente se pensa — diz Joaquim Barreiros, um especialista em combustíveis — não é o chumbo que vai pulir a atmosfera. Após a combustão, o chumbo sai do escape sob a forma de óxido, um produto sólido que acaba por se depositar.

«A verdadeira poluição atmosférica resulta de os motores não fazerem a combustão completa dos hidrocarbonetos que compõem a gasolina e, ainda, da presença de monóxido de carbono e óxido de azoto nos gases de escape».

A instalação de um catalisa-

dor de platina no tubo de escape permite melhorar substancialmente a combustão dos gases e reduzir a poluição atmosférica, desde que não exista chumbo na gasolina. A presença do chumbo inutilizaria o catalisador, que custa em França o equivalente a 60 000 escudos.

É assim que a introdução no mercado português de carros equipados com catalizador anti-polluição pressupõe a instalação, simultânea, de uma rede de distribuição de gasolina sem chumbo.

Para evitar o enorme investimento que essa nova rede exigiria, a Petrolgal está a encarar como a solução mais correcta a introdução, gradual, da gasolina sem chumbo nos actuais postos de distribuição da gasolina normal.

Pouca procura de gasolina normal

A gasolina normal, de resto, tem cada vez menos procura e já só representa 20 por cento da gasolina consumida em Portugal, pois a diferença de preço para a super não justifica, aos olhos dos automobilistas, utilizar uma gasolina de menor rendimento.

Embora mais cara, a gasolina super permite um menor consumo, devido ao seu índice de octano mais elevado, desde que o motor esteja afinado para essa gasolina.

A gasolina sem chumbo, adoptada pela CEE, terá um índice de octano de 95, ficando entre a actual gasolina normal, de 90 e a gasolina super, de 98.

O preço de venda ao público da gasolina sem chumbo dependerá de uma decisão política do Governo que dispõe de uma ampla margem de manobra, através das taxas que cobra e que representam metade do preço que o público paga.

A ausência do chumbo terá de ser compensada pela utilização de componentes com maior índice de octano, o que significa maior custo à saída da refinaria e maior dispêndio de energia no processo de refinação.

Os técnicos da Petrolgal calculam que, para produzir mil metros cúbicos de gasolina sem chumbo, será necessário um consumo adicional de 44 toneladas de petróleo bruto.



Feira do Areeiro: animação só na hora da desmontagem

«Montei a feira e esta noite puseram aqui seis polícias para os obrigar a desmontar tudo», lamentava Carlos Alberto das Neves, um dos feirantes que, desde há uma semana, ocupava parte de um parque de estacionamento situado junto à Avenida Gago Coutinho, ao Areeiro.

No entanto, em declarações prestadas ao «DN», o presidente da Junta de Freguesia de S. João de Deus, Rocha Peixoto, afirmou que há cerca de um mês, indivíduos que têm uma feira em Almada lhe pediram que deixasse fazer no parque de estacionamento uma exposição de artesanato e queijo da serra.

De acordo com o relato do autarca foi enviado ao vereador da Cultura da CML, Pinto Machado, um ofício que teve como resposta a autorização, sendo mais tarde transmitido um telex para o responsável do trânsito, Carlos Nunes, a informá-lo do

facto.

No entanto, em contacto esta manhã com o gabinete do vereador Pinto Machado, uma funcionária adiantou ao «DL» que o responsável pelo pelouro da Cultura não autorizou a realização da feira. «Não temos conhecimento de que o sr. vereador tenha autorizado a realização daquela feira, num parque de estacionamento daquela zona da cidade», declarou. A mesma fonte precisou ainda que o engenheiro Carlos Nunes também não autorizou a montagem da feira, e adiantou «que tomamos conhecimento da existência da feira há três dias».

Ontem, de acordo com uma determinação do presidente da Câmara a Polícia Municipal foi instruída no sentido de tomar as providências necessárias para a desmontagem «de quaisquer instalações já erigidas no local».

Cooperativa de Ensino Universidade Livre, cri

RUA DA JUNQUEIRA, 194

UNIVERSIDADE LIVRE **UL**

Continuam abertas as inscrições e as matrículas para o próximo ano lectivo, nos Departamentos de:

Ciências Históricas

— Director — PROF. DOUTOR EDUARDO BORGES NUNES

Direito

— Director — PROF. DOUTOR PEDRO SOARES MARTINEZ

Economia

Director — PROF. DOUTOR ÓSCAR SOARES BARATA

Estudos Portugueses

— Director — PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

Gestão

— Director — PROF. DOUTOR VASCO PEREIRA FORTUNA

Línguas e Literaturas Modernas

— Director — PROF. DOUTOR ANTÓNIO AUGUSTO GONÇALVES RODRIGUES

Matemáticas Aplicadas — Estatística, Informática e Investigação Operacional

— Director — PROF. DOUTOR JOÃO FURTADO COELHO

A validade dos seus cursos e diplomas da **Universidade Livre** é idêntica à das Universidades do Estado e não está dependente de qualquer eventual acórdão do Supremo Tribunal Administrativo.

Informações na Secretaria da Universidade Livre

Rua da Junqueira, n.º 194 — Telefone 63 99 44 — Lisboa

Comemorando o Dia Nacional da Água

Recursos hídricos e desenvolvimento

O Painel sobre «Recursos Hídricos e Desenvolvimento que, como o «DL» informou, terá lugar hoje, com início às 14h30, na Sala 2 do CDIT (Edifício do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Avenida do Brasil, 101), numa organização conjunta do IED e da APRH, contará com a presença de Adolfo Gonçalves, António Fira Leitão, António Gonçalves Henriques, Tomás Espírito Santo, Vítor Pessoa e Vítor Figueiredo, subdirector-geral da Qualidade Industrial, que substitui o director-geral, António dos Santos Gonçalves.

A crise do Estado e a política económica (2)

Continuação da pág. 3

mas improváveis dos seus principais agentes de execução.

Neste sentido, uma grande fraqueza da estratégia B reside na enorme diferença entre o papel que é suposto o Estado desempenhar e a sua capacidade efectiva de agente de transformação social. Mesmo o Estado que faz o discurso duma estratégia de independência económica e self-reliance é muitas vezes o Estado que pratica uma política económica inconsistente e sem correspondência determinada entre esse discurso e essa prática. As situações de aguda crise financeira interna e externa que conduziram com crescente frequência às intervenções do FMI e às «condicionalidades» decorrentes não foram apenas fruto duma crise internacional mas também consequência, em muitos casos, de

erros graves de política económica. Como é óbvio, se esta verificação é exacta, ou se admite praticável a transformação do Estado possível no Estado necessário ao êxito da estratégia ou é preciso reconhecer — até por outras ordens de considerações — que a própria estratégia carece de revisão, encontrando outros actores ou agentes para a realização dos seus objectivos.

Apenas uma breve referência a dois pontos — aliás cruciais — para exemplificação do que está em causa.

Elemento indispensável da estratégia B é a articulação agricultura-indústria e a mobilização do agricultor para um rápido crescimento da produção e da produtividade. Antes do mais, isso pressupõe uma vontade política bem determinada, o que por seu turno requer um largo apoio do poder nos próprios camponeses. Tal

não é possível se aquela vontade e esse poder são enviesados pelos interesses duma burocracia e duma «classe política» urbanas que concebem o projecto nacional essencialmente à medida dos seus interesses.

A estratégia B postula, também, certa convergência dos perfis da procura e da oferta, que dê primazia à satisfação das necessidades básicas da população e não aos consumos «de luxo» decorrentes de efeitos de imitação por influência dos capitalismos centrais. Se, na prática, o Estado que tem o discurso das necessidades básicas não assegura minimamente a sua progressiva satisfação e, por outro lado, permite a extensão de consumos supérfluos numa camada privilegiada, cai também por terra um dos fundamentos principais da estratégia.

A democracia periférica

Do exposto, e regressando ao

caso português, não parece difícil concluir em primeira análise que a «democracia periférica» em Portugal se ajusta à estratégia A e não à estratégia B. Esta aparece manifestamente inviável naquele contexto social e político. No entanto, apesar de a dicotomia ser manifestamente simplista e demasiado esquemática, é também claro que a referida política económica «necessária» significa certa combinação de elementos das duas estratégias, ainda que dois grandes objectivos esboçados pareçam tentar conciliar o inconciliável — isto é, inserção na Divisão Internacional do Trabalho com valorização, e não desvalorização, do trabalho nacional partindo duma situação periférica de grande dependência externa.

(CONTINUA)

INTERNATIONAL

segundo a Imprensa ocidental

UNITA ganhou a batalha

O jornal francês «Le Monde» e quatro jornais britânicos «Times», «Daily Telegraph», «Financial Times» e «Guardian» — afirmam nas suas edições de ontem que as FAPLA (Exército da República Popular de Angola) perdeu uma importante batalha com a UNITA em Mavinga.

Enquanto o jornal «Le Monde» diz que a UNITA alega — sem poder prová-lo com a apresentação de prisioneiros soviéticos — que a ofensiva angolana incluiu pessoal militar da URSS e de Cuba, o jornal britânico «Guardian» fala de um piloto soviético capturado pela UNITA, o qual, ainda segundo o mesmo jornal, terá confirmado que vários soviéticos pilotavam aviões das FAPLA e terá desmentido que tenha visto aviões sul-africanos durante a batalha.

O jornalista de «Le Monde», Michel Bole-Richard, dá como certa a participação de tropas cubanas na batalha, mas sobre

os pilotos soviéticos diz apenas que é Savimbi quem fala desta participação e afirma que a UNITA não capturou nenhum soviético.

Nesta versão, os combates terão levado as FAPLA a recuar para cerca de 30 quilómetros de Mavinga. Um dos recontros terá causado 2700 vítimas, sendo 410 nas fileiras da UNITA. Savimbi alega ter morto nove soviéticos e 38 cubanos. O mesmo Savimbi nega qualquer envolvimento directo da África do Sul nas operações.

Contudo o jornalista francês salienta que em Agosto e Setembro a UNITA estava a perder terreno de tal modo que o seu

QG em ameaça dica qu -africa mente texto agressã meses da SV deste a UNITA — ref moment de» o e n as, «ci ais : zado e diz, po

Os j mais mais Afirma 17 avio 161 v Luanda do co ção de

EXT. (S) SÉNECA-S.GAMA

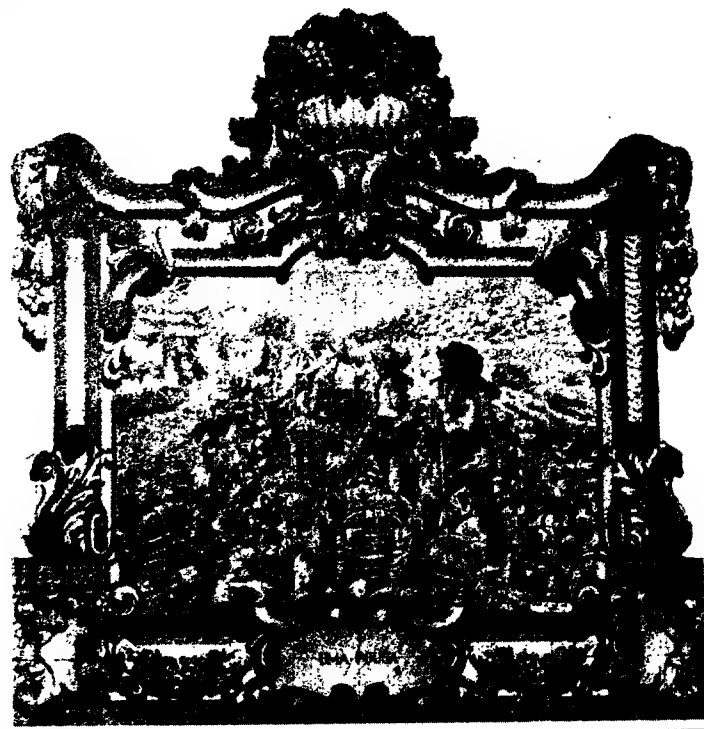
Av. Almirante Reis, 73 e 106 — Tel. 520092 e 822776

CICLO UNIFICADO GERAL E COMPLEMENTAR 12.º ANO — INFORMATICA

VINDIMAS NO DOURO

De 24 de Setembro
a 15 de Outubro

Bilhete de ida e volta válido por 10 dias
REDUÇÃO DE 50%



Consulte o calendário Bicolor
Esta oferta é válida nos dias verdes



Combão, a opção dinâmica.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que pela 2.ª Secção do 8.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa correm seus termos uns autos de execução de sentença registados sob o n.º 28/85 em que é exequente Eduardo Fernandes Barata, residente na Av.ª José Baptista Antunes, 109-1.º Esq.º na Malveira e, executada, Eno-mecânica — Máquinas e Equipamentos Industriais, SARL, sede na Malveira e neles correm editos de vinte dias, citando os credores desconhecidos para, no prazo de DEZ DIAS, findo o dos editos, ou a contar da segunda e última publicação dos anúncios, deduzirem os seus direitos, nos termos dos art.ºs 864.º e seguintes do C.P.C.

Lisboa, 4 de Outubro de 1985

O Juiz de Direito
a) Abílio Lopes Cardoso

O Escrivão-Adjunto
(assinatura ilegível)

«D.L.» — 10/10/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO

AUTOS DE CONVOCAÇÃO
DE CREDITORES N.º 2237 — 1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

São convidados a comparecer neste Juízo — 1.ª Secção, no dia 6 do mês de Novembro do ano de 1985, pelas 14 horas, todos os credores da requerente, INTENTO — Indústrias e Representações para a Construção, Lda, com sede na Av. dr Mário Moutinho, Lt. 1733 — 8.º F em Lisboa, para reunião de verificação de créditos, para com o objectivo de se conseguir concordata com a requerente, depois de serem apreciadas, de uma maneira geral, a situação dos seus negócios e as causas do estado de insolvência, e de se discutirem e apreciarem os seus débitos.

Os credores que não figurem na relação apresentada pela devedora podem reclamar no processo de convocação de credores n.º 2237 os seus créditos até dez dias antes daquele designado para a reunião, e qualquer credor, nos cinco dias seguintes, pode impugnar créditos e denunciar actos culposos ou fraudulentos da dita devedora.

Lisboa, 18 de Setembro de 1985

O Juiz de Direito (de turno)
(Domingos Manuel Gonçalves Rodrigues)

A Escrivaria Judicial
(Juliana Maria de Oliveira Fátima)

«D.L.» — 10/10/85 — 1.ª Pub.

“Guerra das estrelas” am aprofundar crise na NATO

A iniciativa de defesa estratégica, ou «Guerra das Estrelas», do presidente norte-americano, Ronald Reagan, destinada a criar uma defesa espacial contra mísseis, ameaça criar profundas divisões na Aliança Atlântica, de acordo com parlamentares da NATO.

Esta é uma das mais importantes conclusões de relatórios apresentados à Assembleia do Atlântico Norte, que agrupa 184 deputados dos 16 países da NATO e vai no próximo fim-de-semana, em São Francisco, Califórnia, na sua sessão anual, debater o tema «Defesa Estratégica e Aliança Atlântica».

Em relatório para análise

pela Comissão sobre Armas Nucleares, o deputado britânico John Cartwright afirma: «As primeiras provas sugerem fortemente que a iniciativa de defesa estratégica (IDE) contém (...) um notável potencial para exacerbar as divergências transatlânticas já existentes e para criar novas tensões».

«Se não forem tratadas cuidadosamente, tais divergências darão à União Soviética uma oportunidade única para criar e explorar divisões entre os parceiros da aliança», acrescenta.

Encontro
Reagan/Gorbachev

Os ministros dos Negócios Estrangeiros de 16 países da

NATO ra em assumt imine bro e ameri — an belga O sede e semai pela dias : de Ro de cir indus que. Ro contr bache 20 de

A 13 de Outubro o PSF vo

Maurice Duverger

Mitterrand efectuou, entre 7 e 9 de Outubro, uma visita de dois dias à Bretanha. Esta viagem foi ocasião para tomadas de posição sobre os grandes temas da actualidade, no momento em que o crescimento de Rocard no seio do PS deixa aos mitterrandistas uma minoria relativa no comité executivo do partido.

Chegou a altura de o Partido Socialista Francês substituir os salmos das liturgias tradicionais por um discurso adaptado às realidades dos nossos dias. Com vinte e cinco anos de atraso, soou para ele a hora de Bad-Godesberg. Nessa periferia termal de Bona, a social-democracia alemã decidiu fechar, em 1959, os livros sagrados da ideologia e colocar as balizas de um socialismo

moderno. Esta reviravolta foi tanto mais importante quanto ela tinha sido levada às fontes baptismais por Marx e Engels, os inícios fundamentais do marxismo tinham decorrido no seu seio, e os grandes movimentos operários foram de início construídos segundo o seu modelo.

No seu programa ela proclamava agora que «a liberdade, a justiça e a solidariedade (...)

const ment Ela a rência empr porta nómi

El mia lado afirn todo dos s duos toma presc nomi num conc da d tante

Sequestro do "Achille Lauro" termina com um morto

Matança de Mavinga

QG em Jamba ficou mesmo ameaçado. A mesma fonte indica que por essa altura os sul-africanos intervieram militarmente no Sul de Angola a pretexto de neutralizar (segunda agressão contra Angola em dois meses e meio) os guerrilheiros da SWAPO. A coincidência deste ataque com as perdas da UNITA não escapa a ninguém — refere o jornalista. Neste momento, segundo "Le Monde", o avanço das tropas angolanas, «assistidas ou não por oficiais soviéticos» foi imobilizado e Savimbi clama vitória — diz, por último, Bole-Richard.

Os jornalistas britânicos dão mais pormenores claramente mais favoráveis à UNITA. Afirmam que a UNITA abateu 17 aviões angolanos e destruiu 161 veículos do exército de Luanda. Os mesmos jornalistas dão como provada a participação de oficiais soviéticos, que

teriam servido como conselheiros militares e políticos, à média de 5 a 15 por brigada. Sobre a acção sul-africana os jornais britânicos limitam-se a publicar os desmentidos que a esse respeito são produzidos por Savimbi.

Enquanto isto a UNITA afirmou em Washington que nove dos tripulantes de seis helicópteros que essa organização abateu no final de Setembro no Sul de Angola eram portugueses, sendo dois deles tenentes. Os nomes indicados pela UNITA são: António D. Morais, Walter Lemos, Manuel Gonçalves, Álvaro Quental da Fonseca, António Figueiredo e Mário de Assunção Duarte. Quanto aos restantes três, a UNITA dá apenas os nomes próprios que as agências não referem. No dia 23 de Setembro a UNITA reivindicou o derrube de outro helicóptero angolano no qual teriam morrido os portugueses José Lima, João Aveleira e Pedro Costa.

O sequestro de 48 horas do paquete italiano «Achille Lauro» terminou ontem à tarde em Port Said sem derramamento de sangue, com a rendição incondicional dos quatro assaltantes palestinos às autoridades egípcias.

Ao dar a notícia, o ministro egípcio dos Negócios Estrangeiros, Esmat Abdel Meguid, declarou que os 411 passageiros e tripulantes se encontravam bem e os sequestradores serão autorizados a partir para um país não identificado, segundo acordo a que chegaram durante as negociações.

Os quatro palestinos, que se entregaram às autoridades egípcias às 17 horas locais (15 horas de Lisboa), foram transportados a terra por uma unidade da Marinha egípcia e desembarcaram em Port Said fazendo o sinal da vitória.

A rendição resultou do êxito das conversações entre os sequestradores e uma delegação constituída por funcionários

egípcios, italianos, da OLP, e Cruz Vermelha, que com consentimento daqueles, abordou, ao princípio da tarde, o «Achille Lauro», ancorado a cerca de 15 milhas de Port Said.

Fontes da OLP no Cairo salientaram que embora os piratas se tivessem rendido sem condições, o Governo egípcio permitiu-lhes abandonar o país «em atenção pela conclusão pacífica do episódio».

Morto era inválido

Do sequestro resultou a morte de um cidadão norte-americano, que foi identificado como sendo Leon Glinford, 69 anos. A vítima movimentava-se numa cadeira de rodas e fazia-se acompanhar da mulher, Marilyn, 58 anos.

Entretanto, o embaixador italiano no Cairo, Giovanni Migliuolo, afirmou que uma mulher austríaca continua desaparecida, desconhecendo-se se

ela tinha desembarcado horas antes de o «Achille Lauro» ter sido sequestrado na segunda-feira.

A referida cidadã austríaca não foi encontrada quando o navio atracou em Port Said. O embaixador não a identificou. Todos os restantes passageiros e tripulantes, incluindo 78 portugueses, encontram-se bem.

Os motivos

A Polícia italiana pensa que, por algum motivo ainda não esclarecido, os quatro sequestradores foram descobertos em Alexandria, o que os «obrigou» a sequestrar o paquete para evitarem ser detidos.

Os quatro palestinos que sequestraram o «Achille Lauro» pertencem à Frente para a Libertação da Palestina (FLP), organização pró-síria que abandonou em 1983 a OLP, de Yasser Arafat.

Segundo investigadores ita-

lianos, os quatro membros do comando embarcaram em Génova com passaportes falsos, um deles argentino e ocuparam a cabina 82.

A Polícia italiana capturou que os bilhetes foram comprados por um homem que aparentava 30 anos, moreno, que dominava mal o inglês e pagou em liras os bilhetes que adquiriu a 6 de Setembro.

O comando, armado com metralhadoras, granadas de mão e explosivos de comando à distância, tinha como objectivo desembarcar perto do porto isarellita de Asdod, próxima etapa do cruzeiro, disse o membro do comité central de Al Fatah, Abu Yihad.

O embaixador egípcio nos Estados Unidos e o líder da Organização de Libertação da Palestina (OLP), Yasser Arafat, entrevistados pela ABC, concordaram que os sequestradores devem ser castigados, apesar do acordo.

Ameaça NATO

NATO reunir-se-ão terça-feira em Bruxelas, para discutir assuntos Leste-Oeste, ante o iminente encontro de Novembro entre o presidente norte-americano e o líder soviético — anunciou um responsável belga.

O encontro, a realizar na sede da NATO, convocado na semana passada pela Bélgica e pela Holanda, surgirá nove dias antes das conversações de Ronald Reagan com líderes de cinco dos principais países industrializados, em Nova Iorque.

Ronald Reagan deverá encontrar-se com Mikhail Gorbachev, em Genebra, em 19 e 20 de Novembro.

Mubarak poderá rescindir Tratado de Camp David

O presidente do Egipto, Hosni Mubarak, avisou Israel de que rescindir o tratado de Paz de Camp David, se os israelitas atacarem a Jordânia, afirmou um dirigente palestino.

Said Kamal, conselheiro para questões egípcias do presidente da OLP, Yasser Arafat, declarou que esta posição de Mubarak também foi comunicada oficialmente aos Estados Unidos, patrocinadores daquele tratado, assinado em 1979.

O conselheiro de Arafat predisse que o tratado será abolido dentro de um ano e exortou os países árabes a reatarm as relações diplomáticas com o Cairo, «não pelo Egipto, mas sim pela causa palestina».

Kamal disse ainda que «uma grande potência europeia», que se negou a identificar, deu garantias firmes de que protegerá o espaço aéreo da Tunísia para impedir qualquer repetição do ataque aéreo israelita do dia 1 contra a sede da OLP em Tunes.

Denunciado pela "Amnistia Internacional"

Milhares de pessoas mortas pelos governos dos seus países

Milhares de pessoas foram, deliberadamente, mortas, pelos seus Governos, em 1984, e milhares de outras encarceradas pelas suas crenças — denunciou, em Nova Iorque, a Amnistia Internacional, organização de defesa dos Direitos Humanos.

A Amnistia Internacional, galardoada com o Prémio Nobel da Paz, apresenta, no seu relatório anual de 1985, provas de execuções e assassinios com torturas e maus tratos em 123 países, por parte de governos, Polícias e outras forças de segurança.

Durante o ano em questão — refere — «cerca de metade dos países do Mundo tinham prisioneiros de consciência nas suas prisões. Milhares de presos políticos foram encarcerados sem acusação formal ou julgamento e a tortura é utilizada como um instrumento de política estatal em

numerosas nações».

Segundo a Amnistia, civis armados foram mortos por forças governamentais em operações antiguerrilha no Chade, El Salvador, Peru e Guatemala, entre outros países.

O relatório referente ao ano passado indica, ainda, que, em países como Angola, Camarões, Líbia e Irão, entre outros, vários prisioneiros foram condenados à morte em julgamentos que não estavam em conformidade com as normas internacionais em vigor.

Os tribunais revolucionários internacionais no Afeganistão, por exemplo, ditaram 77 penas capitais sem recurso de apelação, contra indivíduos acusados de homicídio ou «terrorismo».

A Amnistia internacional cita ainda muitos casos de prisioneiros mortos por tortura ou negligência.

F vai pintar-se mais com a cor de Bad-Godesberg

constituem os valores fundamentais do querer socialista». Ela afirma que «a livre concorrência e a livre iniciativa dos empresários são elementos importantes de uma política económica social-democrata».

Ela aprova «a livre economia de mercado por todo o lado onde a concorrência se afirma», acrescentando: «Em todo o caso, quando os mercados são dominados por indivíduos ou grupos, é necessário tomar medidas múltiplas para preservar a liberdade na economia». Ela resume o todo numa fórmula percutiente: «A concorrência em toda a medida do possível, a planificação tanto quanto necessária.»

Os princípios mais ou menos definidos pelas citações precedentes correspondem à orientação efectiva de socialismo na Europa Ocidental desde 1945.

Em França, o governo Fabius e a sua maioria baseiam neles a sua política. O PS irá enfim reconhecer a teoria da prática em vez de deixar crescer entre si um afastamento que o impede de elaborar um projecto credível? É este o problema fundamental do próximo congresso de Toulouse, para além das disputas de clãs, clientelas, correntes, sensibilidades ou facções.

Não se pode reter o argumento de que é preciso con-

servar uma imagem de esquerda para recuperar os votos dos comunistas desconsolados. Os que percebem o irrealismo do PC não procuram substituir uma droga por outra, o ópio pelo canabís.

Como os centristas chegados ao PS em 1981, que ainda hesitam em pender para a direita, eles procuram a verdade e irão na direcção daqueles que terão a coragem de a dizer seguindo o preceito de Jaurès.

Embragados de ideologia, cheios de palavras, os eleitores susceptíveis de chegar ou de regressar ao socialismo querem saber o que o termo significa exactamente, em vez de ouvir repetir sempre lita-

nias em que não se acredita.

Nada é mais importante para o socialismo francês do que colocá-lo à hora de Bad-Godesberg, que revelaria o seu verdadeiro rosto por trás da máscara que o desfigura. Em relação a essa reforma fundamental, os problemas de pessoas são completamente secundários. Uma delas podia, no entanto, ter um notável efeito estratégico nas eleições legislativas de 1986. Neste quadro o PS dispõe de uma arma extraordinária.

Usemos um instante as provocações estimulantes. Suponhamos que os nossos estados-maiores políticos sejam mais clarividentes. Esqueçamos a

inércia dos aparelhos. Imaginemos que os dirigentes do PS decidem ver o que entra pelos olhos de toda a gente: que o seu partido podia conjurar ou restringir a derrota que o ameaça para 1986, se ele tivesse à cabeça o Maire de Conflans-Sainte-Honorine. Que choque nos media e na opinião pública se um despacho anunciasse no dia 13 de Outubro à tarde: «Michel Rocard foi eleito primeiro-secretário do Partido Socialista. O partido decidiu fazer bloco a seu favor!» Os ganhos em vozes e em lugares seriam sem dúvida importantes.

Claro que nem as palavras nem os homens sofrerão tais mutações. Vai-se salpicar o PS

com algumas fórmulas no estilo de Bad-Godesberg. Dar-se-á aos rocardianos um pouco mais de lugar nos comités e nos secretariados directivos, e até nas listas eleitorais.

Assim, os nossos generais de 40 dispersavam alguns carros de assalto nos regimentos de infantaria em vez de os lançar em bloco no combate, onde a sua massa teria podido mudar a sorte das armas. Depois da nossa derrota os alemães descobriram-nos intactos nos depósitos onde estavam piedosamente conservados. Logo depois da vitória de 1986, a direita tem todas as possibilidades de encontrar Michel Rocard no mesmo estado.

Segundo cálculos da Intersindical

Salário médio perdeu 14 por cento em doze anos

Os salários mínimo e médio nacional sofreram nos últimos 12 anos um desgaste no poder de compra de respectivamente 34 e 14,3 por cento — afirma um estudo da CGTP/Intersindical. Segundo números do INE coligidos pela CGTP-Intersindical, o salário médio nacional ilíquido aumentou 740 por cento entre 1973 e 1984, mas os preços subiram muito mais (881 por cento) pelo que a evolução do poder de compra dos trabalhadores foi diminuindo, registando uma quebra de 14,3 por cento nesses 12 anos.

Os números indicam que as actualizações do salário médio nacional ilíquido permitiram uma evolução positiva do poder de compra dos trabalhadores apenas em 1974, 1975 e 1980. Os quadros elaborados pela central sindical e coligidos numa publicação intitulada «Dois anos de Governo PS-PSD» referem já quanto ao salário mínimo nacional, que, apesar dos sucessivos aumentos, só foi actualizado em percentagem superior à do aumento dos preços em 1980 e 1984.

Entre 27 de Maio de 1974 e 1 de Janeiro de 1985 o salário mínimo nacional aumentou de 3.300 para 19.200 escudos (481 por cento), mas os preços aumentaram 781 por cento. O poder de compra do salário mínimo nacional diminuiu assim, 34 por cento o que quer dizer que os 19.200 escudos que vale hoje correspondem a 2.179 de Maio de 1974.

A CGTP-Intersindical faz ainda eco dos valores dos vencimentos dos membros do Governo e dos deputados entre 1984 e 1985 onde aponta os dois

aumentos registados. O Primeiro-Ministro, que auferia em 1984 um total de 130 900 escudos, passou a ganhar 168 000 após um primeiro aumento em 1985, e 204 800 depois de um segundo aumento, no qual 58 500 correspondem a um abono mensal.

O valor mais baixo desta tabela é o registado para os deputados que em 1984 ganhavam um total de 59 900 escudos, em 1985 um total de 80 000 escudos após um primeiro aumento de 97 600 depois de uma segunda actualização.

Prevê o relatório da OCDE

Desemprego na Europa Ocidental pode atingir os 11 por cento

O desemprego deverá continuar a aumentar em 1986 nos países membros da OCDE, e atingirá no fim do próximo ano 31,5 milhões de pessoas (contra 30,75 em 1985), ou seja 8,5 por cento da população activa, revela o relatório anual da OCDE. Esta percentagem poderia, mesmo, ser superior em relação à Europa Ocidental e atingir os 11 por cento (cerca de 19,25 milhões de pessoas).

Segundo o mesmo relatório, os dois grupos mais atingidos pelo desemprego são os jovens e os que se encontram já na situação de desemprego há muito tempo.

Portugal, assim como a Bélgica, a Irlanda e a França, encontra-se no lote dos países europeus onde o desemprego tem tendência para aumentar no próximo ano, enquanto que ele poderia diminuir ou

estabilizar-se na RFA, na Grã-Bretanha e na Austrália. A curva ascendente do desemprego é explicada no relatório «pela diminuição da procura na Europa, o aumento dos custos da mão-de-obra e a rigidez dos mercados de trabalho, dos capitais e dos produtos em numerosas economias europeias».

O relatório constata, também, que esses países não pretendem relançar a procura por recrearem um aumento da taxa de inflação, obrigando-os assim a pôr em prática uma política pontual no campo do trabalho.

A OCDE cita, nomeadamente, a ajuda às pequenas empresas como um meio de encorajamento na criação de novos postos de trabalho, sublinhando por outro lado que a dinâmica de um crescimento económico estaria antes ligado mais a um processo de criação de novas empresas do que ao seu desenvolvimento.

A flexibilidade do trabalho, estaria, segundo a OCDE, na base do relançamento económico, embora considere também que seria necessário conter as reivindicações no que diz respeito a salários nominais.

50 despedimentos nos «Pinheiros»

A conhecida empresa de confecções «Casa Pinheiros» encerrou já as suas lojas da Rua Augusta e da Av. de Roma e com esse encerramento cerca de 50 trabalhadores, alguns com mais de 40 anos de serviço, foram enviados para o desemprego.

A carta de despedimento, colocada de surpresa perante os trabalhadores da firma, exigia que fosse tomada uma decisão imediata: assinavam e recebiam um cheque de determinada quantia ou ficariam entregues às incertezas de um futuro sem trabalho. Os trabalhadores assinaram.

Os «Pinheiros» não continuam no mesmo ramo comercial. As lojas foram vendidas para que nelas se instalassem unidades da nova banca privada.

Posto perante os factos, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio agiu imediatamente e informou o principal sócio, Luís Filipe Ribeiro, da completa ilegalidade de todo o processo (ausência de autorização para despedimento colectivo e de envio de pré-avisos de despedimentos, não pagamento dos valores legais das indemnizações, etc).

O Sindicato está a desenvolver todos os esforços no sentido de denunciar e fazer corrigir «este caso verdadeiramente escandaloso».

Só no distrito de Lisboa 25 mil trabalhadores com salários em atraso

Ultrapassa os três milhões e 700 mil contos o montante dos salários em atraso no distrito de Lisboa, abrangendo 25,5 mil trabalhadores de 211 empresas. Estes dados referentes a Setembro e divulgados pela União dos Sindicatos de Lisboa, significam um agravamento da situação relativamente ao mês de Agosto e não abarcam o universo deste flagelo no distrito, apenas nos casos de que os sindicatos têm conhecimento.

A situação, que assume aspectos dramáticos e de autêntico flagelo social só não é mais grave porque, no entender da União dos Sindicatos de Lisboa, «está a desembocar no desemprego, nas reformas antecipadas e nas falências».

Além disso estão em curso tentativas de despedimento colectivo na Vitrohm e na Comportel. Mais 400 trabalhadores da Centrel correm idêntico risco se «não se autodespedirem com indemnizações».

No sector da cerâmica está a generalizar-se o sistema de reformas antecipadas em três das mais importantes empresas: Lusalite, Cimianto e Cimpor. Foram também rescindidos os contratos de trabalho com 1540 trabalhadores no sector gráfico, papel e Imprensa: 700 na Empresa do «Diário de Notícias», 40 no «Diário Popular» e 800 na Portucel.

No sector dos têxteis, 16 empresas encerraram abrangendo cerca de 700 trabalhadores. No sector do comércio encerraram 22 empresas que empregavam 1331 trabalhadores, enquanto os metalúrgicos viam 900 colegas ficar sem emprego pelo encerramento de 11 empresas.

«A manutenção do actual estado de coisas compromete seriamente as já escandalosamente degradadas condições de vida da população e todo o aparelho produtivo nacional, pelo que a impossibilidade de tudo isto se manter é evidente» — conclui a USL.

Sectores	Empresas	Trabalhadores	Montante em dívida (em contos)
Hotelaria	11	3.072	175.400
CESL	29	2.910	267.427
Cerâmica	8	1089	100.000
Hidratos Carbono	4	391	700.296
Químicos	22	1.626	277.414
Ind. e Com. Farmac.	9	486	26.745
Metalurgia	66	11.060	100.815
Construção	23	2.859	343.700
Vidreiros	2	115	28.888
Bebidas	1	120	5.000
Cel., Graf. Imprensa	5	540	—
Ind. Eléctricas	11	2.381	450.500
Têxteis	10	855	203.188
Rodoviários	10	71	—
TOTAIS	211	25.575	3.700.916

O quadro dos sectores, das empresas e dos trabalhadores com salários em atraso no mês de Setembro, no distrito de Lisboa, segundo fonte sindical

COTACÕES
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade) COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	55\$85	61\$85
ALEMANHA FED (marco)	60\$95	65\$15
ÁUSTRIA (xelim)	8\$60	8\$80
BÉLGICA (franco)	2\$845	3\$045
BRASIL (cruzeiro)	\$009	\$019
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	117\$95	120\$45
(notas de 5 a 1000)	118\$45	120\$95
DINAMARCA (coroa)	16\$85	17\$25
ESPAÑA (peseta)	\$977	1\$097
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	161\$35	164\$85
(notas de 5 a 1000)	161\$85	165\$35
FINLÂNDIA (marka)	28\$35	28\$95
FRANÇA (franco)	20\$00	20\$70
HOLANDA (florim)	54\$15	55\$25
IRLÂNDIA (libra)	189\$45	193\$45
ITÁLIA (lira)	\$082	\$092
JAPÃO (iene)	\$727	\$762
NORUEGA (coroa)	20\$45	20\$95
REINO UNIDO (libra)	229\$25	233\$75
SUÉCIA (coroa)	20\$25	20\$75
SUÍÇA (franco)	74\$30	75\$80
VENEZUELA (bolívar)	9\$95	10\$95

Observações:
1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Avisa o MPMCI

Representatividade dos empresários não depende da CIP

O Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais criticou ontem declarações do presidente da CIP sobre a criação de uma comissão tendente à obtenção de uma voz única dos empresários.

Em comunicado, o MPMCI recorda que tal comissão saiu de uma reunião entre a Confederação da Indústria Portuguesa

(CIP) e as Associações Industriais Portuguesa e Portuense. O comunicado daquele movimento afirma que é «absolutamente legítimo que quaisquer associações se reúnam para discutir os seus problemas» mas é «ilegítimo que o presidente da CIP, resistindo mal às tentações açambarcadoras daquela confederação, fale já em voz única dos empresários».

O MPMCI diz que «a representatividade dos empresários portugueses não depende da vontade da CIP ou qualquer outra entidade mas sim deles próprios e recorda que estão em curso os trabalhos da comissão instaladora da Confederação Nacional de Pequenos e Médios Empresários, cuja criação foi decidida em congresso nacional

de PME's. Os pequenos e médios empresários portugueses da indústria e do comércio — sublinha o movimento — vão ter os seus representantes saídos das iniciativas dos movimentos de pequenos e médios comerciantes e industriais e das associações com eles empenhadas nesse objectivo.

Algarvios pagam a factura dos excessos de Verão

Terminado que está o Verão, a cidade de Portimão, uma das maiores zonas turísticas do Algarve e do país, retoma a sua vida normal precisando apenas de cuidar e limpar, alimentar e dar de beber aos seus quarenta mil fiéis habitantes.

Durante os três meses de estio, Agosto em especial, a população do concelho triplicou atingindo os 120 mil habitantes, situação que se reflecte a todos os níveis — o abastecimento de géneros e água precisa de ser reforçado, a recolha de lixo é intensificada, o sistema de esgotos e os cuidados de saúde atingem o seu máximo.

Em 1984, por exemplo, só durante o mês de Agosto foram recolhidos dois mil e setecentos metros cúbicos de lixo, enquanto em Fevereiro, em plena época baixa, foram recolhidos apenas cerca de mil e setecentos metros cúbicos ou seja, menos mil que na época alta.

No que diz respeito à água, enquanto no Inverno os gastos médios do concelho se situam à volta dos dez mil metros cúbicos, em Agosto os gastos quase triplicam, atingindo mais de 26 mil.

Para transportar todo aquele volume de água para Portimão, necessário apenas durante três meses do ano, foi preciso instalar uma rede de condutas de grande diâmetro, bem como construir um sistema de depósitos elevados, conforme salientou à NP o vereador da Câmara responsável pelo pelouro.

Esgotos

Apolo Domingos sublinhou, por outro lado, que o sistema de esgotos instalado excede em muito as necessidades da população local só encontrando utilização plena quando recolhe as águas residuais e, demais detritos, de uma população veraneante três vezes superior à normal.

No campo da saúde o aumento sazonal da população também traz problemas.

Ivo Campos, presidente do

conselho de gerência do Hospital Distrital de Portimão salienta que além da afluência ao hospital aumentar cem por cento nos meses de Verão, as características próprias da população veraneante agravam os seus problemas de saúde e agudizam eventuais insuficiências do hospital.

«Os turistas são uma população com características muito particulares», esclarece. Por um lado, «é uma população que se movimenta permanentemente e que come e bebe mais do que o habitual o que a torna potencialmente mais vulnerável à doença».

Ivo Campos salienta, ainda, que de uma forma geral «o indivíduo que está de férias quer tratar-se o mais rapidamente possível», o que provoca nalguns casos o congestionamento dos serviços de saúde.

No caso do hospital de Portimão, explica aquele responsável enquanto a média de atendimento diário nas urgências e de cem pessoas, no Verão, esse número duplica com problemas que, devido por exemplo, ao aumento dos acidentes de viação, são por vezes mais graves.

Bens alimentares

Outro aspecto importante numa zona de veraneio como Portimão e o abastecimento de bens alimentares uma vez que muitos dos géneros consumidos na região são produzidos fora do Algarve.

A carne, leite e derivados, bem como alguns produtos hortofrutícolas chegam todos os dias de outras zonas do país. Apenas o peixe colocado nos mercados desta cidade algarvia provém do seu porto e foi pescado com os seus próprios barcos.

Santos Almeida, proprietário de dois supermercados no con-

celho de Portimão, um dos quais situado junto da sua principal zona comercial, revela que no Verão os seus estabelecimentos vendem três a quatro vezes mais do que no resto do ano.

Por isso, afirma, «é preciso assegurar o abastecimento regular das prateleiras dos supermercados, tarefa nem sempre fácil».

Ainda há pouco tempo, recorda Santos Almeida, um estrangeiro residente na zona, seu cliente e amigo, lhe dizia que a primeira frase que aprendeu em português foi «hoje não há, só amanhã...».

Os problemas de Portimão não são diferentes de muitas outras zonas turísticas em Portugal ou no estrangeiro. Para fazer face à flutuação cíclica da população as infra-estruturas concelhias têm de estar dimensionadas para satisfazer as necessidades de 120 mil habitantes, no caso de Portimão, quando a sua população fixa durante três quartos do ano é bem menor.

Equipamentos mais caros

Tal facto e conforme salientou o vereador Apolo Domingos, «não permite rendibilizar de forma directa os equipamentos que custam, nalguns casos, dezenas de milhares de contos mas que têm de existir para que seja dada uma resposta satisfatória nas épocas de ponta do consumo».

Em suma, o turismo é efectivamente uma fonte importante de riqueza económica para o país. Mas, até hoje ninguém fez contas do que isso custa para os algarvios.

Desde as autarquias que são forçadas a investimentos três ou quatro vezes maiores do que habitualmente necessário até à própria população que por vezes luta com a escassez de géneros e preços fora das tabelas normais e com o subdimensionamento de alguns serviços essenciais, como é o caso da saúde, todos pagam no Algarve a factura do turismo.

Mais de metade da cortiça não entra nas estatísticas

Portugal, embora seja, indiscutivelmente, o primeiro produtor de cortiça do mundo, os números postos à disposição pela produção dos organismos oficiais não o dão, minimamente, a entender.

Quem o admite é o próprio Instituto dos Produtos Florestais, órgão que tem por missão, entre outras coisas, centralizar toda a estatística oficial do sector.

O caso da cortiça não é virgem, já que, de uma maneira geral, toda a estatística agrícola em Portugal é extraordinariamente imprecisa e incompleta.

O Instituto está neste momento a levar a cabo uma campanha de sensibilização da pro-

dução para que preencha devidamente os manifestos de produção de cortiça, o que cerca de 90 por cento dos agentes económicos envolvidos não faz.

Com a entrada no Mercado Comum, Portugal poderá beneficiar das estruturas de planeamento da Comunidade desde que apresente estatísticas correctas e o mais completas possíveis.

Salários subiram

Em relação ao ano de 1984 os salários subiram de um modo geral, indicando-se como valores médios 250 a 300 escudos por hora de trabalho.

A campanha de comercialização de 1985 poderá caracterizar-se pela afirmação de que

poucos negócios se terão concretizado «na árvore».

A campanha anterior assinada por subida de cotações no seu decurso, terminará com valores por arroba e para as melhores partidas que rondaram, 1400 escudos.

Portugal exportou, em 1984, 30,6 milhões de contos em cortiça, importando 1,5 milhões de contos dessa matéria-prima, ocupando o segundo lugar em valor na exportação dos produtos florestais.

Segundo os últimos dados estatísticos, o sobreiro ocupa 670 mil hectares do solo de Portugal Continental, havendo cerca de 570 empresas industriais do sector, que empregavam quase 15.500 trabalhadores.

PESSOAS E FACTOS

C. G. Depósitos e as comemorações do descobrimento da América

Comemorando-se em 1992 o V Centenário dos Descobrimentos da América, a «Confederação Espanhola de Cajas de Ahorros», sob o alto patrocínio do príncipe das Astúrias e em colaboração com a Comissão Nacional Espanhola do V Centenário do Descobrimento da América vai organizar, entre 1985 e 1992 em anos alternados, um programa de «Aulas Navegantes de Estudos Ibero-Americanos», subordinado ao tema «Nueva Gente — Aventura 92», que se propõe reproduzir, com fidelidade, cada uma das 4 viagens de Cristóvão Colombo ao Novo Mundo.

Na primeira edição deste programa, que se iniciou em 27 de Setembro e termina a 21 de Outubro de 1985, 400 jovens procedentes de Portugal, de Espanha e de países ibero-americanos, acompanhados por 70 professores, tutores e responsáveis, seguirão, a par e passo, a rota seguida por Colombo na sua primeira viagem, a do descobrimento da América, saindo de Huelva, passando pelas ilhas Caná-

rias, ilha de Watling — Bahamas (antiga Guanahani), Cuba, República Dominicana e regressando a Espanha-Cádiz.

Dada a natural preponderância de Portugal na epopeia dos Descobrimentos, a Caixa Geral de Depósitos, associando-se a esta iniciativa, convidou o prof. dr. Hermano Saraiva, secretário-geral da Academia das Ciências de Lisboa, para leccionar o seminário «Portugal e o Mar» o qual constitui a participação portuguesa no conjunto de cursos a ministrar durante a viagem.

A representação portuguesa será, além disso, constituída por 4 alunos finalistas do 10.º ano de escolaridade (2 do sexo feminino e 2 do sexo masculino) e serão acompanhados por um professor — dr. Arlindo Manuel Carrasco da Silva Caldeira — nomeado pela Direcção-Geral do Ensino Secundário do Ministério da Educação. Estes alunos foram seleccionados por aquela Direcção-Geral com os que, em todo o País, obtiveram mais alta classificação na cadeira de História durante o ano lectivo de 1984/85.

Grupo Martini lança vinho do Porto Vintage

A Forrester e C.ª., Lda., empresa do grupo Martini, lançou recentemente no mercado português o vinho do Porto boa Vista Vintage 75 «e Vintage 77».

Considerados como dois dos melhores anos do vinho do Porto, este «Vintage» (vinho de uma só colheita, produzido em ano de reconhecida qualidade, comprovada pelo Instituto do Vinho do Porto) foram comercializados sob a marca Offley, e são apresentados em caixa individual de madeira.



Inovação e qualidade, temas do 44.º Congresso Nacional Philips

Realizou-se no passado dia 2 de Outubro o 44.º Congresso Nacional Philips, que contou com a presença da grande maioria dos agentes Philips do Continente e da Madeira, e dos Açores.

Na abertura dos trabalhos do Congresso, o administrador-delegado da Philips Portuguesa, eng.º E. Ghislain, dirigiu a palavra a todos os participantes, apreciando as condições da economia portuguesa e as suas implicações para, em seguida, se referir às perspectivas que actualmente se apresentam como factores determinantes para a evolução dos negócios da Philips em Portugal, nomeadamente a entrada de Portugal na CEE a partir de Janeiro próximo, os indícios de recuperação económica que vêm revelando, a importância do crédito privado, a influência da baixa das taxas de juros, o aumento do investimento, o efeito da alta poupança e, também, as consequências da entrada em vigor do IVA anunciado para Janeiro do próximo ano.

O eng.º E. Ghislain referiu-se ainda e entre outros assuntos à dimensão e perspectiva da Philips em Portugal, reestruturando e actual política de distribuição e à extraordinária importância e esforço permanente que a Philips dedica à posição de liderança tecnológica, como o atestam o próprio lema deste Congresso — Inovação e Qualidade.

Várias sessões de trabalho, que decorreram ao longo de todo o dia, como habitualmente, centraram-se na estratégia comercial que a Philips e os seus agentes definirão no futuro. Entretanto foram muitas as novidades Philips apresentadas à sua rede nacional de agentes, as quais serão comercializadas de imediato no mercado português. Dentre elas destaca-se a área dos equipamentos de Audio e de Vídeo como o «Audio Compact Disc» que utiliza a técnica digital de gravação, com processo

Vila Recife amplia instalações

Vila Recife é uma bela mansão senhorial que, com o seu jardim de palmeiras e 20 quartos espaçosos, constitui um conjunto residencial turístico no centro de Albufeira. Desde o início do Verão deste ano que foi ampliado para 200 camas hoteleiras, devido à entrada em funcionamento de um corpo, nas traseiras da mansão, com 75 novos apartamentos.

Foi agora anunciado que uma piscina, terraços e um segundo jardim estarão concluídos na Primavera do próximo ano, não encerrando, no entanto, o empreendimento durante a época baixa, o que sucede pela primeira vez, já que os contratos de «allotment» firmados assim obrigam.

Igualmente aberto na época baixa vai estar o «Aparthotel Auramar» localizado entre Areias de S. João e Albufeira, mesmo sobre o mar, e também pertencendo, como Vila Recife, às Organizações Fernando Barata, mas em regime de concessão, já que a sua propriedade é de um consórcio alemão constituído sobretudo por médicos, advogados e outros particulares do sector das profissões liberais.

Movifil assina contrato com alemães

A Movifil-Movimentação Industrial, Lda., assinou recentemente um contrato de representação exclusiva com a firma alemã Still GmbH, conhecido fabricante mundial de empilhadores e tractores eléctricos. Para o efeito, deslocou-se a Portugal Vincent Lütckens, em representação daquela fábrica alemã.

Futebol de salão: a "guerra" que vai por aí!

Vai por aí fora uma pequena guerra de Alecrim e Manjerona em torno do futebol de salão, com um organismo oficialmente constituído para universalmente o comandar e legislar (a FIFUSA) e, subitamente, a FIFA a tentar, em termos mais ou menos desesperados e ameaçadores, acorrentar ao seu império esta modalidade que começa a arregimentar multidões e já é praticada em 44 países filiados na FIFUSA que nada devem (nem temem) perante o organismo que somente superintende no futebol de campo. Em Portugal, desactivada a longa passividade pelo surto incrementador que se projecta da jovem Associação de Futebol de Salão de Lisboa, surge um brusco bombardeamento fifeiro, talvez porque está à porta o 2.º campeonato mundial da modalidade e, sob a égide da FIFUSA, Portugal alinhará entre os blocos concorrentes.

No sentido de aclarar a sua posição e demonstrar (se isso ainda fosse necessário) de que está dentro da razão e da legalidade internacional, a Associação de Futebol de Salão de Lisboa divulga o seguinte comunicado:

«A realização, entre 18 e 27 de maio corrente, do 2.º campeonato mundial de futebol de salão, que vai decorrer em diversas cidades espanholas (Valência, Elche, Alcora, Burriana, Huelva, Cadiz, Puerto de Santa Maria, Toledo, Albacete, Guadalajara, Bilbao, San Sebastian e Madrid) sob a presidência de honra de Sua Majestade D. Juan Carlos de Borbon (Rei de Espanha), com o apoio do professor Tierno Galván (Alcalde de Madrid), realização e organização da FEFS (Federação Espanhola de Futebol de Salão) e segundo as leis orientadoras e a alta supervisão da FIFUSA (Federação Internacional de Futebol de Salão) criou uma súbita onda de despeito (ou de desespero) na FIFA que, durante cerca de trinta anos, viveu totalmente abstraída do futebol de salão, muito embora o seu presidente actual (o brasileiro João Havelange) tenha igualmente sido o responsável inicial pela FIFUSA (organismo sediado em São Paulo, agora confiado ao dr. Januário d'Alessio, que encontrou num autêntico caos o «trabalho» do viajado compatriota, palavroso, semi-omnipotente e muito amante de exercer uma tirania especial e a bel-prazer sobre todos quantos se acomodam em torno do seu cadeirão fifeiro).

«A FIFA que (repete-se) já mais entendeu o futebol de salão com o mínimo de expressividade ou razão de ser, que sempre o marginalizou e, inclusive, até assistiu (talvez siderada) ao primeiro campeonato mundial (realizado no Brasil e conquistado pela turma representativa deste país) sentiu-se súbita e inesperadamente como senhora e dona de um filho de outros pais. Vai daí, em angustiantes comunicados que rapidamente resvalaram para a ofensa, a calúnia e a aleivosia mentirosa que chegou ao desplane de considerar ilegal a FIFUSA (que fora fundada, pasme-se, pelo senhor Havelange...) surge, neste momento, perdido o comboio de poder manter alguma jurisdição sobre o futebol de salão, a colocar-se em bicos de pés para dar nas vistas e ameaçar «que os jogadores e os árbitros que venham a participar no pseudo-campeonato mundial de futebol de salão ficarão sujeitos a medidas disciplinares.

«Não mereceria a mais pequena palavra de aclaramento da verdade este moribundo despacho da FIFA que (uma mão tapa, outra destapa) confessa ter conhecimento que as selecções da Checoslováquia, Portugal, Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Estados Unidos, Japão, Austrália, França, Bélgica, RFA, Itália, Canadá, Costa Rica, Venezuela, Porto Rico e

Espanha, participarão no 2.º campeonato mundial de salão. E, do silêncio (apavorado) que tomou os fifeiros quando do erguer do primeiro campeonato, talvez com receio do senhor Havelange ficar na estaca zero dentro do seu próprio país, passou-se para uma ameaça sem o menor sentido ou consistência, já que aqui mesmo ao nosso lado, depois de larga controvérsia que foi encaminhada para os tribunais e nesta instância legal ao mais alto ponto, o esforço e persistência de D. António Alberca (presidente da Federação Espanhola de Futebol de Salão) acabou por ser legalmente reconhecido pelo Tribunal Constitucional e autorizada a existência da respectiva Federação, totalmente independente e sem qualquer subserviência a outra entidade que não seja a FIFUSA.

«Já com cerca de quatro dezenas e meia de países inscritos na FIFUSA, levando a cabo o segundo campeonato mundial com representantes de quatro continentes, conquistando em cada dia maior número de adeptos e mais ampla divulgação (em Portugal, desde a RTP a todas as emissoras radiofónicas e todos os demais Órgãos de Comunicação Social, sem a mais leve excepção estão apoiando a variante de um espectáculo apaixonante) o futebol de salão como imã atractivo das grandes multidões, está a tornar-se coíça para a boa gente que antes o pretendia colocar na berma do caminho mas, agora, não o podendo vencer, procura tornar aliado, de molde a fortalecer um império que em nada se assemelha ao futebol de salão, modalidade desportiva onde a violência é tenazmente combatida, onde a disciplina é mantida a todo o transe, onde o amadorismo é verdadeiramente olímpico, onde o respeito pela legislação, pela ética e pelo parceiro de jogo são constantes permanentemente no horizonte. Afinal, todos aqueles atributos que

(infelizmente) não costumam marcar, sequer ao de leve, a maioria dos espectáculos (bem tristes) que costumam ser prodigamente ofertados sob a égide da FIFA que gasta mais papel e tempo em divulgar punições e ameaças que em tentar disciplinar o público e os praticantes, que em fomentar o futebol entre as camadas etárias mais jovens, que em impedir que a droga ou a ânsia de vitória a todo o preço já tenham feito vítimas mortais, para nem sequer se nomear o fanatismo exacerbado que nunca a FIFA combateu e, para mal das plateias que começam desertando dos estádios (as próprias estatísticas fifeiras não o negam) tende a fazer com que o cidadão comum, alheando-se de espectáculos onde a indisciplina campeia, se torne em mais um adepto da tal variante futebolística em que, além de não estar sujeito à chuva ou ao frio, pode sentar-se acompanhado por um filho de meia dúzia de anos vendo em alegre evolução outros meninos de palmo e meio, divertindo-se e cultivando o físico, ganhando personalidade e estatura moral.

«Quando se ergue a Associação de Futebol de Salão de Lisboa e, no acto de posse, estiveram presentes representantes oficiais da Secretaria de Estado dos Desportos, da Direcção-Geral dos Desportos, da FIFUSA e da Federação Espanhola (através dos respectivos presidentes), criou-se o embrião para a Federação que dentro de dias igualmente será legalizada e terá, por esse país fora, cerca de uma dezena de Associações em vésperas de assumir a responsabilidade de erguer o primeiro campeonato nacional, já planificado para Novembro. O reconhecimento da Associação de Futebol de Salão de Lisboa pela FIFUSA permite-lhe desde já (e usando de poderes federativos) estar presente no mundial com uma selecção que, espera-se, pelo menos não faça pior

que a selecção portuguesa de futebol de campo, que, como se vem demonstrando, em pouco vai correspondendo aos milhares de contos despendidos pelo erário português, através da Federação que está sob alvedrio da FIFA, se bem que esteja em causa o valor do notável lote de jogadores da respectiva selecção que em nada são culpados do desvario da organização.

«No futebol de salão, o amadorismo é a palavra mais respeitada. No futebol de salão, nenhum praticante assina (impunemente) ficha por diversas colectividades na mesma época. No futebol de salão, os árbitros não são agredidos nem vilipendiados. No futebol de salão, não existem prémios por empate ou vitória, muitas vezes em montantes que ofendem o mortal comum, o trabalhador de sol a sol. No futebol de salão, não se procuram êxitos a qualquer preço: a alegria maior consiste, no final de um dia de trabalho ou estudo, em uns milhares de jovens poderem entregar-se à prática do seu desporto favorito com a certeza de terem sido inspecionados medicamente por clínicos que (como o dr. Branco do Amaral) dão o melhor contributo à Associação de Futebol de Salão, nesta cruzada que os seus dirigentes, amigos e patrocinadores pretendem que, sem qualquer luta hegemónica com o futebol de campo, possa ser indelével espelho das virtudes e capacidades de uma raça que nunca se sujeitou, nem em época onde tiranetes, a estrangeiros que pretendem colonizar um Portugal que não precisa de lições de moral para, até no desporto que é o futebol de salão, visitar outras latitudes e sair de cabeça erguida. Como recentemente aconteceu em quatro cidades do Brasil, onde, infelizmente, o futebol de onze já se despediu rodeado de casos tão vergonhosos que nos dispensa-

mos de recordar. Ao menos para não funcionarmos com delatores ou queixinhas, invejosos ou mal-vencidos, que é (afinal) o que se pretende mostrar no verso e reverso do infeliz comunicado da Federação Portuguesa de Futebol, a que só falta ameaçar de prisão perpétua o espectador que ouse assistir a um simples jogo de futebol de salão que, normalmente, termina entre abraços e troca de amizades e, nunca, em invasões de campo, pedradas no trio de arbitragem, tenebrosos jogos de bastidores e (até) em coisas bem piores que o respeito que o futebol nos merece obriga a deixar no tinteiro.

«Desculpem os verdadeiros desportistas este desabafo. E fiquem cientes todos quantos (urbi et orbi) ameaçam o nosso futebol de salão se comparecer no próximo campeonato mundial, que lá estaremos. Por sinal bem rodeados pela fina nata dos comunicadores da Imprensa, Rádio e Televisão que também não receiam qualquer procedimento penal que venha de uma Federação que, lá por residir a poucos metros de uma esquadra da PSP, já se julga com direito a policiar o trabalho honesto de quantos não precisam, por um instante sequer, de conselho ou mão no ombro de quem tem telhados de vidro e por vezes nem sabe bem como vão as coisas no seu pequeno reizinho, enclaves autorizado pela FIFA a que se vergem incondicionalmente. A Associação de Futebol de Salão de Lisboa, cumprindo religiosamente o preceituado pela FIFUSA, espera que, no próximo congresso da sua Federação Internacional, a atitude da FIFA e seus membros receba a mesma moção de censura que vai transparente nesta declaração de princípios que bem gostaríamos de não ter sido obrigados a redigir, não fora o caso de ter surgido (caído de pára-quadras) o lamentoso fifeiro por não poder mandar em tudo o que se joga com uma esfera: ténis, ténis de mesa, «squash», andebol, basquetebol.

Entretanto, a Associação de Futebol de Salão de Lisboa promove amanhã, pelas 12 e 30, uma conferência de Imprensa seguida de almoço, no Páteo Alfacinha (Rua do Guarda Jóias, 44, Lisboa).

Será apresenatada pelo presidente associativo, Eduardo Ramos, e pelo técnico José Eduardo (presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol e treinador da turma portuguesa de futebol de salão), a embaixada que vai actuar no campeonato mundial, em Espanha. Quinze jogadores mantêm-se em treinos intensivos: Mano, Fernando, Lino, José da Costa, Quim, Vasco, Jorge, Manuel Azevedo, Féria, Carlos Oliveira, Manuel Baptista, Paulo, Seninho, Raul José e Rui Ribeiro, com controlo médico dos drs. Branco do Amaral e José Feio.



**FUTEBOL
INTERNACIONAL**

**VAMOS TODOS
À ALBÂNIA**

ACOMPANHAR O SPORTING
VIJANDO COM A EQUIPA
EM AVIÃO ESPECIALMENTE
FREIADO

22 E 23 DE OUTUBRO
LUGARES LIMITADOS

INSCRIÇÕES ATÉ 6.ª-FEIRA 11/10



LISBOA — Av. Duque de Loulé, 116 — Tel. 52 04 41
LISBOA — Avenida da Igreja, 5 B — Tel. 80 96 24
PORTO — Rua Afonso Albuquerque, 96 — Tel. 98 25 97
GUARTEIRA — Av. Infante Sagres, 73 — Tel. 3 27 26
FUNCHAL — Rua da Conceição, 98 — Tel. 2 48 18

Colóquio Internacional de Psicologia do Desporto

Entre 6 e 8 de Novembro, no Hotel Praia-Mar (Carcavelos), vai ter lugar o II Colóquio Internacional de Psicologia do Desporto, que terá como tema-base a «preparação psicológica para a competição» (técnicas de auto-regulação, controlo de «stress», relações psicólogo-treinador) e, ainda, temas livres. Objectivo fundamental do colóquio: desenvolver os estudos na área específica da pedagogia do desporto, promovendo o intercâmbio entre técnicos, escolas e países, de forma a melhorar os seus conhecimentos, a pesquisa e os métodos de intervenção.

Vão ocorrer conferências por especialistas, comunicações, debates e trabalhos de grupo. O Comité Científico integra o dr. António Paula Brito e os licenciados José A. Alves, Agostinho Pereira, Sidónio Serpa e Urbela Fernandes, estando o comité local entregue ao professor Machado da Costa e a Teixeira Murta (presidente da Associação de Directores de Hotéis de Portugal) com a colaboração da Sociedade Portuguesa de Psicologia Desportiva e do Gabinete de Psicologia do ISEF (Universidade Técnica de Lisboa).

Com abertura a todos os interessados na «Psicologia do Desporto» (até 180 participantes) a taxa de inscrição é de 12 000\$00, com direito a participação em todas as actividades do colóquio e aos textos integrais das actas. Estudantes de

Educação Física e de Psicologia e sócios da Sociedade Portuguesa de Psicologia Desportiva têm uma redução de 50% no custo da inscrição. Para todas as informações está ao dispor Isabel Castella (Rua Luís Pastor de Macedo, Lote 29, 1700 Lisboa. Telex: 64369 PSICO P. Telefone: 7586795).

Este II Colóquio Internacional de Psicologia do Desporto tem patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol, Gabinete de Psicologia do ISEF (Universidade Técnica de Lisboa), Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Direcção-Geral dos Desportos e Sociedade Portuguesa de Psicologia Desportiva.

A organização do colóquio já assegurou as seguintes participações: prof. dr. Miroslav Vanek (da Universidade Charles de Praga), prof. dr.ª Renés Vanfranchem-Raway (da Universidade Livre de Bruxelas), prof. dr. Pierre Lacoste (da Universidade do Quebec au Trois-Rivières), prof. dr. Maurice Pieron (da Universidade de Liège), prof. dr. Mariano Espinoza (da Escola Internacional de Sofrologia e Centro de Sofrologia Médica de Madrid), prof. dr. Claude Bayer (do INSEP-Institut National des Sports et de l'Education Physique de Paris) e do Gabinete de Psicologia do ISEF (prof. dr. A. Paula Brito, drs. J. Alves e Sidónio Serpa, da Universidade Técnica de Lisboa). Aguarda-se a confirmação de outros especialistas nacionais e estrangeiros.

Vandalismo no futebol inglês

Grupos de jovens lançaram bombas incendiárias contra a Polícia, pegaram fogo a carros e saquearam lojas na cidade de Leicester, depois de um jogo de futebol disputado ontem à noite. Vários agentes ficaram ligeiramente feridos e foram levados para o hospital, depois de terem sido atingidos por bombas incendiárias, pedras e outros projectéis.

Pelo menos 300 polícias foram enviados para a área de Highfields (na cidade de Leicester) onde a violência irrompeu depois de um jogo entre Leicester City e Derby County. Os jovens, descritos pela Polícia local como «adeptos do futebol», defrontaram a Polícia, viraram e incendiaram carros e danificaram estabelecimentos comerciais. Dezenas de montras foram danificadas e duas lojas saqueadas. Várias pessoas foram detidas nos incidentes, que a Polícia disse não terem características raciais, como outros que se têm registado nos últimos tempos em Inglaterra.

Segundo informação divulgada ontem pela Polícia, os incidentes de domingo à noite, na zona londrina de Tottenham causaram um morto, 252 feridos e danos em 20 lojas e casas e mais de 50 carros. Durante os mesmos incidentes, registaram-se ainda 20 assaltos de criminosos oportunistas que aproveitaram a confusão. O superintendente Graham Melvin disse que os assassinos do polícia Keith Blakelock estão a ser protegidos pelos familiares e amigos. Melvin disse ainda que Blakelock (de 40 anos) foi atacado por três ou quatro desordeiros, armados de facas, machados e saca-rolhas. A autópsia sugere que três a quatro armas foram utilizadas para matar Blakelock.

Basquetebol: meninas do CIF apoiadas pela Converse-All Star

Na sede do Clube Internacional de Futebol teve lugar uma reunião com os órgãos de Comunicação Social, tendente a anunciar o protocolo que aquela colectividade estabeleceu com a firma REI, representante em Portugal dos equipamentos Converse-All Star, já com 73 anos de existência e sempre em constante evolução.

Ao acto, para além dos jornalistas, estiveram presentes dirigentes do CIF e da REI (Representações, Exportação e Importação, Limitada) e as jogadoras, técnicos e seccionistas, categoria de seniores femininos do CIF, a quem se destinam os equipamentos. Usaram da palavra o nosso camarada de jornalismo Vítor Hugo (como técnico e director do CIF), o engenheiro Manuel Viana (da REI) e o engenheiro Marques da Silva (presidente da Direcção do CIF).

O contrato é válido por duas épocas e envolve, para além de equipamentos para o «plantel cifista» (inclusive para os técnicos) a distribuição de documentação e a possibilidade de estágios no estrangeiro. Este tipo de apoios a equipas cem por cento amadoras são magníficos, pois evitam depauperar as finanças dos clubes, nomeadamente em modalidades que não têm receitas e em que se torna importante o labor dos «carolas» que, felizmente, ainda existem.

Marítimo escolhe Oliveira para técnico

O antigo «internacional» António Oliveira é o novo treinador do Marítimo, do Funchal. Nesse cargo substitui Mário Nunes que, após a «goleada» sofrida no Estádio da Luz (9-0) e face a sucessivos resultados desfavoráveis da equipa madeirense, estava colocado na corda bamba. António Oliveira, que esta tarde é apresentado aos futebolistas do Marítimo fez um estágio na Bélgica e na Holanda, depois de ter participado em Inglaterra num curso de treinadores de futebol.

Nunes foi o orientador do Marítimo que, na época passada, se impôs claramente na zona sul do campeonato nacional de futebol da 2.ª divisão, assegurando o regresso ao escalão superior.

Entretanto a direcção do Marítimo está empenhada em contratar dois jogadores, possivelmente do Brasil, para reforçarem o plantel do clube.

Seleccção treina

A seleccção de futebol (escolhida por José Torres) derrotou o Atlético por 7-1, mas com uma fraca exibição no jogo-treino realizado no Estádio da Luz, onde sábado defronta Malta, em encontro de qualificação para o «Mundial».

O Atlético foi o primeiro a marcar, iam decorridos nove minutos de jogo, por intermédio de Hugo Cabezas, que aproveitou um deslize da defesa da seleccção. Depois, a equipa das quinas recuperou e surgiram os golos, quatro dos quais à conta de Gomes (aos 21, 35, 37 e 89, este de grande penalidade), e os restantes marcados por José Rafael (65 minutos), Veloso (83) e Mário Jorge (86).

A três dias do jogo com a seleccção de Malta e a uma se-

mana da deslocação à Alemanha Federal, os dois últimos jogos da equipa portuguesa no grupo dois de qualificação onde as hipóteses de apuramento são já muito remotas, a seleccção dirigida por José Torres alinhou da seguinte forma:

Bento (Damas na 2.ª parte); João Pinto, Frederico, Venâncio (José António) e Inácio (Álvaro); Jaime Pacheco (Veloso), Carlos Manuel e Palhares (Mário Jorge); Litos (Jaime), Gomes e Jordão (José Rafael).

Pelo Atlético alinharam: Valente (Lapa); Daló, Oscar, Couceiro (Martins) e João António (Tito); Almiro (Quaresma), Cristovão, Álvaro e Portela (Valentim); Hugo Cabezas e Tó Zé (Torro).

A seleccção prossegue hoje a sua preparação no Estádio Nacional.

«Esperanças» em acção

Concentram-se amanhã, às 15 horas, na sede da Federação Portuguesa de Futebol, os seguintes jogadores convocados para a seleccção de «Esperanças» que no dia 15 defronta a equipa congénere da RFA a contar para o Europeu da categoria: Sporting - Sérgio, Fernando Mendes e Xavier; Académica - Mito e Reinaldo; Belenenses - Jorge e Paulo Monteiro; Boavista - Caetano e Jaime; Benfica - Samuel; Penafiel - Tozé; Chaves - Carvalho; Salgueiros - Matias; Torralta - Guimarães; V. Setúbal - Edmundo e Vicente.

Taça da Liga Inglesa

O Manchester United bateu o Crystal Palace por 1-0, em jogo da 2.ª «mão» da segunda eliminatória da «Taça da Liga Inglesa». No jogo da primeira mão, o Manchester United havia triunfado por 2-0. O Aston Villa goleou o Exeter (da 4.ª divisão) por 8-1, depois de na 1.ª mão ter ganho por um expressivo e invulgar 12-2. Os restantes resultados foram os seguintes: Chelsea - Mansfield, 2-0 (4-2 na 1.ª mão); Coventry - Chester, 7-2 (9-3); Leicester - Derby, 1-1 (1-3); Norwich - Preston, 2-1 (3-2); Oldham - Liverpool, 2-5 (2-8).

Calendário muda

O interregno nos «Nacionais» por causa dos compromissos das seleções vai ser aproveitado este fim-de-semana para a realização da 1.ª eliminatória da Taça de Portugal

Sport-Society

Clube Todo-o-Terreno

Ontem, o Clube Todo-o-Terreno promoveu, na sua sede (Largo do Ministro, porta 1 n.º 3, junto da Junta da Freguesia da Ameixoeira e da Academia de Música de Santa Cecília, em Lisboa) uma reunião com os órgãos de Comunicação Social para falar da sua história e dos projectos futuros.

Adidas na moda

A Adidas está convidando a Comunicação Social para o desfile de apresentação da sua Colecção Verão/B 86, assim como a sua estratégia global de actuação a partir de Janeiro de 1986. O evento processa-se hoje, pelas 17 e 30, no Salão Nobre do Hotel Ritz, em Lisboa.

Golfe

na Quinta do Lago

A Sociedade de Golfe da Quinta do Lago (Almancil, Loulé) convidou os jornalistas para um «cocktail-buffet» que se realiza às 18 e 30 de amanhã, no Hotel Eduardo VII, em Lisboa, durante o qual será apresentado o 29.º Open de Portugal Quinta do Lago. Vários eventos estão programados, na Quinta do Lago, para as próximas semanas: Troféu Bovis (28, 30 e 31 de Outubro), Pro-Am Four Seasons (dia 28), Pro-Am Shell/Vilar do Golfe (dia 29), 29.º Open de Portugal Quinta do Lago (30 de Outubro/2 de Novembro) e Taça Vinho do Porto/Victory Village (3 de Novembro).

Sporting: 79 anos

O Sporting Clube de Portugal convidou os Órgãos de Comunicação Social para o almoço em que vai proceder-se à entrega dos emblemas de 75, 50 e 25 anos de associado leonino, inserido nas comemorações do 79.º aniversário da prestigiosa colectividade. O encontro efectua-se pelas 12 horas de 12 do corrente, na Sala do Bingo (em Alvalade).

ASSIM VAI O TOTOBOLA PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 41/85 de 13.10.85

Rádio Sports, 11x x11 111 1111; A Defesa, 211 xx1 212 1112; Voz do Ave, 111 111 1x2 1112; Rádio Totobola, 111 111 111 1x1 111x; Voz de Lamego, 21x 211x; Ecos de Cacia, 111 211 2x1 212 x122; Maria da 111 2x1 111x; Jornal de Felgueiras, 111 11x 21x 1121; Penalti, 111 111 211 2112; Cardeal Saraiva, 11x x1x 212 11xx; Notícias do Douro, 1x1 111 11x x121; Jornal de Santo Tirso, 11x 11x 212 111x; Notícias de Chaves, 111 x11 21x x122; Jornal da Lixa, 1x1 111 111 111x; Jornal de Amarante, 111 111 11x 1111; No Estúdio e no Estádio, 112 111 211 2112; Diário de Viseu, xxx 1x1 xx2 1x2x; Notícias de Viseu, lxx 1x1 2x2 112x; O Emigrante, 11x 11x 21x 11x2; RR — Diário do Desporto, 111 1x1 x1x x12x; RR — Bola Branca, x11 x1x 2x1 1122; RR — Desporto, 111 111 x1x 112x; Linhas de Elvas, 111 1x1 x11 111x; Litoral, 111 111 11x 111x; Defesa de Espinho, 12x 111 x12 x111; Jornal do Fundão, 111 211 x12 1111; Jornal de Sintra, 211 1x2 2x1 1122; Correio do Vouga, 121 111 111

Gazeta das Caldas, 111 111 11x 1111; Noticiário das 11.30, x1x 111 x11 x11x; Eu Sei Tudo, x12 xx1 21x 1x22; O Distrito de Portalegre, 111 21x 11x 11x2; A Voz das Beiras, 111 111 x1x 111x; Rádio Alitude, 11x 111 112 111x; O Mensageiro, 11x xxx 221 x111; Noticiário das 18.00, 1x2 21x xx1 12x1; A Ordem, 1x1 112 212 111x; Diário de Coimbra, 111 x11 1xx 111x; Dribling, 11x 111 x11 2112; Comércio de Leixões, 1xx 111 21x 1112; De Tudo um Pouco, 111 x11 x11 x11x; Jornal da Graça, 12x 111 211 1112; Jornal de Notícias, 111 xxx x1x 11x1; Primeiro de Janeiro, 111 11x 11x 11x2; Quadrante Norte, 11x 111 11x 1111; Repórter do Dia, 11x 111 x11 11x2; Resenha Desportiva, 111 111 111 1111; Alvo Desportivo, 111 111 111 1111; Rádio Alvo, 1x1 x11 xx1 x1xx; Alvo, 111 111 x1x 1111; Alvo Suplemento, 111 211 211 1111; A Voz dos Ridículos, 111 111 211 2112; Jornal de Gaia, 111 2xx 1xx 21x2.

assim vai o totobola

	R E S U M O			B O L A S (*)		
	1	X	2	1	X	2
1. Freamunde-U. Lamas	63	6	5	10	1	1
2. Sanjoanense-Lixa	56	15	3	9	2	1
3. Rio Maior-Estarreja	43	25	6	7	4	1
4. Oliveirense-Marinense	54	12	8	9	2	1
5. Amora-Quimigal	58	15	1	9	2	1
6. Almada-Vasco da Gama	57	12	5	9	2	1
7. Alverca-Sesimbra	22	20	32	4	3	5
8. Aston Villa-Nottingham	60	13	1	9	2	1
9. Chelsea-Everton	30	29	15	5	5	2
10. Ipswich-Newcastle	50	14	10	8	2	2
11. Tottenham-Birmingham	69	4	1	10	1	1
12. Watford-Manchester City	47	11	16	7	2	3
13. West Ham-Arsenal	18	28	28	2	5	5

(*) - Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:
111 111 211 111X ou 2

Na política por afecto

Continuação da pág. 2

Admite negociações com o PCP?

Também não sei... São de prever as negociações com os outros partidos, até porque nenhum vai ter o poder absoluto...

E alianças?

Terão de ser feitas, porque o partido vencedor das eleições talvez não queira, ou não possa, governar sozinho...

Que implantação a do PRD no Porto? Boa, razoável, fraca?

Há que atender às dificuldades próprias do distrito do Porto, onde existem grandes assimetrias. Muito complicado... No Porto as coisas demoram a acontecer, nomeadamente as amizades. Tudo se vai fundando com um ritmo lento, mas logo que edificado torna-se sólido, dura muito tempo. Fazendo uma antinomia, Porto-Lisboa, penso que na capital as coisas são mais fáceis, acontecem mais rapidamente. Tenho, porém, a impressão que também passam mais depressa.

Ruralismo

Estampa-se, no Porto, uma aura de cidade trabalhadora. A fama de cidade pacata que à noite vai dormir cedo. Contrastante com Lisboa, cujo temperamento é mais gaiteiro, propenso ao divertimento, incapaz de se meter na concha. Efectivamente o Porto tem uma vida recolhida e doméstica. Há nele, ainda, muito forte, um espírito rural. É frequente descobrir, na Baixa, nas traseiras de um prédio alto os quintais com couves. O portuense gosta de colher a sua couve, no seu quintal, para o seu caldo... O quintal resume uma nostalgia dos grandes espaços rurais, porque em qualquer dez centímetros se acotovelam feijão verde, tomate e alface...

Norte: sinónimo de direita. de alojamento dos valores conservadores? Ou de gente franca, liberal, amante da liberdade? Ferozmente nortenha Maria da Glória Padrão agita-me a bandeira do brio histórico daquela região do País. Ali, se refugiou toda a Hispânia cristã, quando os árabes invadiram a península e é a partir do Norte que se organiza a reconquista. Ao grito de guerra por Santiago correm, a ferro e fogo, como infantes. Evidentemente que o brio histórico do Porto é muito acentuado, não esquecer a luta em torno dos seus alcaides ao longo da História. Quando D. João V mandou fechar as escolas de rendilheiras, desde a Foz do Douro a Viana do Castelo, as corporações profissionais insurgiram-se... Eram as mulheres rendilheiras

que aguentavam as casas, quando os homens iam pescar. Onde há redes, há rendas... não é verdade? Elegeram, como representante, Joana Maria Valdês que tentou ser recebida pelo rei, a fim de o convencer a voltar atrás com essa pragmática. Não vai sozinha, leva consigo um autarca de reconhecido mérito. Oito dias permaneceram na diligência de demover o rei...

Porto: centro das lutas liberais durante dois anos. Porto: a quem D. Pedro IV legou o coração. Lá está na Igreja da Lapa e, em estância, construída com o dinheiro dos emigrantes. Foi, igualmente, com o dinheiro dos emigrantes que se edificou o Palácio de Cristal, posteriormente mandado destruir por uma verificação. Era uma peça valiosíssima em ferro e vidro, e agora um horrível cogumelo de betão... diz. Como as características do Norte estão presentes na escrita de Agustina e de Mário Claudio, duas sensibilidades célticas. Cá em cima há mais bruma, no sentido de mistério... e, isso, sobressai nos autores que referiste...

Gosto de Maria Glória Padrão porque ela sabe gostar vigorosamente das coisas. De algumas e sem batota. Tem fibra, moralhe no nervosismo que emana. É uma mulher de opções, crenças e paixões intensas. Gosto mais da montanha que do mar: sendo também ondulada, como o mar, a montanha tem uma ondulação estável. Gosto imenso de leite, bebo leite a todas as horas porque me faz sentir purificada. Gosto de andar a pé, de ler e de viajar. As viagens ajudam-nos a crescer, a relativizar, a humanizar, e depois, gosto despididamente de algumas pessoas...

Gostar

Os seus mitos de carne, as suas paixões intelectuais são Jacinto Prado Coelho, Oscar Lopes e Virgílio Ferreira. Quando saiu o «Afecto às Letras», o prof. Lindlay Cintra pediu-me para escrever um texto sobre Prado Coelho. Custou-me muito escrevê-lo porque sabia que ele ia morrer. Estava tocada, era a parte afectiva de que não me conseguia desligar, o que não se coadunava com a dignidade do discurso literário. Então, pensei que no ano em que Jacinto Prado Coelho nasceu, o ano de 1920, tinha sido publicado um livro espantoso, a «Clepsidra» de Camilo Pessanha, um livro de morte, sombras, imagens fluidas e ainda os sons de flauta que andam lá pelo meio. Resolvi desistir do texto e escrever a tal carta em que digo porque desisto... É que

me apetecia não dizer nada. A carta vai ser publicada na revista «Persona»...

Directora do Centro de Estudos Pessoaanos e da revista «Persona», Maria da Glória Padrão poderia ser classificada de especialista nesta matéria. Percebo que repudie o rótulo de especialista e proclame não ser especialista de nada e, muito menos de literatura. Percebo porque os especialistas não gostam, têm horror à palavra gostar. São desprovidos da capacidade de arrebatamento. Então não é? Tratam o texto como um objecto... Em tempos, nos anos cinquenta, quando corria a polémica entre neo-realistas e os homens da Presença, Eduardo Lourenço escreveu um texto no «Primeiro de Janeiro» um texto muito lúcido. Os da Presença pretendiam explicar Pessoa através do sexo, das teorias freudianas e, os outros, pela luta de classes. O texto, muito simplesmente dizia: gostam de Pessoa os que acreditam na aventura da poesia...

Loira, sardenta, pequenina, Maria da Glória Padrão exprime-se num tom apaixonado. Gosto, repete sempre. Um gostar que brota das veias, do sangue. Incrível! Ela que tem uma escrita tão cerrada, tão difícil, é uma pessoa assustadoramente transparente. Gosta do general Ramalho Eanes e também gostou de Otelo. Nas primeiras eleições ofereceu-lhe o seu voto. Porquê? Intriga-me a sua inclinação por pessoas tão diferentes, nos antipodas uma da outra. Enquanto Otelo é um apaixonado, Eanes é afectivo, uma pessoa de comportamento delicado. Em Otelo leva-me o romantismo honesto. Votei em Otelo porque tinha a certeza de que não seria presidente. O seu projecto era utópico mas, na altura, achava que era necessário alimentá-lo. Hoje, chamo esperança àquilo em que estou envolvido...

Como vês a tua utopia romântica na prisão? Com profunda mágoa. Quer se queira ou não foi o símbolo da Revolução. Ele protagoniza a figura do grande estratega do 25 de Abril. Quanto ao processo em que está ou não envolvido, os tribunais se pronunciarão. O que tenho a lamentar é a morosidade escandalosa e parece que proposital do que se está a passar. Porque se houver implicação dele no processo, seja de que grau for, não se admite que Otelo e os outros cidadãos presos, pelas mesmas razões, estejam sujeitos à situação em que estão...

Se estiver implicado decepçiona-te? Talvez... um pouco.

MUSICA CRITICA

Orquestra Sinfónica da URSS

Mário Vieira de Carvalho

As jornadas de música antiga, neste momento em curso na Fundação Gulbenkian, coincidem com a visita ao nosso País da Orquestra Sinfónica Estatal da URSS, que acaba de obter um estrondoso triunfo com o primeiro programa realizado no Grande Auditório da mesma Fundação. Quer dizer: precisamente quando, entre nós, se anda à procura do «som barroco», isto é, dos instrumentos e das práticas de execução contemporâneos de Bach, aparecem-nos o paradigma vivo, autêntico, real de uma grande orquestra sinfónica — produto de uma tradição europeia que remonta ao segundo quartel do século XIX. E eis como se nos colocam em toda a sua crueza os limites de uma «démarche» em si mesma justificada e necessária para recriar, hoje, uma imagem mais aproximada ou menos adulterada de um passado artístico de que só restam testemunhos por articular: conhecemos a escrita de Bach, podemos reconstituir os instrumentos a que se destinava a sua música, podemos investigar, até, os mais ínfimos pormenores das práticas de execução, mas continua a faltar-nos o mais importante, ou seja, a síntese sonora que um Bach, em pessoa, extrairia de tudo isso. **Mutatis mutandis:** todos sabem o que é uma orquestra sinfónica, temos duas ou três em Portugal, outras nos têm visitado, e o certo é que tocando todas o mesmo género de obras, segundo técnicas de execução grosso modo uniformes e sob a direcção de chefes de orquestra formados segundo certas exigências também mais ou menos universais, só temos verdadeiramente a experiência do que é uma orquestra sinfónica quando nos aparece pela frente uma desta categoria superlativa sob a direcção de um

chefe de orquestra como Evgeni Svetlanov. Dispusésemos nós para o barroco de uma tal bitola, autêntica, e toda a controvérsia em torno da «praxis» da música antiga ficaria arrumada.

No primeiro concerto realizado na Gulbenkian o programa incluía duas obras de fundo surgidas no dealbar deste século — Concerto n.º 2 de Rachmaninov (1901) e Sinfonia n.º 2 de Scriabine (1902) — precedidas de uma «Abertura festiva» de Chostakovitch, escrita em 1954. Muito conhecido entre nós, quase banalizado, o Concerto n.º 2 foi, no sinfonismo posto em relevo pela execução, uma redescoberta. Liubov Timofeeva assumiu a sua parte de solista não «em oposição» à orquestra, mas nela integrada, ora procurando a fusão (sem deixar de assegurar a transparência da presença do piano), ora seguindo o seu curso, como se o piano, mesmo nos momentos de pausa geral da orquestra, comparticipasse de um discurso sinfónico nunca interrompido. Em suma: absorção total do virtuosismo mais ou menos exibicionista (para que tendem muitas vezes os solistas) pela ideia de servir a substância musical, a coerência de uma concepção global, de que Svetlanov, na estante de direcção, era naturalmente o garante. Mas se no caso de Rachmaninov fomos obrigados a refazer a imagem de uma obra arquitectónica, no caso da Sinfonia n.º 2 de Scriabine tratou-se de uma verdadeira iniciação. Aquela música telúrica, de sondagem do cosmos e da natureza, onde já pareciam ressoar também as convulsões futuras de uma sociedade que se aproximava de uma situação explosiva, nunca a podíamos ter experienciado senão com uma orquestra e um maestro que a têm assim «na massa do sangue». Scriabine, morto em 1915 aos quarenta e três anos, é um nome

relativamente marginalizado no meio musical português, e daí o significado particularmente importante desta audição. Na sua escrita para orquestra está todo o saber acumulado e desenvolvido por um processo de sedimentação cultural que já então pressupunha a existência de grandes instrumentistas, formados por mestres de prestígio, e de grandes orquestras e maestros; que já pressupunha, enfim, um ambiente artístico onde orquestras de grande craveira faziam parte do quotidiano dos compositores que para elas escreviam. Essa tradição não se perdeu na URSS, bem pelo contrário, reforçou-se. Reforçou-se no alargamento e democratização das estruturas do ensino numa escala nunca antes sonhada, na multiplicação de orquestras e instituições musicais por todo um território muito superior em extensão ao da antiga Rússia, na pujança de uma criação sinfónica de que são expoentes, entre outros, Prokofiev e Chostakovitch (do qual a «Abertura festiva» constitui apenas uma pequena «amostra»), na existência de organismos como este da Orquestra Estatal, onde se reconhece toda a vitalidade de uma cultura musical, a profundidade das suas raízes, a sua enorme importância como parte integrante do dia-a-dia. Nisso converge afinal tudo aquilo que, parcelarmente, poderia ser apontado como exemplo das virtudes de uma tal orquestra (afinação, sonoridade, colorido tímbrico, homogeneidade dos diferentes naipes, ductilidade, etc.) e do seu director titular, que a dirige como se tocasse um instrumento e que, cultivando embora a sobriedade, é permeável à exuberância e ao entusiasmo, como se tornou evidente durante a execução dos três extraprogramas (Liadov, Tchaikovsky e Glazunov) num clima de festa.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO, CRIAÇÃO ARTÍSTICA E EDUCAÇÃO PELA ARTE

PÍLADES

de

PIER PAOLO PASOLINI

Encenação. MÁRIO FELICIANO. Música. CONSTANÇA CAPDEVILLE. Cenário. CARLOS AMADO.

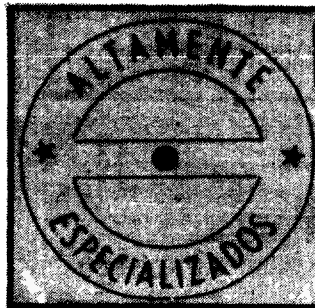
Figurinos. ROSA RAMOS. Luzes. ORLANDO WORM. Actores. MANUELA DE FREITAS, MARIA AMÉLIA MATTIA, ALEXANDRE SOUSA, FERNANDA NEVES, JÚLIA CORREIA, ANTÓNIO CAPELO, GUILHERME FILIPE, LUISA CRUZ, FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA, JOÃO CABRAL, JOÃO GROSSO, JOÃO ROMÃO, MÁRIO FELICIANO, ALEXANDRE LENCASTRE. Músicos. OLGA PRATS, ANTÓNIO SOUSA DIAS, NUNO BASTOS.

CENTRO DE ARTE MODERNA. SALA POLIVALENTE

DE TERÇAS A SÁBADOS ÀS 21.00 H. DOMINGOS ÀS 17.00 H

Preço 300\$00. Desconto de 50% para estudantes e jovens até aos 18 anos. Horário bilheteira, das 13.00 às 19.00 h, excepto 2.ªs-feiras e uma hora antes do início dos espectáculos.

Telf.: 73 43 09



BATAS PROFISSIONAIS
Atenção ao Decreto-Lei 261/84 de 31/7

TINTURARIA GUANABARA
Dep. de Confeccções

Av. João XXI, 5-D - 1000 (Metro Arco de)
R. Industrial 16, 55-C - 1300 LISBOA

CRÓNICA
DE TOUROS

Solilóquio

Praça de Touros de Madrid. Sábado, 14 de Setembro de 1985. Touros de Victorino Martín para Francisco Ruiz Miguel e José Antonio Campuzano, mano-a-mano.

Tinham soado na tarde os primeiros clarins. «Mira, mira, que bonito!» disse para a mãe a miúda pequena, no horizonte dos grandes deslumbrados olhos tudo a sua ilusão fazia beleza e alegria. «Mira, mira, que bonito!». Olhei, e eram apenas os dois alguaciles que saíam, no passo preguiçoso dos cavalos ruços, a pedirem licença à presidência para irem buscar as quadrilhas. «Mira, mira, que bonito!». E eram apenas dois cavaleiros de negro, que silenciosos anunciavam a beleza trágica da Festa.

Uma beleza que, com o avançar da tarde, os Vitorinos iriam semear de angústias, com a sua imponente presença, a ameaça terrível de suas impressionantes hastifinas cabeças. Colhido Vítor Mendes em Albacete, privado pela má sorte o nosso patrício de repetir com os touros famosos o seu memorável triunfo do ano passado, no cartaz ficaram, para os enfrentar, Ruiz Miguel e José António Campuzano, num mano-a-mano casual, a que os Vitorinos iriam roubar o sentido: porque o mano-a-mano era afinal entre cada touro e o espada que à luta mortal se atrevia.

Assim a tarde corria, carregada de emoção, como uma capa de nuvens ameaçando tormenta, um raio pode de repente cair. Ao rumor que a saída de cada touro levantava, sucediam-se ansiedades e sustos, batiam mais depressa também os corações dos picadores experimentados, os Cid, «El Rubio

de Quismondo», «El Avispa», olhados desta vez como valentes, não como carneiros. Na praça, chamava-se Ruiz Miguel o menos assustado dos diestros; para ele, matar os feros Victorinos, antes de ser um perigo, começa a ser um hábito. Muito têm que tourear, os Albaserradas dos campos de Galaspagar: e Paco toureia, com o corpo fazendo-se mais alto que as agulhas, e a cabeça fria, e o arrojo consciente, fundido o valor com a inteligência. Uma orelha no primeiro, petição e volta no terceiro, e ovação no quinto, prémio que só a espada, de costume certa, não deixa ser maior, grande como o coração do toureiro.

Mas também nos valentes tem limites a reserva de seus ânimos. E faltava ainda correr-se o touro sexto, que tocava a Campuzano. José Antonio tivera o mérito de se dispor a vir a Madrid, no Outono, quando levava mais do que feita a temporada, situado à cabeça dos matadores, a caminho da centena de corridas; e vir a Madrid a enfrentar-se com Victorinos; e fresca ainda na memória a sorte de Yiyo. O público, que tais gestos só reconhece no triunfo ou na morte, estivera cruel com o toureiro de Gerena, parecia não sentir como Campuzano lutava por dentro consigo mesmo, via-se na palidez verdaça do rosto, na contracção do gesto, no recuo dos pés, que não obedeciam ao coração. Abroncaram-no porque não pudera com o difícil segundo; e estivera por

Entre espanhóis,
ao cair da tarde

baixo da encastada classe do quarto, apesar dos passes logrados que lhe arrancou, de só pela espada ter perdido a orelha, na volta à arena abria enfim o sorriso. Mas tornara a fechá-lo desde que, cerrando praça, saltou à arena o «Esquinero». Era um poderoso touro cardeno, que no ano passado não pudera ser embarcado por ter uma cornada, e que à praça de Madrid chegava com seis anos. O touro mais difícil da corrida, sem nos quites consentir graças, acudindo com pata às bandarilhas, onde recebeu de Antonio Chacon dois grandes pares, a pedirem meças aos que no terceiro cravara «El Formidable»; e à muleta chegou a crescer, pedindo guerra. Campuzano começara sentado no estribo, mas depois já o ânimo lhe não sobrava para parar os pés, para silenciar ao menos o público, que impiedoso lhe reprimava cada passo atrás, deses a que o obrigavam suas incertezas. Passo não atrás o bastante para o sentido que «Esquinero» desenvolvia, por isso assim tão de repente agarrou o toureiro, e nas agudas hastes o prendeu, com elas atirou, ao corpo feito num farrapo, não sei quantas ferozes cornadas.

Calaram-se os apupos, um grito se soltou de milhares de gargantas, suspensa ficou a multidão, vindo como em braços levavam o matador vencido, receosa ficando por sua vida, sem saber que o acaso, dirão alguns que o milagre, desta vez pusera longe a morte. Na arena, desafiante, «Esquinero» aguardava que o outro matador viesse. Ruiz Miguel vira partir o companheiro, sentiu que o ânimo, que costuma sobrar-lhe, naqueles momentos lhe fugia. Atirara fora o capote, chorava, batia os punhos, que o desespe-

ro fechava, nas tábuas da trincheira. Até que, reencontrado, pegou na espada e na muleta que lhe estendiam, e, para o touro caminhou, empurrado pelas vozes que da trincheira o animavam. E assim se encanou com o último Victorino da tarde, e com breve denodo o trasteou, e com um espadazo o abateu sem glória. E também esquecida ficava a glória do ganadero mais uma vez triunfador, artífice da emoção da tarde, que na praça de Madrid juntara, da condição humana, o valor e o medo, a crueldade e o arrependimento. Aqueles assobios, a cada passo atrás que dava Campuzano, assobios à coragem perseverante de seu medo, eram agora como um espinho cravado nas consciências. Além, entre o murmúrio da gente, ouço próxima uma voz, que contra os exigentes se levanta, acusadora: «São uns sanguinários!». E logo outra, como que justificadora: «São uns ignorantes!». Mas já um terceiro em discórdia, homem grande e de grossa voz, debruçado na fila de cima, atira, para quem o quiser ouvir, a sentença que era como se não lhe dissesse respeito: «São espanhóis!».

«Mira, mira, que bonito!», Calara-se a voz da miúda pequena, que já na arena deserta não havia lugar para a beleza: agora que os toureiros tinham partido; agora que as mulas haviam arrastado o corpo de «Esquinero», entre o estalar cortante do chicote e a alegria inconsciente da guizalhada; agora que, como nos versos de Manuel Machado, «a festa de ouro e vermelho terminara, e ao ouro só restava um eco de amarelo seco e de sangue coagulado, entre o grande suspiro que ao cair da tarde crescia, como de um peito imenso».

Círculo de Leitores
lança Ferreira de Castro

Autor um tanto esquecido, talvez fora de moda (porque as modas em literatura também funcionam), Ferreira de Castro volta agora, depois de um interregno de silêncio, à circulação. Graças a uma iniciativa editorial do Círculo de Leitores. Com dois livros já prontos, «A Selva» e «Emigrantes», a editora propõe-se publicar as obras completas do escritor que somam dezoito volumes.

Na apresentação das obras lançadas, em sessão ocorrida no Grémio Literário, David Mourão-Ferreira referiu-se ao facto de Ferreira de Castro «ser um dos casos menos comuns da literatura portuguesa». E isto pelas condições difíceis da sua vida, das aventuras que viveu e até por uma característica nitidamente diferenciadora: «a simples instrução primária como exclusivo currículo de estudos regulares...».

Discorda, todavia, da teoria aventada pela pintora Elena Muriel, mulher do escritor, que atribuiu à independência política de Ferreira de Castro, «ao não ser homem de partidos», o ostracismo dos últimos anos. «Creio que a explicação não justifica tudo... Acontece, por

vezes, que os escritores mais bafejados, em vida, pela sorte e o êxito, passam pelo purgatório. Sendo assim, já é tempo da fase do purgatório conhecer o seu termo...».

No esboço que fez do escritor e da sua obra, David Mourão Ferreira, em comunhão com a tese defendida por Alexandre Pinheiro Torres, coloca Ferreira de Castro entre os precursores do neo-realismo. Porque expõe na surdina da prosa preocupações sociais. «porque oferece a denúncia do que temos sido e a esperança do que podemos ser...».

Assim, o Círculo de Leitores vai espalhar mais de um milhão de exemplares das obras de Ferreira de Castro, com uma publicação ao ritmo de três livros por trimestre, em que os primeiros três volumes beneficiam de um preço especial. É, portanto, o regresso de Ferreira de Castro, escritor que no entender de Álvaro Salema é o intérprete «de um populismo generoso que capta espontaneamente a nossa adesão».

Ferreira de Castro ao alcance da nossa mão. Da bolsa provavelmente nem tanto mas, de qualquer maneira, disponível para os que o apreciam...



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E ENERGIA
SECRETARIA DE ESTADO DA ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei N.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Fiscalização Eléctrica do Sul, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela Electricidade de Portugal-EDP, Centro de Distribuição Santarém, a que se refere o processo n.º 1/1010, arquivo 7037, para o estabelecimento na freguesia de Abrã, concelho de Santarém, de uma linha aérea a 15 KV, com 264 m, do poste n.º 10 da linha para o PT STR 124 C de Victor Simões Quelroz ao PT STR 125 C de Manuel Lopes Frade, sito na Estrada do Canal.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser apresentadas na referida Direcção de Fiscalização Eléctrica, dentro do citado prazo.

DIRECÇÃO DE FISCALIZAÇÃO ELÉCTRICA DO SUL, EM 30 DE AGOSTO DE 1985

Pel' O Engenheiro Director,
Joaquim Gonçalves dos Santos

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

POR EXIGÊNCIA DO PÚBLICO
NOVAMENTE EM CENA

SALA GARRETT
DE 3.ª A SÁBADO ÀS 21.30
SÁBADO E DOMINGO ÀS 16

O MORGADO DE FAFE

EM LISBOA

de CAMILO CASTELO BRANCO
encenação RUY DE MATOS

ESPECTÁCULOS NÃO ACONSELHÁVEIS A M. 6 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA. TEL. 322210

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

Veja teatro a preços reduzidos
3.ª, 4.ª e 5.ª-feira/Preço 150\$00

TERÇA A SÁBADO ÀS 21.30 H
DOMINGO 50 AS 17 H

Apoio
da F. Gulbenkian

amadíis

TEXTO DE ABEL NEVES
ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA

APOIOS - RÁDIO COMERCIAL
O JORNAL O SETE EUROGRAF

PRACA DE ESPANHA TEL 72 08 18 SUB M CULTURA P. MAIORES 12

Angústia Desespero Solidão
54 45 45
uma voz amiga estará contigo

Ciclo de cinema húngaro para os leitores do "DL"

Retomamos, já a partir de amanhã, as iniciativas conjuntas entre ABC-Cineclub de Lisboa e o nosso jornal que, desde o ano passado, tão bom acolhimento têm obtido junto dos leitores, em particular os mais jovens.

Propondo bons filmes, a preços muito convidativos, procuramos, de algum modo, contribuir para o crescimento e consolidação de um público de cinema exigente e de uma consciência crítica face ao ecrã e à vida.



Miklos Jancso, o mais celebrado realizador húngaro de quem propomos veja, amanhã, uma das suas obras de proa: «Os oprimidos».

Lugar-comum, nem por isso menos verdadeiro: a Hungria tem uma cinematografia que é a mais vigorosa dos países socialistas e uma das mais interessantes de toda a Europa. Demonstrar a afirmação não é difícil: basta ver os filmes que, ano após ano, os estúdios magiares produzem, basta ter os olhos abertos e a sensibilidade não embotada por inteiro.

Infelizmente, as coisas não são assim tão simples: a distribuição/exibição não é muito permeável à cinematografia húngara (embora quase todos os anos chegue um ou outro filme) e, se não fossem periódicas mostras não-comerciais (a próxima ocorre durante o Festival de Tróia, em Novembro), mesmo os mais atentos e fiéis iriam perdendo contacto com Buda-pest.

Propor um pequeno ciclo de cinema húngaro, como agora fazemos, não é colmatar uma brecha, dado que todos os filmes nele incluídos tiveram estreia comercial entre nós, porém, com modesta carreira. Trata-se, assim, de recuperar, enquadrar e promover um conjunto de fitas que merecem muito mais atenção que a que obtiveram, trata-se de lutar um pouco contra os mecanismos trituradores que, no mer-

cado, sempre eliminam produtos não-americanos, não uniformizados pelas regras da mais poderosa indústria cinematográfica do mundo.

A Hungria tem sabido, com invulgar fôlego e agilidade, tocar todos os parâmetros que importam, inquietam, assombram ou iluminam a sua sociedade. Os quatro filmes seleccionados para este ciclo dão, disso, conta: Os oprimidos de Jancso (que abre esta iniciativa, amanhã) é uma poderosa parábola política sobre o universo carceral; Dias frios de András Kovács (um dos homens decisivos na renovação do cinema magiar, nos anos 50 e 60) é um olhar sobre a História, reflectindo política e eticamente um passado resistente sob o jugo da ignomínia fascista; Nove meses de Márta Mészáros é um retrato forte da condição feminina e das relações sentimentais na Hungria operária dos anos 70; Outra forma de amar de Karoly Makk é uma ousada interrogação das margens sexuais e políticas sob um regime que se quer normalizador e que, naturalmente (?), segrega a diferença, qualquer que seja o matiz que ela apresente.

Por vezes, quando se agrupam filmes em ciclos, concedem-se lugares a fitas menores, em nome de uma alargada informação; não é o que aqui acontece. Todas as obras seleccionadas para esta iniciativa são, a diversos títulos, notáveis exemplos de vitalidade ética, de engenho estético e de acuidade política. A capacidade, aliás, de congregar essas vertentes é quase uma ímpar «imagem de marca» do cinema magiar.

O ciclo começa, portanto, amanhã, às 18.45 h, no Estúdio 444, com a exibição de Os oprimidos, de Miklós Jancso.

Para aceder às sessões, nas condições especiais reservadas aos nossos leitores, o processo é o já usual: recorte o cupão que publicamos hoje (e amanhã) e siga as instruções nele expressas.



«Nove meses» de Márta Mészáros, um dos filmes incluídos no ciclo que organizamos em parceria com o ABC-Cineclub de Lisboa.



ABC-CINECLUBE DE LISBOA



“OS OPRIMIDOS”

de MIKLOS JANCZO

Recorte este cupão e entregue-o na bilheteira do cinema. Obterá um ingresso mediante o pagamento de 60\$00 (valor da quota suplementar para os sócios do ABC)

Estúdio 444

Dia 11

18.45 h

Café concerto na candidatura de Lourdes Pintasilgo

A partir do próximo sábado, e na intenção de um programa todos os sábados até ao desfecho das eleições presidenciais, começa a funcionar uma espécie de café-concerto na cave do edifício, onde está instalada a sede da candidatura da eng.^a Maria de Lourdes Pintasilgo, na Rua Luciano Cordeiro, n.º 24.

Propõem-se, desta forma, as

estruturas de apoio à candidatura oferecer-nos umas horas semanais de convívio que será animado pela presença de músicos e intelectuais. Depois das dez da noite, no dia 12 de Outubro, pode-se já assistir a um «show» em que participam Natália Correia (sabiam que ela canta divinamente blues?), Chico Costa Gomes e ainda outros nomes-surpresa.



«Amadis» volta ao casarão cor-de-rosa

Teatro

- A Comuna repõe esta noite em cena **Amadis**, de Abel Neves, a peça que inaugurou há alguns meses a nova sala de espectáculos do casarão cor-de-rosa da Praça de Espanha. «Amadis» será apresentada de terça a sábado, às 21.30 horas e aos domingos às 17. À terça, quarta e quinta-feira, os bilhetes são vendidos a metade do preço.
- Na sala-teatro da Casa da Cultura das Caldas da Rainha, pelas 21.45 horas, está lá hoje novamente **A Hora do Lobo**, peça do dramaturgo alemão Christoph Hein que a companhia do Teatro da Rainha tem em últimas representações. O espectáculo tem encenação de José Peixoto, música de Carlos Alberto Augusto e cenários e figurinos de José Carlos Faria. A interpretação está a cargo de Fernando Mora Ramos, Isabel Cardoso, José Eduardo, José Mora Ramos e Vítor Santos.
- **Embalagem Perdida**, de Vera Feyder, continua em cena no Instituto Franco-Português, pela mão das actrizes Cunha Carvalheiro e Lucinda Loureiro. As representações são de quarta a sábado às 21.30 e aos domingos às 17.30 horas.
- Outra reposição é a tragédia em cinco actos de Pierre Corneille, **Horácio**. Está no Teatro Garcia de Resende, em Évora, apresentado pela companhia do Centro Cultural de Évora. O espectáculo tem início pelas 21.30 horas, numa encenação de Mário Barradas.
- A partir de hoje e até ao dia 12, o Espaço Ocarina apresenta um espectáculo de **mímica experimental**, pelas 23 horas. No espectáculo actuam Ana Barreto e Luís Barreto. Os «décors» são de J. Manuel de Susa e José C. Leitão, as luzes de J. Manuel Sousa e a música de um jovem compositor holandês. A produção e realização é da responsabilidade de José Manuel S. Lopes.

Música

- Pelas 18 horas, na Galeria Almada Negreiros, realiza-se esta tarde um concerto pelo **Quarteto de Cordas da Orquestra Estatal Sinfónica da URSS**. Tamara Siniavakai, meiosoprano do Teatro Bolchói de Moscovo fará um recital de canto, acompanhado ao piano por Liubov Timofeieva.
- Na Fundação Calouste Gulbenkian reliza-se hoje um concerto ao ar livre pela **Banda da PSP e da Armada**. Do programa consta a interpretação de obras dos compositores Marques Neto, Rimsky, Fortunato de Sousa e Leonard Bernstein.
- Na Igreja Matriz de Santa Maria inicia-se hoje, pelas 21.30 horas, o **III Festival de Música Antiga de Óbidos**. O músico Christophe Coin interpretará ao violoncelo barroco obras de Bach.

Ballet

- A temporada de bailado no Teatro Nacional de São Carlos começa esta noite, pelas 21.30 horas, com um espectáculo pela **Companhia Nacional de Bailado**. Do programa de hoje consta a interpretação de «Les Syphides», com música de Chopin e coreografia de M. Fokine; «Prelúdios», com coreografia de Oscar Raiz e música também de Chopin e «Napoli» (III Acto), numa coreografia de A. Bournonville e música de Paulli, Helnsted, Gader Lumbye.

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

JAMES BOND 007
«ALVO EM MOVIMENTO»
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Alfa 2

«DUNE»
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa 3

HISTÓRIA
INTERMINÁVEL
(para maiores 6 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 23.45 h

Alfa Club

T. 763319

A TESTEMUNHA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Shopping Center
de Lisboa

Amoreiras 1

«007 — ALVO EM
MOVIMENTO»
(maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Amoreiras 2

«HISTÓRIA
INTERMINÁVEL»
(para maiores de 16 anos)
13.30, 16.30, 17.30, 19.30
21.30 e 23.45

Amoreiras 3

«UM HOMEM
APAIXONADO»
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Apolo 70

A TESTEMUNHA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930

HERÓIS E AMANTES
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17, 19.10, 21.45 e
23.45 h

Avis

— T. 547163

MALÍCIA DE VÊNUS
(n. acons. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

DUNE
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Caleidoscópio

— T. 795093

HERBIE
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30

Capitolio

— T. 372358

ÁVIDAS DE SEXO
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h



Uma cena do filme «AMAR NÃO MATA», realizado por VILGOT SJÖMAN.
Uma comédia sueca como nunca se viu.
Em exibição no Estúdio 444.

Castil

T. 530194

**MAD MAX — ALÉM DA
CÚPULA DO TROVÃO**
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30

Cinebloco

— T. 556824

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30
BORSALINO
(n. acons. 18 anos)
24 h

Cine Camões

T. 324194

KARATÊ EM GUERRA
(n. acons. men. 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Cinemateca

RAINHA SANTA/1947
18.30 h

O ESPELHO — 1974
21.30 h

Cine 222

— T. 579460

REACÇÃO EM CADEIA
(maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha
**A REVOLTA DOS
MARADOS**
(para maiores de 12 anos)
Um dos mais importantes
filmes do ano
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

GELADO DE LIMÃO III
(int. 13 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

A PRIMEIRA MISSÃO
(maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O SOLDADO
(n. acons. men. 18 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

**DESESPERADAMENTE
PROCURANDO SUSANA**
(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30

Eden

— T. 320768

A FÚRIA DO HERÓI
(maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30

Estúdio ACS

— T. 887255

MEPHISTO
(int. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

AMAR NÃO MATA
(int. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

«DUNE»
(maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Sala 2

**DESESPERADAMENTE
COMBATE**
(para maiores de 12 anos)
14.45, 17h, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

CARMEN
(maiores de 12 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

JAMES BOND 007
«ALVO EM MOVIMENTO»
(maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

ELECTRIC DREAMS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Sala 2

**DESESPERADAMENTE
PROCURANDO SUSANA**
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e
23.45 h

Imperio

— T. 555134

DR. JIVAGO
(para maiores de 13 anos)
14.45, 18.15, e 21.30 h
(O filme começa no início das
sessões)

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

**ROSA PÚRPURA DO
CAIRO**
(para maiores de 6 anos)
15.15, 18.30, 21.30

Sala 2

JOGOS DE AMOR
(maiores 16 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

**A ROSA PÚRPURA DO
CAIRO**
(para maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 e 24 h

Montecarlo

— T. 681117

COLÉGIO DE JOVENS
(int. men. de 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

ANGEL
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

**HISTÓRIA
INTERMINÁVEL**
(maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

CONTINUAM A

CHAMAR-ME TRINITÁ
(n. acons. 13 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

MORADIA DO VÍCIO
A partir das 14 h
Sessões contínuas
Filme pornográfico

Pathe

— 821933

**A CORAGEM DE UM
HOMEM**
(n. acons. men. 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h
**O SARGENTO
DA FORÇA UM**
(int. 13 anos)
24 h

Politeama

T. 326305

**OS SELVAGENS DA
ESTRADA 66**
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

OS FAVORITOS DA LUA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15 h
O TUBARÃO
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

**PARA ALÉM DAS
MURALHAS**
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.15 h
**VEIO DO OUTRO
MUNDO**
(maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 3

**AMANTES — LOVE
STREETS**
(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19.00, 21.30 e
24 h

Sala 4

**MAD MAX III — PARA
ALÉM DA CÚPULA DO
TROVÃO**
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.15,
23.30 h

N'GOLA

JE VOUS SALUE MARIE
(maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
23.45 h

Restelo

T. 610375

**DESESPERADAMENTE
COMBATE**
(maiores de 16 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

T. 889192

ANGEL
(maiores 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O TRITURADOR
(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

**007 — ALVO EM
MOVIMENTO**
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

**A ROSA PÚRPURA DO
CAIRO**
(para maiores de 6 anos)
15, 17, 19 e 21.45 h

Sala 3

A TESTEMUNHA
(para maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

CUSTOU, MAS VALEU
(maiores de 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45

Star

— T. 804210

**UM HOMEM
APAIXONADO**
(maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30

Terminal

— T. 371573

**MAD MAX — ALÉM DA
CÚPULA DO TROVÃO**
(maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

**HISTÓRIA
INTERMINÁVEL**
(maiores de 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

VIDAS EM JOGO
(maiores de 12 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

Vox

T. 880808

15, 18.15 e 21.30 h
**MAD-MAX — ALÉM DA
CÚPULA DO TROVÃO**
(maiores 12 anos)

Xenon

T. 368480

**NOVA YORK 2 HORAS
DA MANHÃ**
(maiores 12 anos)

Zodiaco

— T. 570151

O IMPÉRIO DO DESEJO
(int. men. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio
— «Jogos do Amor», às 15.30
e 21.30 (maiores 12 anos)
AMADORA — Cineteatro
Lido — «A Minha Profes-
sora», às 21.30 (maiores 16
anos)
AMADORA — Cine Plaza
— «7 Magníficos Gladiato-
res», (m. 12 anos), às 15.30 e
21.30 h
AMADORA — Babilónia —
«Starman», às 14, 16.30, 19 e
21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flo-
res — «Gangsters das 4 ro-
das», às 15 e 21.30 (maiores
de 16 anos)
MEM MARTINS — Cine
Chaby — Descanso
SINTRA — Carlos Manuel
— «O amigo americano», às
21.30 (n. acons. 18 anos)

Linha de Cascais

CASINO ESTORIL —
«Dune», às 18.15 e 21.15
(maiores 12 anos)
**SPORT ALGÉS E DA-
FUNDO** — «Identificação de
uma mulher» às 21.30 (maio-
res de 16 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia —
«1941 — Ano louco em Hol-
lywood», às 15.30 e 21.30,
(n. acons. 13 anos)
ALMADA — Incrível —
«Ventos de Violência», às
15.30 e 21.30, (m. 18 anos)

Porto

ÁGUA DE OURO — «A
Fúria do Herói», maiores 16
anos, às 14.15, 16.30, 18.45 e
21.45 h
BATALHA — «Mad Max —
Além da cúpula do trovão» às
14.30, 16.30 e 21.45 (maiores
12 anos)

CHARLOT — «Excalibur»
às 15.15, 18 e 21.30 (int. 13
anos)

COLISEU — «007 — Alvo
em Movimento», maiores 12
anos, às 16.40, 18 e 21.30
FOCO — «História
Interminável», maiores 6
anos, às 14, 16.30 e 21.45 h

JÚLIO DINIZ — «Meninas
bem», às 15.30 e 21.30 (n.
acons. 18 anos)

LUMIÈRE — Sala A —
«Jerry, tu és louco» às 15,
17.45 e 21.30 h (maiores 16
anos)

NUN' ALVARES — «007 —
Alvo em Movimento»,
maiores de 12 anos, às 15.30 e
21.45 h

OLÍMPIA — «Caçada ao
leão» às 14.30 (maiores de 12
anos)

PASSOS MANUEL —
«História Interinável»,
maiores 6 anos, às 14.15,
16.30, 18.45 e 21.45 h

PEDRO CEM — «Os Deu-
ses Devem Estar Loucos», às
15, 18.30 e 21.30 (não acons.
men. 13 anos)

RIVOLI — «Thor — O Con-
quistador» às 15, 18.15 e
21.30 (maiores 12 anos)

SALA BEBÉ — «A Rosa
Purpura do Cairo» às 14.15,
16.20, 18.30 e 21.20 (maiores
6 anos)

SÃO JOÃO — «A Testemu-
nha», às 15.30 e 21 (maiores
12 anos)

**TEATRO SÁ DA BAN-
DEIRA** — «As belas corrup-
tas», às 12.30, 15, 17 e 19,
Porno (inter. men. 18 anos)

TRINDADE — «Desespera-
damente procurando Susana»
às 15.30, 18 e 21.45, (maiores
12 anos)

Lisboa — PERMANENTE — AMOREIRAS - CAMPO-LIDE: Pinto, R. de Campo-lide, 11 (T. 682610); **AREIRO - APEADEIRO:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **CAMINHOS DE FERRO:** Alves Carvalho, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE:** Nova Iorque, Av. dos Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **ENCOSTA DO RESTELO - MOINHOS:** Tannara, R. Rodrigo Reinol, 3-A (T. 634721); **INFANTE SANTIAGO - PAMPULHA:** Infante Santo, R. do Olival, 290 (T. 661003); **LUMIAR:** Nicolau, C. de Cariche, lote 4, loja, Esq. (T. 758827); **ROS-SIO:** Estácio, Rossio, 60-63 (T. 327067); **SÃO BENTO - PALÁCIO:** São Bento, R. Poiais de São Bento, 73 (T. 601673); **SALDANHA:** Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SANTA BARBARA:** Romano Baptista, R. Passos Manuel, 6-10 (T. 570593); **SETE RIOS:** Canto, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **ODIVELAS:** Joleni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA:** Pontinha, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — ALFAMA: Costa, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO:** Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE:** Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA - PORTAS DE BENFICA:** Progresso, E. -Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO PEQUENO — APOLO 70:** Campo Pequeno, Av. Júlio Dinis, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE - ALTO DE SÃO JOÃO:** Vitalis, R. Moraes Soares, 69-C (T. 841779); **LICEU PEDRO NUNES:** Janeiro, Av. Álvares Cabral, 96-100 (T. 661453); **OLIVAIS SUL:** Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199 (T. 313610); **PEDROÇOS:** Sociedade Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PICHELEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **BRANDOA - AMADORA:** Tavares Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Acores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Pintas (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498); **PERMANENTE:** COVA DA PIEDADE: Louro, R. Alexandre Herculano, 6-B (T. 2763517); **PERMANENTE:** COSTA DE CAPARICA: Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Ferreira e Pilar, Av. da República, 1 (T. 2073023). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Teixeira, B. de Moçambique, 84-B (T. 204046). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 2291192). Até às 19 horas; **AMORA:** Nova Amorense, E. Nacional 10, bloco A, loja A (T. 2216824). Até às 22 horas; **SEIXAL:** Somenho, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas;

MONTIJO: Diogo, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António Santos Jrpe, 15 (T. 234137); **SETÚBAL:** Bonfim, Av. Rodrigues Manito, 12 (T. 24558). Permanente; **Olivelva Rodrigues,** Vale da Cerejeira, lote 11 (T. 31567). Permanente; **Olivelva,** R. da Misericórdia, 10 (T. 22488). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Pinto, R. Antero de Quental, 9 (T. 4190610). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDE-CHE:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmimino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Oelras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Aislar, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL:** São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIRO:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MA-DORNA:** Madeira, Rua A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vienda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASCAIS:** Nova, E. de Alvide, Fontainhas (T. 281044). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Helénica, R. Elias Garcia, 372 (T. 4933613). Permanente; **Girasol,** R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161). Até às 22 horas; **DAMAIA:** Conflança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 971023). Permanente; **QUELUZ:** Vasconcelos, E. Particular Henrique Pousão (T. 43732649). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C (T. 2573158). Até às 19 horas; **CACÉM:** Guerra Rico, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS:** Quimília, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Banha, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVEM:** Maria, R. Salvador Allende, lote 2 (T. 254369). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

TEATROS

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM». Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff. Com interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth Briden e Vicky Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609

De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Maria Vitoria

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO», Original de João Bettencourt. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. (12 anos).

Instituto Franco-Português

Av. Luís Bivar, 91-Telef.
De quarta a sábado, às 21.30
domingos às 17.30

«EMBALAGEM PERDIDA», de Vera Feyder. Encenação de Ricardo Marques. Cenografia de Mário Jorge Bonito. Interpretação: Cucha Carneiro, e Lucinda Loureiro.

Cascais Espaço TEC

Av. Marechal Carmona, 6-B Tel. 2867933

De terça a sábado às 21.45
domingos às 17.00

«DUAS ANEDOTAS PROVINCIANAS», de ALEXANDER VALENTINO PONAS. Tradução de Helena Ramos e Artur Ramos. Encenação de Artur Ramos.

Sala Polivalente
R. Nicolau Bettencourt
(Tel. 73 01 830)

(De terça a sábado, às 21.00; domingos, às 17.00h)
«PIADES», de Pier Paolo Pasolini. Encenação de Mário Feliciano, música: Constança Capdeville. Cenografia: Carlos Amado. Figurinos: Rosa Ramos.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 72 08 18
As quintas, sextas e sábados, às 22.00.

«COZIDO À PORTUGUESA», de Fernando Gomes. Interpretação de Cândida Vieira, Fernando Gomes e Teresa Madruga.

Casa da Comédia

Rua S. Francisco de Borja, 24 (às Janelas Verdes) — Tel. 607299

De terça a sábado, às 21.45
domingos, às 18.00

«SAVANNAH BAY», de Marguerite Duras. Encenação e cenografia: Filipe La Féria. Interpretação: Glícinia Quartín e Zita Duarte.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 875626

De terça a sábado, às 22, sábados e Domingos, às 17.00

O Grupo Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fill — «A NOITE E O MOMENTO». Tradução de Manuel João Gomes. encenação de Carlos Fernando, e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paulo Bicho. Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmim.

SETÚBAL Teatro de Balsa de Lias

R. dr. Aníbal Álvares Pereira, 9
Telef. 29130

As sextas, sábados e domingos às 21.30

«LUIA TODI», de Fernando Gomes e Rui Mesquita. Encenação de Fernando Gomes. Cenografia de Rui Mesquita e José Teófilo Duarte. Música de José Rodrigues (Azoia). Interpretação de Asdrúbal Teles Pereira, Céla David, Fernando Luís, Filomena Gonçalves, Isabel Ganilho, João Manuel, José Pompeu, Manuel Bola, Manuela Couto, Mimi, e Nuno Belo.

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras, 58 — Tel. 89 70 17
De quarta a sábado, às 21.45; aos sábados e domingos, às 16.00 horas)

Um Homem é um Homem — Damião de Góis. Texto e encenação: Hélder Costa. Cenografia: João Brites. Figurinos: Maria do Céu Guerra. Música: António Vitorino d'Almeida. Interpretação: António Gomes, Cármen Santos, João Azevedo, João Maria Pinto, Jorge Sequerra, José Carretas, José Gomes, Paulo Sousa, Teresa Faria e Vitor Carvalho.

Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86
Todos os dias, às 21.30; domingos às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varela Silva. Com Nicolay Bryner, Manuela Maria, Moraes e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 553

HORIZONTAIS:

- 1 Sacerdotes budistas. Descer-
- 2 Inunca. Fora para fora.
- 3 Nota musical. Zomba. Alter-
- 4 nativa.
- 5 Viela. Passai.
- 6 Eia! Oferecer. Preposição.
- 7 Apagais. Centímetro.
- 8 Sadias. Saudáveis.
- 9 Ramalhete. Letra grega.
- 10 Aguço. Tempo do verbo ir.
- 11 Pronome pessoal. Bofetada.
- 12 Limpar com areia. Carimbar.

VERTICAIS:

- 1 Devorar (fig). Atravessa.
- 2 Alucinas (fig).
- 3 Ruim. Morada. Estime.
- 4 Ácido. Post scriptum. Mãe de Rómulo e Remo.
- 5 Vai para fora. Concede. Letra grega.
- 6 Partida.
- 7 Guarneço de asas. Reis. Dás mios.
- 8 Búfalo de Angola. Fortuna.
- 9 Zomba. Tira de fígado temperada e frita. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico.
- 10 Erbio (s.q). Retardada.
- 11 Percebem. Adicionar.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 393

HORIZONTAIS:

- 1 Assassinais. Vais para fora.
- 2 Apronta. Bonança.
- 3 Aqui. Borrifariam.
- 4 Instrumento para atirar setas. Curso de água natural e abundante. Laço.
- 5 Compaixão. Prefixo que designa ar. Cidade da Ucrânia.
- 6 Cidade de Itália. Xaile das mulheres índias e persas.
- 7 Nome de mulher. Tipo especial de tecido de linho ou de algodão.
- 8 Ilha inglesa no mar da Irlanda. Medida de superfície.
- 9 Época. Antes do meio-dia.
- 10 Caminhariam aos saltinhos.
- 11 Viração. Rogo. Rainha da Arábia também chamada Belkiss.

VERTICAIS:

- 1 Trabalho penoso. Móvel sobre o qual se come.
- 2 Avarento. Curar.
- 3 Pronome pessoal. Trivial.
- 4 Ilha do Pequeno Belt. Viração. Porco.
- 5 Jarro (planta). Iridio (s.q).
- 6 Sociedade (fig). Prendo.
- 7 Tombar. Leito.
- 8 Curo. Ribeira de Portugal. Reis.
- 9 Naquele lugar. Exploraria.
- 10 Magnetizaria. Prefixo que designa afastamento.
- 11 Título do antigo rei de Calcut. Artigo indefinido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 552

HORIZONTAIS:

- 1 A. VERDADE. É.
- 2 Dais. Atolam.
- 3 Oil. Suamos.
- 4 Roa. SM. Id.
- 5 Rasaria.
- 6 Cás.
- 7 Gramaria.
- 8 Orara. AC.
- 9 Rabiscarias.
- 10 Ia. Orão.
- 11 Acamados. Sa.

VERTICAIS:

- 1 Adorar. ORFÁ.
- 2 Aio. Grá.
- 3 Vilar. Rabia.
- 4 És. Atariam.
- 5 SSS. Mas.
- 6 Dauma. Cod.
- 7 Ata. Ror. Aro.
- 8 Domai. Iaras.
- 9 Elo. Acácio.
- 10 Asi.
- 11 Em. Dosais.

PROVÉRBIO: A verdade é órfã.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 392

HORIZONTAIS:

- 1 Taipa. Piras.
- 2 Ris. Ero.
- 3 Aromatizara.
- 4 Golos. Datar.
- 5 Arola. Asa.
- 6 Ar. Cró.
- 7 Id. Época.
- 8 Morca. Amada.
- 9 Prior. Sanar.
- 10 Arc. Ará.
- 11 Só. Meio. Ao.

VERTICAIS:

- 1 Traga. Impas.
- 2 Aíró. Ador.
- 3 Isolar. Rim.
- 4 Mor. Eco.
- 5 Acaso. Param.
- 6 Lio. Re.
- 7 Puída. Casca.
- 8 Za. Cama.
- 9 Reatar. Ana.
- 10 Arraso. Dará.
- 11 Soara. Marão.

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles;
17.00: Informação regional;
17.15: Musicomania; 19.00:
Informação e música; 20.00:
Musical; 20.20: No estúdio e
no estádio; 20.35: Música por-
tuguesa; 21.00: A viver tam-
bém se aprende; 21.30: Noites
de luar; 23.30: Último jornal.
Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Sinfonia, n.º 7, de
Allan Petrossian; 16.45: A Árias
da ópera «A Italiana em Ar-
gel», de Rossini; 17.00: Quar-
teto, n.º 6, de Bela Bartok;
17.30: «Hary Janos», suite, de
Kodály; 18.00: Música de te-
cla; 18.40: Música vocal;
19.30: Música; 20.00: Trio, em
dó menor, op. 101, de Brahms;
20.22: Prelúdio e fuga, em dó
sustenido menor, BWV 849, de
Bach; 20.40: Música orques-
tral; 21.00: Antologia dos mú-
sicos portugueses; 21.30: A
ópera «Genoveva», de Schu-
mann; 23.45: Solos instrumen-
tais; 00.25: Canções, para so-
prano, de Michail Glinka;
01.00: Fecho. Noticiários de
hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e
397m)

14.00: Tarde à portuguesa;
17.00: Rápido das cinco;
19.00: Som de retorno; 20.00:
Conta corrente; 21.00: Musi-
cal; 21.30: Quando o telefone
toca; 22.00: Portugal e a CEE;
22.15: Programas religiosos;
23.00: 24.ª hora; 01.00: Peça o
que quiser; 02.00: No calor da
noite. Noticiários de hora a
hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: Som
da frente; 17.00: Pé-de-vento;
18.00: Círculo em FM; 19.00:
Em órbita; 20.00: Nova gera-
ção; 21.00: Jazzofone; 22.00:
Nunca mais é sábado. Noticiá-
rios de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

16.00: Rua Capelo; 18.00:
Jornal das regiões; 18.30:
Transmissão do terço; 19.30:
Memorando; 20.00: Programa
da LARR; 20.30: Do dia para a
noite; 21.00: Horizonte; 22.00:
Quando o telefone toca; 22.30:
Diário do desporto; 23.00:
Clube dos colecionadores;
24.00: Som de uma noite de
Verão; 02.00: Estação de ser-
viço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; 18.00:
Entrecampos; 19.30: Trans-
missão do terço; 20.00: Serra
de estrelas; 21.00: Vista alegre;
22.00: Oceano Pacífico; 24.00:
Último metro; 02.00: Estação
de serviço. Noticiários a todas
as horas.

TELEVISÃO



Na RTP-1, o 3.º episódio da «Montanha Mágica»



Ton Koopman: concerto gravado na Aula Magna



18.00 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio da série «As Aventuras de Marco Polo».

18.35 — Notícias

18.55 — Desporto

Debate

19.25 — As Mulheres no Mundo

«Suécia»... O Mercado de Trabalho na Suécia é o mais desigual do mundo industrializado, em termos de empregos masculinos e femininos. Como é natural, esta ordem de ideias reflecte-se na organização das escolas. As mulheres são profes-
soras primárias, enquanto os homens ensinam os níveis superiores, sendo melhor cotados e melhor remunerados.

19.55 — O Livro Grande de Petete

«O Equilíbrio»

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.30 — Vamos Jogar no Totobola

20.40 — «Louco Amor»

Isolda fecha a porta do quarto de Renata, im-
pedindo Denise de ouvir a conversa. Isolda pede à
embaixatriz que dê a Luís Carlos a quantia neces-
sária para ele deixar definitivamente o país. Ao
saber que o jovem pretende esquecer Patricia Re-
nata prontifica-se a ajudá-lo. Edgar fica impressio-
nado com o novo aspecto de Gisela quando ela
surge na sessão de autógrafos e convida-a para uma
festa em sua casa, nessa noite. Quando Renata
entrega a Isolda os dez mil dólares destinados a
Luís Carlos, esta conta-lhe que Denise ficou aler-
tada pela intimidade da conversa entre as duas,
deixando a embaixatriz preocupada.

21.35 — Panorama

Um programa de informação dedicado ao Ira-
que.

22.40 — «Montanha Mágica»

(3.º episódio): O fim de uma sociedade que
conduz a um descontrolo cada vez maior e a cres-

centes excessos parece inevitável. Realização de
Hans W. Geissendorfer.

23.45 — Último Jornal



19.30 — Desenhos Animados

«Recruta Bailey»



«Conheça Melhor»: desta vez a República
Federal da Alemanha

19.55 — O Último Fado

Com Deolinda Maria e José Pedro

20.10 — Conheça Melhor

República Federal da Alemanha: o ano de 1949
marca o ano da fundação da RFA. A rápida restau-
ração do país destruído é caracterizada mais tarde
como «milagre económico». Com a persistência do
conflito Leste-Oeste desvanece uma rápida recupe-
ração da unidade alemã.

20.40 — Much, Pintor da Angústia

(3.º episódio)

21.35 — Da... Música

Concerto com Ton Koopman, comemorativo do
20.º Aniversário do programa «Em Órbita». Este é
mais um dos quatro concertos que Ton Koopman e
a Amsterdam Baroque Orchestra gravou, com o
seguinte repertório: Abertura Suite n.º 2 BWV
1067 em si menor; Cantata «ICH Habe Genung»
BWV 82 para soprano (Montserrat Figueras). Pro-
dutor: Isabel Ayres; realizador: Jorge Castro.

22.30 — Jornal da Noite

AMANHÃ

RTP-1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Origens
18.00 — Tempo dos Mais Novos
18.35 — Notícias
18.45 — Documentário
19.20 — Poesia ao Vivo
19.55 — O Livro Grande de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Louco Amor
21.15 — Televisão
22.30 — Crime, Disse Ela
23.30 — Último Jornal

RTP-2

19.30 — Animação
20.00 — Recordações
21.00 — Directo/2
22.30 — Jornal da Noite

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
A MELHOR ASSISTÊNCIA
AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 - 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B - R. de Macau, 8-1.º LISBOA

MELO
INFORMÁTICA
CLUBE VIDEO VISITE-NOS!
JOSE DE MELO & SILVA, LDA.
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.
Loja Zodiaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)
Tel. Zodiaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1 20.30
Vamos Jogar no Totobola

RTP2 21.30
Da... Música

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça 17 - Cruz Quebrada - Telef 2112871

«Louco Amor» na RTP-1



Fim para Yul Brynner

Yul Brynner, o actor que se tornou famoso com o musical 'O Rei e Eu' morreu hoje, aos 65 anos, vítima de cancro.

Brynner morreu num centro médico do hospital de Nova York devido a múltiplas complicações resultantes do que foi inicialmente diagnosticado como cancro.

O actor tomou conhecimento pela primeira vez que sofria de cancro dos pulmões em Setembro de 1983.

Brynner obteve um Óscar, em 1956, pelo seu papel em 'O Rei e Eu' — a história de uma governanta inglesa do século XIX que foi para o Sião para ser a tutora do príncipe herdeiro e acabou por ensinar ao rei tanto quanto ensinava ao seu filho.

O papel de rei exigia que Brynner rapasse o cabelo e ele manteve-se sempre assim desde o seu início.

De seu nome verdadeiro Taidje Khan, Brynner nasceu na ilha de Sacalina, entre o Japão e a Sibéria. O seu pai era meio suíço, meio mongol e a mãe era considerada uma 'cigana pura' de Bessarábia.

A mãe de Brynner morreu durante o parto e ele foi viver com uns familiares em França. Juntou-se a um circo como acrobata e, aos 17 anos, depois de uma grave queda ficou com um problema crónico nas costas. Mais tarde, ingressou num clube nocturno com um grupo de ciganos.

Posteriormente, Brynner foi para Nova Iorque e tornou-se director de um programa da CBS. Com Mary Martin foi protagonista de 'Lute Song', um musical baseado numa peça chinesa do século XIV.

O «show» foi um fracasso, mas Oscar Hammerstein gostou de Yul Brynner e escolheu-o para o elenco de 'O Rei e Eu'.

O actor confessou que quando 'O Rei e Eu' estreou em New Haven «foi um desastre». No entanto, várias repetições garantiram-lhe um enorme êxito e Yul Brynner representou o papel de rei do Sião 4.625 vezes.

A peça foi representada na Broadway, em Chicago, em Los Angeles e em Londres. Com a versão em filme, Brynner obteve um Óscar.

Brynner representou outros papéis memoráveis, nos filmes 'Anastasia' (1956), ao lado de Ingrid Bergman, 'Os Irmãos Karamazov' (1958), 'Salomão e a Rainha de Sabá' (1959) e 'Os Sete Magníficos' (1960).

Jacinto Baptista e Mário Tomé

Dirigido ao director do «Diário de Lisboa» recebemos do jornalista e escritor Jacinto Baptista o seguinte esclarecimento:

«Peço um pequenino espaço do jornal que o meu Amigo tão dignamente dirige para que aí me deixe esclarecer que não deve ser entendido como adesão a um partido ou apoio político ao programa da União Democrática Popular um abaixo-assinado que, como independente, subscrevi e no qual se manifestava simpatia pelo ingresso do major Mário Tomé no Parlamento. Essa teria sido, continuo a pensá-lo, uma de muitas formas de se dar voz no hemisfério a uma significativa corrente de opinião e de aumentar o desejável pluralismo da representação parlamentar.

«A utilização do meu nome em contexto especificamente partidário distorceu a intenção com que eu, tendo em conta a desassombrada e estimável personalidade do meu amigo Mário Tomé, subscrevera o documento. Não viria do mal-entendido grande mal ao mundo, nem eu cuidei logo de desfazê-lo, episódio de mínima monta no maremoto eleitoral. Como quer, porém, que outros subscretores do abaixo-assinado, envolvidos no mesmo imbróglio, a que a difusão televisiva deu elevada ressonância, tivessem, nas hospitaleiras colunas do seu jornal, dito de sua justiça, e como o meu caso é idêntico ao deles, o meu silêncio poderia ser tomado como parte integrante de uma dinâmica partidária e eleitoral a que, na verdade, sou alheio.

«Muito grato pela atenção que lhe merecerem estas linhas, subscrevo-me com alta consideração e muita amizade.»

/D/E/C/A/R/A/S/



ALVES BARBOSA, um dos mais importantes ciclistas portugueses de todos os tempos, ofereceu a camisola amarela com que chegou vitorioso ao final da Volta a Portugal de 1956 para ser leiload a favor do Infância Jardim de Infância de Montemor-o-Novo. Esta oferta surge na sequência de uma campanha para angariação de fundos promovida por aquela instituição. Na carta que acompanha a histórica camisola, Alves Barbosa faz votos para que a respectiva venda possa ajudar o Infância a ultrapassar a crise resultante da deficiente política de apoios a instituições desta natureza.

NINO VIEIRA, presidente da República da Guiné-Bissau, irá este mês aos Estados Unidos da América a fim de participar nos trabalhos da Assembleia Geral das Nações Unidas — segundo fontes diplomáticas de Bissau. A ida de Nino Vieira carece ainda, contudo, de confirmação oficial, apesar de ter sido adiantado na capital guineense que o presidente discursará na



ONU, que este mês comemora o seu 40.º aniversário.

EMÍLIO MEDICI, que foi presidente do Brasil entre 1969 e 1974, faleceu ontem numa clínica cardiológica do Rio de Janeiro, com 79 anos. O general Emílio Garrastazu Medici, que se encontrava doente desde há alguns meses, fora eleito presidente da República pelo Congresso Nacional em Outubro de 1969 e governou até 1974. Sucedeu-lhe o general Ernesto Geisel.

HANS-HENNING VON SANDRART, chefe do Estado-Maior do Exército da República Federal da Alemanha, visitou as instalações do Comando do Exército português. O general Von Sandrart, que se encontra em Portugal a convite do seu homólogo português, general Salazar Braga, assistiu também a uma exposição sobre o Exército de Portugal e visitou o Museu Militar.

JEAN FRANÇOIS REVEL, filósofo e jornalista francês,



proferirá amanhã, em Lisboa, uma conferência subordinada ao tema «A rejeição do Estado, fenómeno dos nossos dias». Nascido em Marselha, Revel é licenciado em Filosofia pela Escola Normal Superior de Paris e, a partir de 1966, quando editorialista do «L'Express», tornou-se um dos mais importantes analistas políticos europeus. Mais recentemente, tornou-se um crítico dos socialismos em liberdade tipo francês, manifestando as suas ideias ao semanário «Le Point», onde colabora.

ROY JENKINS, parlamentar britânico bastante conhecido pelas suas actividades junto da CEE, estará presente no IV Congresso do Algarve, que decorrerá em Montechoro de 19 a 23 de Fevereiro do próximo ano. Segundo os organizadores, a presença de Jenkins será mais aliciante para que o Congresso do Algarve venha a ser, de novo, um encontro do mais alto nível proporcionado por alguns dos mais cotados especialistas nas mais diversificadas matérias.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:	
BRAGANÇA	11º
VIANA DO CASTELO	12º
VILA REAL	12º
PORTO	13º
COIMBRA	17º
CABO CARVOEIRO	15º
CASTELO BRANCO	15º
PORTALEGRE	19º
LISBOA	17º
ÉVORA	16º
BEJA	16º
FARO	18º
SAGRES	13º
PONTA DELGADA	19º
FUNCHAL	20º

MARÉS DE HOJE	
PREIA-MAR	BAIXA-MAR
12.09 3,60 m	05.33 1,70 m
12.09 3,60 m	18.07 1,30 m
Dia 11	
00.44 3,60 m	06.22 1,40 m
12.56 3,80 m	18.50 1,00 m

Editores espregitam o Nobel de Literatura

Os editores suecos aguardam com enorme expectativa a divulgação, este mês, do vencedor do Prémio Nobel da Literatura, interesse que não é apenas académico mas essencialmente motivado por interesses comerciais.

A editora das obras do vencedor do mais prestigiado prémio literário do mundo poderá incrementar fortemente as vendas na pátria do fundador do Ágio, Alfredo Nobel.

Claro que se for possível adquirir direitos mundiais sobre os trabalhos do laureado, os proventos serão ainda maiores.

«O prémio tem um elevado estatuto na Suécia, mais do que em qualquer outro país», afirmou Dorotea Brombergs, familiar do fundador de uma editora que adquiriu já direitos exclusivos sobre as obras de dois Prémios Nobel desde há dez anos.

A academia sueca que escolhe o vencedor, mantém as suas deliberações em segredo, todavia, as suposições sobre o eventual galardoado arrastam-se pelos círculos literários suecos à semelhança do que aconteceu com as conjecturas que envolveram o vencedor do prémio em 1984, o poeta checoslovaco Jaroslav Seifert.

As hipóteses deste ano apontam como candidatos o francês Claude Simon, o britânico Anthony Burgess, a sul-africana Nadine Gordimer, o argentino Jorge Luis Borges, o mexicano Carlos Fuentes e Wole Soyinka, da Nigéria.

Eanes vai a Cabo Verde em Dezembro

O Presidente da República efectua em Dezembro próximo uma visita de trabalho a Cabo Verde, disseram hoje à NP fontes diplomáticas em Lisboa.

Com uma duração prevista de três dias, esta será a segunda visita de Eanes a Cabo Verde, a convite do presidente Aristides Pereira.

A primeira visita, de Estado, ocorreu em 1979.

Na Primavera deste ano o Presidente português escalou o aeroporto cabo-verdiano do Sal quando se deslocou ao Brasil para o funeral do presidente eleito brasileiro Tancredo Neves, tendo nessa ocasião reunido com Aristides Pereira.

O presidente cabo-verdiano efectuou já duas visitas a Portugal, uma de Estado e outra de trabalho.

MARIA ISABEL BARRENO

“O Falso Neutro”

Ana Paula Portugal

O ensino dentro da sociedade portuguesa é o tema que serve de suporte a Maria Isabel Barreno (in «O Falso Neutro») num estudo que visa auscultar o estatuto, enganadoramente emancipado, da mulher na cultura. Neste ensaio, «realizado no I.E.D., com o apoio da UNESCO» (conforme nos anuncia Teresa Ambrósio na «Nota de Apresentação»), procede Isabel Barreno ao inventário de alguns estabelecimentos do ensino do distrito de Lisboa. E das razões dessa sua selecção nos afirma: «Escolhi dois antigos liceus (Escola Secundária Camões e Liceu Maria Amália) e duas antigas escolas técnicas (António Arroio e Fonseca Benevides), pensando que talvez ainda hoje perdurassem eventuais diferenças e que de alguma forma incidissem no tema deste trabalho. Devo desde já dizer que tal não se verificou: ou seja, perduram diferenças, mas estas relacionam-se com outros factos.»

Três aspectos me parece dever sublinhar nesta abordagem do funcionamento das escolas. Em primeiro lugar, o facto de a docência estar maiori-

tariamente sob a direcção das mulheres; em segundo lugar, o modo como esse magistério se processa; em terceiro lugar, a neutralidade sexual que, aparentemente, o norteia. Na análise destes três tópicos pretende, Maria Isabel Barreno responder às seguintes questões:

— «Quais as causas de escolhas profissionais diferentes para raparigas e rapazes? Poderão essas causas ser situadas no ensino, especificamente, ou no conjunto da sociedade, e no ensino apenas como parte desse todo?»

— «Poderá falar-se, relativamente a essas escolhas, numa continuação do passado?»

— «Na parte em que a causalidade da situação é imputável ao ensino, poderá a explicação consistir numa diluição progressiva dum inicial propósito igualitário, à medida que intervinham agentes sociais, do planeamento à concretização do ensino?»

E as respostas emergem com uma clareza, impossível de questionar, se aceitarmos como científico e representativo um estudo que se constrói a partir de dezassete entrevistas... É óbvio que o facto de essas entrevistas

se terem efectuado em quatro escolas de Lisboa nos revela o preconceito de que a capital portuguesa continua a ser Portugal. E este pressuposto é a única coisa condenável deste «O Falso Neutro», estudo que atinge a sua verdade irrefutável. Porque? Porque em todos os estabelecimentos do País se verifica que:

— o ensino é maioritariamente ministrado por mulheres;

— é uma profissão mal remunerada em termos de salário;

— os manuais escolares, por mais diversificados que sejam, têm em comum o serem veículo de uma cultura controlada pelo masculino (nesta análise procedeu a autora a um enunciado das disciplinas e da importância que o português nelas tem);

— a neutralidade sexual não é real porque, sempre que surge, aparece personificada pelo homem.

Claro que toda esta situação ultrapassa os estabelecimentos de ensino para se integrar no todo, estrutura social. E é aí que verificamos uma relação de poder na qual os elementos masculinos legislam soberanamente. Daí que as profissões

como o professorado, isto é, as ditas femininas, sejam mal pagas. Daí que os manuais escolares onde a mulher surge sem qualquer estatuto marginal (a companheira passiva que escuta o homem, o estimula no quotidiano ao mesmo tempo que se oculta na sua vulnerabilidade ou se mostra como objecto de sedução onde a beleza é o dado essencial), sejam raros. Assim, diz-nos Isabel Barreno: «Seguindo ainda esta questão do falso neutro, um pequeno texto que compus com frases tiradas das selectas — dos textos e das pistas de leituras.» Ei-lo: «O autor dirige-se aos homens. Deixa as sombras e vem. És homem como eu sou, há-de gostar de pisar com desdém a herança que não podes renovar. Os homens já não têm tempo para tomar conhecimento de nada. Compram coisas feitas aos mercadores. O homem pré-histórico. Já se os homens comessem somente depois de mortos parece que era menos o horror e menos a matéria de sentimento. Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de vida. Sempre que um homem sonha o mundo pula e avança. O amor é a mais



Maria Isabel Barreno

alta força criadora do homem. Os homens no espaço. A NASA ocupa actualmente 51 000 homens. Desde que nos fale do homem, das suas inquições, sobre quem é e para onde vai, a literatura tem, pois, de falar-nos do modo como ele se implanta e se sente no mundo. O homem deveria manter-se afastado da Lua, porque os seus objectivos são militares e não pacíficos.» De quem se fala, nestas várias frases?

«O Falso Neutro» é uma pertinente reflexão em torno de um referendo (o ensino) que mostra o contexto em que se insere. E, ao sê-lo, é mais uma denúncia a uma sociedade onde a mulher continua a emergir como um desses grupos eternamente explorados. Rigorosa análise efectuada no I.E.D., este estudo (das edições Rolim) apresenta-se-me de leitura obrigatória a toda aquela que inteligentemente pretende existir.

Bonnard
no atelier

Fernando Queiroz

AOS 64 anos o pintor pousou definitivamente os pincéis sobre a mesa. O que viu e o afligiu não lhe deu vontade de escrever. O Sol ainda não nascia e um esquecimento, interior, caía sobre tudo. Marie, Marie, porque morreste? As folhas, vê como estremecem (as fontes) Um rosto (que se pele, na morte) — ou uma chama que sobre a mesa se depõe (de súbito). Num tabuleiro as folhas — o rosto (Onde ainda fumeje um bule). O fruto. Sons d'ouro, que ainda nos vêm de longe? Só então os pincéis polsou. Num ponto d'ouro. De onde lhe vinha a luz. Limpida. Nocturna.

EPICURO

F. N. C. G. G.

É sem dúvida um facto, e um facto universalmente reconhecido, que a doutrina física de Epicuro não pretendia de modo algum ser o produto de uma curiosidade desinteressada. Para ele, a filosofia era «uma actividade prática que tinha por fim alcançar, através da palavra e do raciocínio, uma vida feliz», libertando os homens dos «dois grandes terrores que podiam perturbar as suas vidas — o medo da interferência arbitrária dos deuses no mundo e o receio do castigo da alma depois da morte». (C. Bailey, *The Greek Atomists and Epicurus*, p. 233). Por outro lado, foram precisamente estas finalidades de ordem prática que o levaram a procurar uma explicação puramente «racional» para coisas que lhe pareciam obscurecidas pela mitologia e pela superstição. Daí que os cientistas modernos ao procurarem entre as relíquias do pensamento antigo antecipações dos seus próprios métodos e resultados e ao encontrarem um pensa-

dor que rejeitava a mitologia e pregava o Atomismo tendam a concluir que Epicuro deve ter sido «científico», já que foi um racionalista e um materialista.

Tem-se tentado ultimamente demonstrar que o materialismo de Epicuro era inspirado por motivos filantrópicos. Assim, tem-se sustentado que a crença numa «vida extraterrena», quer no sentido idealista, quer no religioso, era defendida pela aristocracia e pelos ricos como meio de manter os pobres no seu lugar: o proletariado deveria alimentar-se da esperança ilusória de uma sorte melhor depois da morte, o que não custaria nem um centavo aos seus opressores nesta vida. Esta opinião, no entanto, não é apoiada nem pelos escritos do próprio Epicuro, nem pelo poema de Lucrécio. Duvido que seja possível encontrar uma única frase que sugira o mais pequeno interesse pelas desvantagens económicas quer do trabalhador livre, quer do escravo. Em contrapartida, são abundantes as provas de que

Epicuro sentia, e atribuía aos outros, horror perante a morte e ainda mais perante a ideia de «qualquer coisa depois de morte», qualquer coisa relacionada com a doutrina religiosa, especialmente a platónica, de que o mundo é governado por deuses a quem compete premiar e castigar o comportamento humano. Apreciando acima de todos os chamados bens terrenos uma paz de espírito que nada pudesse perturbar, tinha aqui motivos de sobejo para as doutrinas do materialismo. Mas, ao contrário do materialista moderno, não era ateu. Era-lhe mais cómodo acreditar em deuses gozando uma felicidade epicurista bem fora dos limites do nosso mundo ou de qualquer outro mundo, e a quem não era permitida a mais pequena interferência na elaboração ou no desenrolar dos acontecimentos terrenos. Tendo assim rejeitado quer o argumento baseado na existência de designios divinos, quer a necessidade de uma justiça divina,

deixou a existência dos seus deuses sem o suporte de quaisquer provas capazes de resistir a uma análise. A verdade é que a sua religião era mais puramente dogmática do que as crenças que denunciava.

Noutros aspectos o seu materialismo era tão convicto quanto o materialismo o pode ser. Na Luta entre Deuses e Gigantes, pertencia ao número daqueles que *tentam arrastar tudo para a terra, dos céus e do que é invisível, agarrando literalmente os rochedos e as árvores com as mãos: pois eles pegam em cada pau e cada pedra e afirmam teimosamente que só têm verdadeira existência aquelas coisas que é possível tocar e que oferecem resistência ao tacto. Identificam a realidade com o corpóreo; e mal alguém do partido oposto afirma que uma coisa é real, logo eles tomam uma atitude de desprezo, não querendo ouvir nem mais uma palavra.* (Platão, *Sofista*, 246 A).

Continua na pág. 2

EPICURO

Continuação da pág. 1

Este o resultado final da tradição iónica. Ao princípio, no esquema milésico, a «natureza última das coisas», embora corpórea, era matéria viva e dotada de movimento próprio. Depois, no século V, essa vida passou a ser encarada como forças motrizes, ainda corpóreas mas feitas de uma espécie extremamente subtil e penetrante de matéria comparável ao fluido eléctrico dos nossos antepassados. A sugestão de Anaxágoras de que a força motriz podia ser uma Inteligência capaz de «ordenar todas as coisas» foi retomada por Pla-

tão e incorporada na sua religião. A reacção de Epicuro contra a ideia de uma Providência benévola levou-o a vincar acentuadamente o carácter corpóreo do real. Recusava-se a acreditar fosse no que fosse a não ser em átomos sem vida, movendo-se mecanicamente no espaço vazio, com a consequência inevitável de que todos aqueles fenómenos da vida e da consciência que não podem ser inteiramente negados tinham, na medida do possível, de ser explicados em termos de contacto e colisão de átomos. O

conhecimento tem, de alguma maneira, de ser reduzido a sensação e esta ao tacto; pois o que é real é corpo e o corpo é essencialmente aquilo que é tangível. (Aristóteles, *de Sensu*, 442 a 29/Demoer. A' 119 — *Vors.* 5, II, p. 112: «Eles consideram tangíveis todos os objectos dos sentidos; sendo assim, todos os outros sentidos são uma espécie de tacto.») Chegamos assim à doutrina de que todos os objectos de percepção sensorial são reais e de que todas as percepções que deles temos são verdadeiros e infalíveis; pois Epicuro

era da opinião que bastaria pôr em dúvida uma única percepção para não podermos confiar em nenhuma outra e para o conhecimento dar lugar ao mais completo cepticismo. Como diz o dr. Bailey ao resumir esta doutrina:

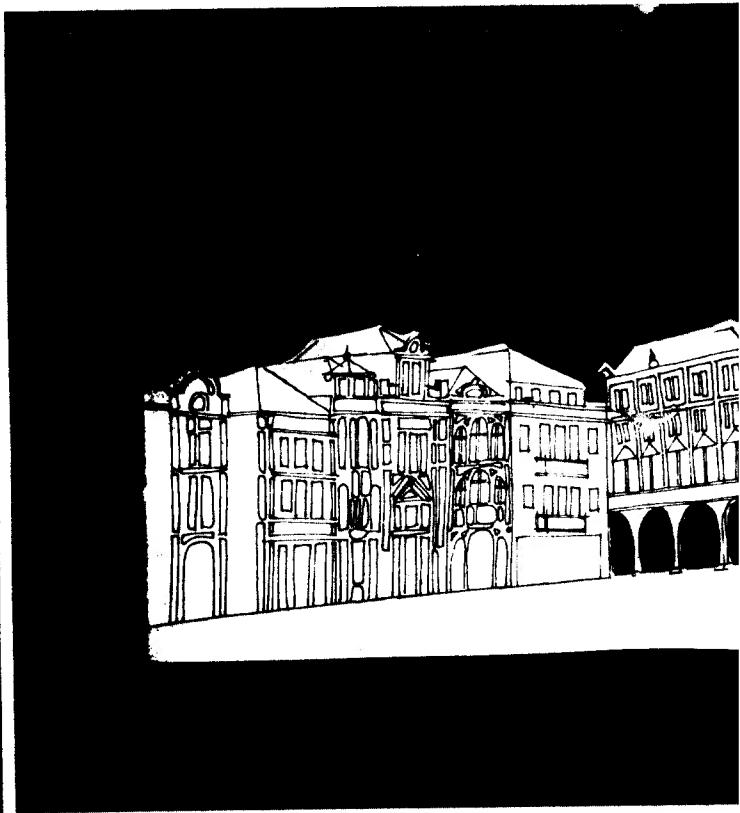
Não se torna difícil agora responder à pergunta «Como adquirirmos nós o conhecimento do mundo exterior?» Pois o corolário imediato da crença no carácter real e verdadeiro do mundo perceptível é a afirmação de que o único método de conhecer a verdade é a percepção sensorial; a sensação é a única e última garantia ou critério de avaliação da verdade. Este é, na realidade, o princípio fundamental de todo o sistema de Epicuro. (Greek Atomists, p. 237).

Será óbvio para qualquer pessoa familiarizada com a história do pensamento que este princípio dá lugar a uma série de problemas tremendos, aos quais Epicuro ou não prestou atenção, ou respondeu de forma inaceitável nos nossos tempos. O que nos interessa é antes descobrir se a afirmação categórica da verdade de todas as percepções levou Epicuro a seguir nas suas especulações aquilo que hoje considerariamos um método científico. Terá ele partido sempre da observação atenta dos dados dos sentidos, terá ele formulado hipóteses que pareciam estar de acordo com esses dados e finalmente submetido essas hipóteses à prova de uma nova observação? Será sem dúvida razoável exigir este procedimento a um homem que afirmava ser a percepção sensorial o critério último da verdade — tão razoável que os críticos modernos interpretem Epicuro partindo do princípio de que ele encarava a ciência como uma tentativa para descobrir as leis da natureza através deste procedimento.

Tendo dado uma importância tão exclusiva à percepção sensorial, Epicuro dividiu os objectos em três categorias, consoante o grau em que estavam dentro ou fora do alcance imediato dos sentidos. Em primeiro lugar temos aquelas coisas inteiramente perceptíveis, das quais é possível termos uma «visão clara» de perto; em segundo lugar, «o que se passa no céu e sob a terra», fenómenos perceptíveis que não é possível observar de perto; e, em terceiro lugar, as coisas que são totalmente imperceptíveis aos sentidos, tais como as realidades últimas, os átomos e o vácuo, que apenas são acessíveis ao pensamento.

(Extraído de

«Principium Sapientiae»)



Mal meu

O mal
é eu assistir-me
a cada
momento.

Observo
quem me observa:
pergunto quem é
— e sou eu.

Eros e I

Georges Bataille

SEM dúvida foi decisiva a passagem, ainda um pouco simiesca, do Homem de Neanderthal ao nosso semelhante; homem acabado cujo esqueleto não difere em nada do nosso e cujas pinturas ou gravuras dão-nos a saber que perdera o abundante sistema piloso do animal. O homem provavelmente peludo de Neanderthal tinha, como vimos, conhecimento da morte. E a partir de um tal conhecimento é que o erotismo surgiu, opondo a vida sexual do homem à do animal. Não se pôs o problema: em princípio o regime sexual do homem, que não é de estação como o da maior parte dos animais, parece derivar do regime que existe no macaco. Mas o macaco difere essencialmente do homem por não saber da morte. A conduta do macaco junto do congénere morto exprime a indiferença, enquanto o Homem ainda imperfeito, de Neanderthal, ao enterrar o cadáver dos seus fá-lo com supersticioso cuidado que trai ao mesmo tempo respeito e medo. Como a do macaco, a conduta sexual do homem resulta em princípio de uma excitação intensa que o ritmo das estações de forma alguma interrompe, mas tem a marca de uma reserva ignorada dos animais e que os macacos, em particular, não revelam... Com efeito, e pelo menos num sentido, a sensação de incómodo ligada à actividade sexual faz lembrar a sensação de incómodo ligada à morte e aos mortos. A «violência» ultrapassa-nos de uma forma estranha: em todas as circunstâncias, o que se passa é sempre estranho à ordem das coisas estabelecidas, à qual se opõe sempre esta violência. Há na morte uma indecência realmente diversa daquilo que a actividade sexual tem de incongruência. A morte permanece associada às lágrimas, enquanto o desejo sexual muitas vezes conduz ao riso. O riso, porém, não chega a ser suficiente para parecer o contrário das lágrimas: o objecto do riso e o objecto das lágrimas estão sempre relacionados com qualquer espécie de violência que interrompe o curso regular, habitual, das coisas. É vulgar que



Ao Douro, o que é do Douro

A propósito de uma crítica de Mário Castrim ao seu livro «Contos Tradicionais Portugueses», recebemos de Adolfo Simões Muller a seguinte carta:

UMA crítica não se agradece nem se discute. Não posso, porém, deixar de confessar-me deveras sensibilizado pela forma como V. procurou (e conseguiu, julgo eu) compreender os propósitos do meu livro «Contos tradicionais portugueses», que não pretende de modo algum ser um trabalho exaustivo do tema, mas um re-
viver daquelas memórias que felizmente existem quase sempre no coração do homem. Escrevi-o mais a pensar em mim do que nos outros, mesmos nos jovens, para os quais, aliás, não foi feito em tudo quanto ali vai.

Refere-se V. ao desvirtuamento da realidade quando se fala na beleza das margens do Tejo, do Guadiana e do Douro. Recolhi este pequeno conto (ou lenda) no livro «Tradições Populares de Portugal», publicado em 1882 por J. Leite de Vasconcelos quando este era ainda aluno da Escola Médica do Porto. O futuro grande Mestre, já então prestigiado investigador, cita Mondim da Beira como o local onde o conto teria sido por ele reco-

lhido. Mas alude a outras versões, do Porto, de Famalicão ou da serra da Estrela em que um dos três rios era o Tâmega, ou entravam o Mondego («vá o Mondego/pelo risco deste dedo»), o Zêzere e o Alva. E lembra ainda que na Rússia se contava uma história igual, a respeito do Volga, do Vazura, do Sozh, do Dnieper, etc. A lenda, então, seria explicada por Adolfo Coelho pela «ideia de os rios gelarem». E o que se passa com este conto dá-se com quase todos os outros que são, afinal, tão tradicionais de Portugal, como da Alemanha, da China ou do Peru. Mas isso levar-nos-ia muito longe...

Ainda, e se me permite, dir-lhe-ei que tenho para sair — devia ter saído por altura da Feira do Livro — um livro, esse para jovens, com a história do Douro, há bem meia dúzia de anos (ainda a RTP não pensaria na história dos rios) entregue na Bertrand para uma colecção «Cada rio tem muito que contar», inspirada num livro alemão com a história dos grandes rios do mundo. Saiu o primeiro volume, «Tejo, rio universal», e pouco

depois, como se sabe, a Bertrand foi-se por água abaixo... Pois nesse segundo volume da série (teria terceiro?) faço a biografia do Douro, desde que nasce, passa por Numância, a cidade «morta», vê Zamora e a sombra do Cid, chega a Portugal, encontra os pauliteiros de Miranda, evoca os castelos que o circundam — pensando nos castelos do Loire... —, recorda a tragédia da ponte das Barcas, a obra do Padre Américo, os mesteriais da nossa terra, a morte do barão escocês, a última viagem do último rabelo, a receita das «tripas» e o seu porquê, o romance de uma gota de vinho do Porto, a alegre e duríssima faina das vindimas, as festas do S. João e tudo o mais até que o rio chega ao mar.

E pronto! Perdoe a «letra»: escrevo à máquina só com dois dedos, e convenhamos que, para dois dedos de conversa, já foi andar... E tudo isto porque uma crítica não se agradece nem se discute.

Um abraço do seu admirador, muito grato (não pela crítica, mas pela sua obra).

Colares, Casa do Passaro Azul, 22 de Julho de 1985

Adolfo Simões Muller

Nota

por

escrito

É uma praça quase de brinquedo no coração da vila. Meio palmo de terra, ou ainda menos.

Mas a partir de agora fica mais importante. Tem nome. Nome grande. Filho adoptivo, está certo, que nisto de amor tem muito valor e criação.

Está ali o monumento ao escritor. A lápide coberta com a bandeira nacional. A espera que a descerrem para que o baptismo se consuma.

Quem terá essa honra? Talvez um escritor, seu confrade, estão ali alguns e merecedores dela. Estão ali companheiros de luta, que com o grande escritor e grande português partilharam perigo, aventura, ideal. Estava ali um jovem presidente da Câmara, orgulhoso da sua gente, com palavras repassadas de emoção de cada vez que se refere ao homem a quem o monumento se refere.

Quem iria, pois, dizer à praça: «Eu te baptizo em nome de...» Talvez, penso eu, fosse bom que todo aquele povo que se juntava em redor do largo avançasse e puxasse a bandeira e consumasse o acto. Mas não seria prático. Uma onda fortíssima, por cima dos canteiros, atropelando-se? Romântico, mas só isso.

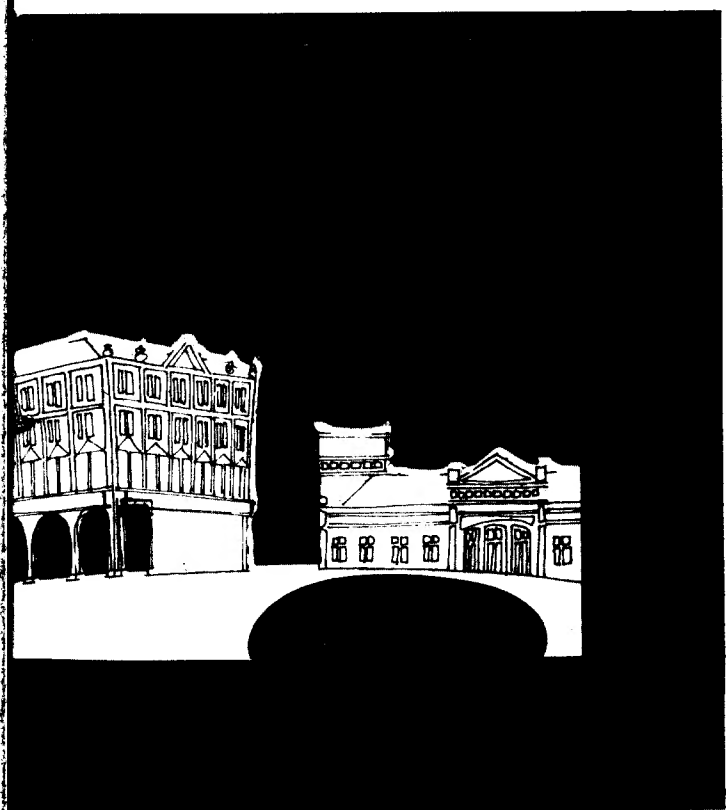
Estava eu congeminando minhas hipóteses quando vejo a Banda preparar-se para encenar a inauguração. Mas tudo quieto, tudo nos seus lugares, os escritores e outros artistas, os companheiros de sempre e para todo o sempre, o Presidente da Câmara. Quem seria a pessoa importante que?...

Eis vejo avançar um rapazinho, calças de ganga, camisa listada, boné malandro sobre os olhos, donde diabo o conheço eu? Onde é que eu já o vi?

O rapazinho avança, solene, tira a bandeira, enrolava em volta do braço. Põe-se um nó na garganta, enquanto as máquinas fotográficas disparam. Então, ao clarão de uma lágrima, eu descobri: eu conhecia aquele menino dos ESTEIROS...

Isto aconteceu exactamente assim, domingo passado, em Alhandra, durante a inauguração do monumento a Soeiro Pereira Gomes, filho adoptivo de Alhandra, com raízes eternas mergulhadas no coração deste povo.

M.C.



Pedro Alvim

Sou, somos em mútua vigilância

— e fuga não há / sequer na distância...

é morte

as lágrimas se liguem a imprevisíveis factos que desolam mas, por outro lado, um fim feliz e inesperado chega por vezes a emocionar-nos até às lágrimas. É evidente que a desordem sexual não nos arranca lágrimas mas perturba sempre, transtorna, e às vezes de duas coisas uma: faz rir ou faz a nossa entrega, não direi já à violência do amplexo, mas...

É-nos com certeza difícil aperceber clara e distintamente a unidade da morte com o erotismo ou a consciência da morte e do erotismo. Por princípio, o desejo exasperado não pode opor-se à vida que resulta dele. E o momento erótico chega a ser o auge dessa vida cuja mauir força, cuja intensidade maior, se levantam no minuto em que dois seres se atraem, copulam e se perpetuam. Trata-se da vida, trata-se de fazer a sua reprodução mas, reproduzindo, transborda a vida: e ao transbordar atinge o delírio extremo. Os corpos misturados que todos se torcem no êxtase, se abismam em excessos de volúpia, são o oposto da morte que mais tarde há-se votá-los ao silêncio da corrupção.

Segundo parece, ao olhar de todos o erotismo está realmente ligado com o nascimento, a reprodução que repara, sem fim, as devastações da morte.

E não é menos verdade que o animal, o macaco cuja sensualidade se exaspera às vezes, ignora o erotismo. Ignora-o, justamente, por lhe faltar o conhecimento da morte. Pelo contrário, de sermos humanos e vivermos na sombria perspectiva da morte, conhecemos a violência exasperada, a violência desesperada do erotismo.

É verdade: ao falar dos limites utilitários da razão apreendemos o sentido prático e a necessidade da desordem sexual. Mas de igual forma não terá razão quem lhe encontra o sentido fúnebre e chama «pequena morte» à sua fase terminal?

Jogos do século

Raul Castro

Cada guarda-livros é um trovador que canta com números para o seu senhor, mas com a diferença de em vez de coração só usar os livros de escrituração.

(De «O Trabalho», revista mensal da Associação Portuguesa de Escritores, Junho de 1985)

SONETO BLA

(Do livro inédito «Realidade»)

Manuel Bandeira

Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá

Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá

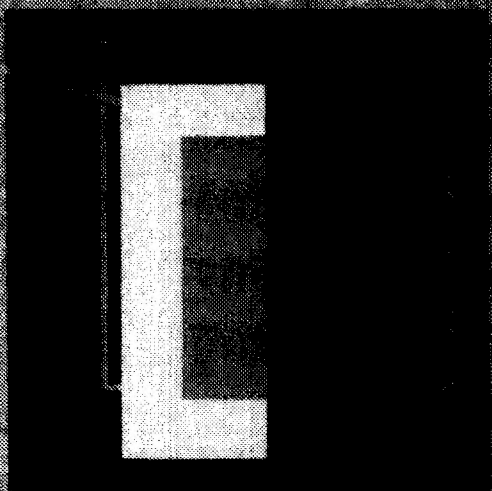
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá

Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá
Blá blá blá blá blá blá, blá blá blá blá blá blá

AS LETRAS EM DIA E NOITE

JOSÉ JORGE LETRIA

AS ESTACÕES
DO ROSTO



COLEÇÃO
Cesário Verde

«**A** S estações do rosto», livro de José Jorge Letria que obteve o Prémio José Galeno de Poesia — 1984, da Sociedade Portuguesa de Autores, acaba de ser editado pela Litexa Portugal. Nos primeiros dias de Outubro, na SPA, realizar-se-á a sessão pública de lançamento deste excelente trabalho de José Jorge Letria no campo da poesia.

Letria, que é jornalista profissional — começou aqui no «DL» em 1970 e hoje é redactor de «o diário» — tem vindo a afirmar-se como uma verdadeira revelação da poesia portuguesa. Começou em 1973 com «Mágoas Territoriais» (Assírio & Alvim), e desde então já publicou «Coração em Armas» (Livros Horizonte, 1977), «Os dias Cantados» (Caminho, 1978), «Navegador Solidário» (Edição do autor, 1980), «O Desencantador de Serpentes» (Menção do Prémio de Autores Portugueses da Associação Portuguesa de Escritores, 1982, editado pela Litexa em 1984) e «Adivinhação do Azul» (Prémio Florbela Espanca, edição da Câmara Municipal de Vila Viçosa, 1984). Em 1983 foi galardoado com o Prémio «O Ambiente na Literatura Infantil», da Comissão Nacional do Ambiente, pelo livro «O Grande Continente Azul».

José Jorge Letria, que tem apenas 34 anos, tem vindo a dispersar o seu enorme talento por numerosas actividades: além do seu trabalho diário no jornalismo, que nunca interrompeu, escreveu já vários livros em prosa para crianças; viu editados dois volumes seus sobre «A Canção Política em Portugal» e «A Canção como Prática Social»; é autor e intérprete de canções, tendo gravado nove LP's, um dos quais para crianças; foi também actor num filme e em diversas peças de teatro.

José Letria, cuja actividade criadora é na verdade impressionante, tem quase prontos para publicar mais cinco títulos: «O Fel da Balança» (contos), «O pescador de Sol e Outras Histórias», «Fadas Contadas» e «Contos do Tapete Voador» (todos para crianças) e «Fotógrafo das Águas» (poesia).



ESTANTE INFANTIL



TÍTULO — O Grilinho Socoyote no circo de pulgas e outros contos de animais.

AUTOR — Gilberto Rendón Ortiz

ILUSTRADOR — Enrique Martínez

EDITOR — Casa de las Américas

GILBERTO RENDÓN ORTIZ transporta-nos ao mundo dos animais que o mesmo é dizer, ao mundo da poesia, do encanto, do maravilhoso. Fá-lo por diversos ângulos, desde o aproveitamento popular tradicional até à simples fábula, passando pela história de proveito e exemplo.

Em todos estes aspectos, Gilberto Ortiz utiliza uma liberdade pessoal de inventiva e de tratamento que dá às suas histórias uma inesperada riqueza. Mesmo naquelas histórias em que a conclusiva moral está presente, tudo se passa sem o aspecto de receita com todos os ingredientes à vista. Há sempre um toque de humor, de poesia. Ele junta a alegria de viver à alegria de contar. Não se trata nunca de prestar uma lição: trata-se de juntar os amigos à sua volta e contar com alegria a felicidade de ser livre, inteligente, autêntico. Porque, pormenor importante na arte de Gilberto Ortiz, mesmo quando os bichos, bichinhos e bicharocos se metem pela estrada do maravilhoso, fazem-no com as suas próprias patas, isto é, com a sua natureza, a sua íntima e total realidade.

Outro pormenor importante é o tom pessoal, o estilo que não cede à oralidade gratuita nem à descrição enfadonha: há um excepcional equilíbrio entre o discurso directo e a narração. Quem escreve para crianças sabe bem as dificuldades que isso comporta.

Gilberto Ortiz nunca cede igualmente à pobreza vocabular. Pelo contrário, ela é de uma grande riqueza. Também no jogo das palavras moram lado a lado a sua realidade e a sua invenção, já que o respeito pelas palavras inclui o direito a tratá-las como brinquedos. Os escritores para crianças têm, neste aspecto, muito a aprender com Gilberto Ortiz. E as palavras não se zangam. Ficam até muito gratas. Há em cada palavra um arco-íris que é preciso acordar.

Gilberto Ortiz é já autor de uma vasta obra para crianças. O livro de que falamos hoje obteve o Prémio Casa de las Américas, a grande, prestigiosa editora cubana. A provar que há quem saiba que, em literatura como em tudo o mais, quem quiser semear no futuro, tem de semear nas crianças.

As ilustrações de Enrique Martínez, de excelente qualidade, integram-se no ambiente geral da obra: a maior invenção dentro da maior verdade. É o melhor elogio que se lhe pode fazer.

Mário Castrim